BOLETIM DA

# SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXIX • FEVEREIRO DE 1954 • N.º 324

# FORMAÇÃO DE NOVOS CAFÈZAIS

A questão do nomadismo dos cafèzais característica secular da nossa lavoura, acaba de ser examinada com muita segurança pelo agrônomo João Quintiliano de Avelar Marques, chefe da Secção de Conservação do Solo do Instituto Agronômico de São Paulo. Segundo afirma esse estudioso, é indispensável definir-se uma obrigação legal para a formação racional de novas lavouras de café e proteção do solo nas lavouras já formadas. Isso porque continua, impiedosa, a depredação dos recursos renováveis com que a natureza nos dotou. Práticas agrícolas comprovadamente nefastas têm provocado um profundo desequilíbrio em nossa natureza e um irreparável dano ao país.

Isso explica o nomadismo da nossa agricultura, numa busca incessante às terras virgens para substituição das já esgotadas e improdutivas, resultantes das práticas agrícolas predatórias. O café surge, desde logo, como o exemplo mais frisante de tal estado de coisa, dadas as elevadas exigências do cafeeiro em matéria de fertilidade do solo e, notadamente, de riqueza de húmus. Em consequência estamos, agora, explorando as últimas reservas de terras virgens adequadas à cultura de café. Portanto, se não quisermos ver, em futuro mais próximo do que se imagina, a decadência inepalável dos cafés e a derrocada da economia cafeeira temos de assegurar a formação racional das lavouras.

A erosão, sustenta o Sr. João Quintiliano de Avelar Marques, é a causa maior do nomadismo do café, fenômeno agravado pela formação anti-racional das respectivas lavouras com as ruas dispostas a favor das águas e sem as necessárias medidas para contrôle da erosão. Ensaios numerosos do Instituto Agronômico mostram que em culturas anuais do tipo do algodão e do milho, em declividade entre 6,5 e 10%, em média, para os tipos de solo arenoso, massapê e roxo, enquanto o plantio com as ruas morros abaixo perde, por ano, cêrca de 26 toneladas de terra por hectare e 6,6% das chuvas caidas, a forma de plantio segundo as curvas de nível do terreno perde apenas 14 toneladas de terra e cêrca de 4% das chuvas caídas. Nas culturas permanentes, como é o caso dos cafèzais, as práticas de contrôle da erosão são ainda mais vantajosas, já que a permanência das ruas, anos após anos, no mesmo local vai acentuando, com o passar das máquinas, as operações culturais e a própria terra retida, a formação de barreiras mecânicas de terra, que funciona como verdadeiros terraços ao longo de cada rua.

Portanto, urge racionalizar a cultura cafeeira não sòmente para evitar a continuação dos efeitos devastadores da erosão mas, igualmente, para obter custo de produção mais razoável e um rendimento agrícola mais elevado, elementos valiosos para enfrentar a competição internacional no comércio mundial do café. Daí a sugestão final do autor que prevê a votação de uma lei tornando obrigatória na formação de novas lavouras de café, no país, o plantio racional, dispostas as fileiras de plantas em espaçamentos adequados, segundo as curvas de nível do terreno e utilizando sementes de boa qualidade genética. A assistência técnica e financeira oficial será condicionada ao atendimento dessa exigência, ficando, além disso, assegurado aos lavradores que a satisfizerem outras vantagens materiais arroladas. Ao mesmo tempo, os lavradores que formarem novas lavouras desatendendo as exigências ténicas constantes da lei não poderão usufruir uma série de favores especificados pelo autor, o que importa, pràticamente, em tornar inexequível a sua efetivação, vale dizer impossibiliar a formação dessas lavouras condenadas.

SILVA XAVIER

**(Do "O Globo" — Rio, 16-6-53)**

# Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

**Redator-Chefe: J. TESTA**
Sede: Largo da Misericórdia, 24

| **Ano XXIX** | **FEVEREIRO DE 1954** | **Número 324** |
|---|---|---|

## Sumário



**NOSSA CAPA:** Belo aspecto do cafèzal sombreado da Fazenda **Santa Clara da Serra,** do dr. **Paulo Whitaker,** em Mococa, S. Paulo. O sombreamento do cafeeiro não pode ser feito a esmo: tem diretrizes e peculiaridades. Os adeptos dessa prática são, todos êles, experimentadores por conta própria, e, investigando, descobrem novos processos, adaptações e melhorias. Um dêsses estudiosos, **doublé** de lavrador, é o dr. **Paulo de Barros Whitaker,** fazendeiro em **MOCOCA.** Suas duas conclusões básicas são: a que se refere ao tempo necessário ao pleno aproveitamento das árvores sombreadoras, e a que se relaciona com o emprêgo do capim-gordura na cobertura do solo do cafèzal sombreado. (Referências à página 88)

# Colaboração

# A ALTA DOS PREÇOS DO CAFÉ

## Não há retenção e sim escassês

JOSÉ TESTA

A recente subida das cotações do café, tanto nos mercados internos como externos, trouxe, pela sua amplitude e também pela rapidez com que se verificou, considerável agitação, bem maior que de outras vezes em que o fenômeno se tem apresentado. Nos Estados Unidos, principalmente, onde a opinião pública é atenta e vigilante, a elevação dos preços ocasionou numerosas declarações, artigos, protestos e outras manifestações, que culminaram com a aprovação, pela Câmara dos Representantes, de um projeto de investigação sôbre as causas da alta.

Cabe, todavia, notar que a grande imprensa, especialmente de Nova York, se mostrou bastante segura e bem informada nos seus comentários, que abordavam, principalmente, o aspecto da escassês do produto, para justificar as alterações verificadas no mercado.

Evidentemente, a questão se prende, precìpuamente, a razões de ordem estatística. Já as safras no Brasil, e principalmente em S. Paulo, vêm sendo restritas, há muitos anos, por causas diversas, dentre as quais podem ser citadas as seguintes: motivos climatéricos (sêcas e geadas principalmente); envelhecimento progressivo da massa maior de cafeeiros, que precisa e vai sendo substituida, mas lentamente; falta de financiamento e de preços adequados, nos últimos anos, o que ocasionou máu trato dos cafèzais; pragas e moléstias diversas, dentre as quais a "broca" e o "bicho mineiro". Nem seriam necessárias as recentes e graves geadas para justificar a queda da produção abaixo dos níveis da procura mundial, pois, é sabido, de acôrdo com as estatísticas internacionais, que a oferta, nos últimos anos, tem sido inferior em 1, 2 e até 3 milhões de sacas às necessidades do consumo.

E' possível, todavia, admitir que alguns fatores secundários tenham, igualmente, cooperado para criar a situação da qual se originou a recente e considerável alta das cotações. E' provável que um dêles tenha sido a própria atitude de muitos dos nossos compradores, nos mercados externos, os quais, não dando muito crédito às afirmações de procedência brasileira sôbre os efeitos das geadas, alarmaram-se posteriormente, forçando as compras e consequentemente a alta das cotções. Realmente, é comum, entre nós, o hábito de se divulgarem, por particulares, dados estatísticos muitas vezes inexatos e às vezes mesmo tendenciosos, ao envés de se cingirem à publicação de comentários e estatísticas dignas de fé e imparciais. Êsse hábito é conhecido nos Estados Unidos, onde, por isso, (mas injustamente), são às vezes mal vistos os serviços estatísticos brasileiros.

Outra razão secundária que poderia ter influido na alta das cotações do café seria, em pequeno gráu, a especulação (e aliás o inquérito

americano poderá ter o mérito de esclarecer êsse ponto) explicável em períodos de escassês e, evidentemente, não apenas no mercado produtor. E' fenômeno natural, e próprio da índole do comércio, o jogo das altas e baixas do mercado, em quaisquer épocas, e muito especialmente em ocasiões peculiares, como a presente. Muito natural seria, pois, que, paralelamente à escassês, diríamos quase carência do café, alguém jogasse com o malabarismo das cotações. Mas, como acima dissemos, êsse fator seria absolutamente secundário, desnecessário mesmo para explicar o que só por si, exuberantemente, explica a excepcional situação estatística do produto.

Muito oportuna foi, pois, a iniciativa do Instituto Brasileiro do Café, do Delegado Brasileiro ao Bureau Pan Americano e das autoridades nacionais, no sentido de fazer com que pessôas responsáveis do comércio cafeeiro norte-americano, jornalistas e representantes das Donas de Casa pudessem vir constatar pessoalmente os estragos produzidos pela geada em nossos cafèzais e a inexistência de estoques retidos em nossos armazéns.

Dessa observação **in loco** — que por muitos foi mal recebida, mas que é indicada e oportuna — os primeiros resultados já se verificaram, com o abrandamento evidente da campanha, não apenas baixista mas, em certos casos, tendenciosa, que se vinha fazendo nos Estados Unidos.

A produção mundial, como acima dissemos, não só na presente safra como nas anteriores, tem sido inferior em 1, 2 ou 3 milhões à procura, sendo apenas possível manter-se o suprimento devido às reservas que ainda existiam, as quais, todavia, se exauriram, chegando-se agora a uma situação nunca verificada; a de se desfalcarem até os estoques normais dos portos e deixarem os próprios produtores brasileiros de beber o seu café nas quantidades e preços habituais.

Neste breve estudo não nos iremos deter, com relação ao assunto. Mas, seria interessante focalizarmos aqui, com dados, três pontos capitais: o de que as safras, no Brasil, têm sido avaliadas antes **para menos que para mais**; o de que elas, em São Paulo principalmente, vêm em declínio desde 1941, não sendo necessário o fenômeno da geada recente para explicar a diminuição da produtividade, em um mundo onde aumenta o consumo; e o dè que essas safras, diminuidas, e principalmente a última, menor ainda, têm seguido rigorosa e disciplinadamente aos portos, sem qualquer retenção, que não se justificaria, dada a inexistência de sobras.

Os quadros estatísticos que se seguem demonstram, insofismàvelmente o que acima vem exposto.

# Estado de São Paulo

Comparação entre a avaliação das safras cafeeiras e os despachos ferroviários
1926/27 a 1953/54

| SAFRAS | Cafeeiros em produção | Avaliação (em sacas) | Média arrobas por mil pés (segundo a avaliação). | Embarques Ferroviários (em sacas) | Média arrobas por mil pés (segundo os embarques ferroviários) |
|---|---|---|---|---|---|
| 1926/27 ......... | 950 000 000 | 9 600 000 | 40,42 | 9 877 000 | 41,59 |
| 1927/28 ......... | 1 068 496 000 | 18 131 150 | 67,88 | 17 982 000 | 67,32 |
| 1928/29 ......... | 1 075 000 000 | 6 934 250 | 25,80 | 8 815 000 | 32,80 |
| 1929/30 ......... | 1 100 000 000 | 17 687 987 | 64,32 | 19 490 000 | 70,87 |
| 1930/31 ......... | 1 117 306 000 | 9 337 075 | 33,43 | 10 097 000 | 36,15 |
| 1931/32 ......... | 1 242 405 000 | 18 750 522 | 60,37 | 18 829 000 | 60,62 |
| 1932/33 ......... | 1 335 193 000 | 10 978 500 | 32,89 | 11 689 000 | 35,02 |
| 1933/34 ......... | 1 479 392 301 | 20 520 000 | 55.48 | 21 850 000 | 59,08 |
| 1934/35 ......... | 1 467 847 688 | 10 519 998 | 28,68 | 10 943 877 | 29,82 |
| 1935/36 ......... | 1 420 555 884 | 12 124 340 | 39,77 | 13 497 300 | 38,01 |
| 1936/37 ......... | 1 366 605 403 | 15 368 129 | 44.98 | 17 531 497 | 51,31 |
| 1937/38 ......... | 1 372 305 489 | 17 708 000 | 51,62 | 15 886 795 | 46,31 |
| 1938/39 ......... | 1 352 501 425 | 14 607 881 | 43,20 | 15 613 375 | 46,18 |
| 1939/40 ......... | 1 321 416 839 | 15 661 131 | 47,41 | 12 363 692 | 37,43 |
| 1940/41 ......... | 1 270 890 205 | 14 833 468 | 46,69 | 10 259 020 | 32.29 |
| 1941/42 ......... | 1 240 911 010 | 5 884 350 | 18.97 | 9 140 173 | 29,46 |
| 1942/43 ......... | 1 262 444 518 | 8 041 948 | 25,48 | 8 578 074 | 27,18 |
| 1943/44 ......... | 1 268 278 462 | 8 906 164 | 28,09 | 6 329 341 | 19,96 |
| 1944/45 ......... | 1 218 422 942 | 5 092 245 | 16,72 | 4 228 068 | 13,88 |
| 1945/46 ......... | 1 124 487 926 | 6 609 945 | 23,51 | 6 161 928 | 21,92 |
| 1946/47 ......... | 1 027 983 911 | 8 000 778 | 31,13 | 8 874 751 | 34,53 |
| 1947/48 ......... | 1 035 322 019 | 7 168 957 | 27,70 | 6 521 620 | 25,20 |
| 1948/49 ......... | 1 024 510 732 | 9 034 685 | 35,27 | 11 203 199 | 43,74 |
| 1949/50 ......... | 1 047 487 103 | 8 681 309 | 33,15 | 7 369 887 | 28,14 |
| 1950/51 ......... | 1 056 857 138 | 8 014 053 | 30,33 | 8 253 977 | 31,24 |
| 1951/52 ......... | 1 061 125 037 | 6 698 816 | 25,25 | 6 286 450 | 23,70 |
| 1952/53 ......... | 1 071 432 399 | 8 302 329 | 31.00 | 7 217 431 | 26,40 |
| 1953/54 ......... | 1 093 375 944 | 7 834 866 | 28,66 | 5 964 825(*) | 21,82 |

(*) Até 31 de janeiro de 1954.

# EXISTÊNCIA DE CAFÉ DISPONÍVEL NO BRASIL (NOS PORTOS)

EM 30 DE JUNHO E 31 DE DEZEMBRO

| DATA | PÔRTO DE EMBARQUE | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Recife | Salvador | Vitória | R. Janeiro | A. dos Reis | Santos | Paranaguá | Total |
| 1947 — Junho — 30 .. | 91 054 | 97 302 | 105 377 | 564 390 | 21 243 | 1 899 174 | 102 240 | **2 880 780** |
| Dezembro — 31 | 45 633 | 78 512 | 69 658 | 608 953 | 51 553 | 2 182 355 | 286 000 | **3 322 664** |
| 1948 — Junho — 30 .. | 51 970 | 73 952 | 22 542 | 753 597 | 7 278 | 2 216 177 | 161 320 | **3 286 836** |
| Dezembro — 31 | 34 532 | 71 256 | 16 515 | 845 299 | 45 592 | 2 128 582 | 366 532 | **3 508 308** |
| 1949 — Junho — 30 .. | 17 369 | 60 283 | 13 690 | 592 354 | — | 2 263 964 | 61 642 | **3 009 302** |
| Dezembro — 31 | 37 317 | 28 441 | 104 491 | 842 238 | 37 888 | 2 211 429 | ...284.884 | **3 546 688** |
| 1950 — Junho — 30 .. | 14 532 | 28 894 | 51 202 | 625 894 | 4 012 | 1 508 597 | 57 547 | **2 290 678** |
| Dezembro — 31 | 23 921 | 11 042 | 52 258 | 659 672 | 29 725 | 1 666 001 | 547 305 | **2 989 924** |
| 1951 — Junho — 30 .. | 12 370 | 10 076 | 22 307 | 498 745 | 15 660 | 1 567 769 | 278 963 | **2 405 890** |
| Dezembro — 31 | 18 354 | 9 010 | 79 446 | 684 662 | 62 541 | 1 807 853 | 594 449 | **3 256 315** |
| 1952 — Junho — 30 .. | 10 981 | 6 137 | 38 505 | 487 432 | 250 | 1 561 362 | 105 541 | **2 210 208** |
| Dezembro — 31 | 16 124 | 13 078 | 53 080 | 271 290 | 35 191 | 1 872 270 | 691 605 | **2 952 638** |
| 1953 — Junho — 30 .. | 4 149 | 7 027 | 53 056 | 174 463 | — | 1 935 311 | 707 067 | **2 881 073** |
| Dezembro — 31 | | | | | | 1 633 937 | | |

# ENTRADAS DE CAFÉ NO PÔRTO DE SANTOS

## QUANTIDADES MENSAIS

| | | |
|---|---|---|
| 1953 — | Janeiro | 530 519 |
| | Fevereiro | 575 692 |
| | Março | 652 164 |
| | Abril | 600 323 |
| | Maio | 545 235 |
| | Junho | 512 032 |
| | Julho | 420 000 |
| | Agôsto | 637 164 |
| | Setembro | 790 922 |
| | Outubro | 908 163 |
| | Novembro | 604 207 |
| | Dezembro | 500 285 |
| | TOTAL | 7 276 706 |

# A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

**O. T. MENDES SOBRINHO**
**Engenheiro-Agrônomo**
**Subdivisão de Estações Experimentais**
**Instituto Agronômico, Campinas SP.**

(Continuação)

## 5.7 — SITUAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

### 5.7.1 — História e Situação Política

Vasco da Gama, o lendário navegador português foi, possìvelmente, o primeiro europeu a tocar as terras da África que constituem a Colônia de Moçambique. Em sua viagem de 1497, para a descoberta da rota das Índias Orientais, após dobrar o Cabo da Bôa Esperança passou pela baía de Lourenço Marques e a 10/1/1498 sua armada chegou à foz de um pequeno curso d'água ao qual denominou Rio do Cobre e onde fizeram o primeiro desembarque em terra moçambicana. A hospitaleira recepção proporcionada pelos nativos aos navegantes fez com que êstes batisassem o novo sítio com o nome de "Terra da Bôa Gente", hoje Inhambane, capital da província do Sul do Save. O ponto seguinte tocado por Vasco da Gama foi Quelimane, ao norte do Rio Zambeze, atual capital da Província da Zambézia. A esquadra ancorara na foz de um rio, onde havia sinais da presença de árabes, e para o grande almirante foi êsse o indício do caminho para as Índias, dando então, ao rio, o nome de Rio dos Bons Sinais. Prosseguindo rumo ao norte, a 2 de Março tocou a Ilha de Moçambique, onde deparou com árabes do Mar Vermelho, estabelecidos em colônia de mercadores. Em 1500, Pedro Álvares Cabral, na viagem da descoberta do Brasil, quando prosseguia rumo às Índias, aportou também em Quelimane. Mas, foi ainda o grande Vasco da Gama que tomou posse da nova terra estabelecendo, em 1502, uma feitoria na Ilha de Moçambique. Da ilha, os portuguêses passaram-se para o continente, em 1510, e se estabeleceram com nova feitoria em Tungue. As terras que constituem a África Oriental Portuguêsa, achavam-se, àquêle tempo, divididas em dois grandes impérios indígenas separados pelo Rio Zambeze: da margem direita para o sul era o império Monomopata (senhor da montanha) e ao norte do grande rio o império de Maravi (senhor do mundo). A primeira fortaleza portuguêsa edificada em Sofala, no Monomopata, garantiu-lhe a posse da nova terra, não obstante uma série de lutas sangrentas com as tríbos daquele império, movidas pela instigação do árabe que, senhor do comércio e da navegação, começou a perceber o perigo da presença lusa, na costa oriental da África. Por volta de 1540, os portuguêses estabeleceram o primeiro entreposto comercial no interior, à margem direita do Zambeze, onde se acha a pequena cidade de Sena.

Em 1561, chegou àquela região o padre Gonçalo da Silveira, para alí destacado pela Companhia de Jesus, para iniciar a cristianização dos nativos e lançar os fundamentos da colonização jesuita. Não foi feliz o esforçado discípulo de Loiola, porque os nativos, movidos por intrigas dos árabes, mataram-no. Entretanto, seis anos antes, nas terras portuguêsas de Santa Cruz, Anchieta, outro padre da Companhia de Jesus, plantou a Cruz de Cristo no Planalto Piratiningano, lançando assim os fundamentos da maior cidade de origem lusa do globo.

A consolidação da posse portuguêsa de Moçambique não se fez sem lutas e sem que a nova terra fôsse objeto de cobiça e de tentativa de usurpação por parte de francêses, holandêses, austríacos e, sobretudo, inglêses, os tradicionais aproveitadores de Portugal. O marfim e algum ouro, constituiram o primeiro atrativo comercial de Moçambique e, Lourenço Marques, foi o primeiro grande centro de recolhimento dessas mercadorias. A capital da colônia tem o nome do ousado comerciante que alí se estabeleceu em 1544. Mas, o grande negócio da colônia, a partir de 1700, foi o tráfico de escravos, que durou século e meio. Daquela parte da África vieram muitos prêtos para o Brasil, sobretudo, quando Angola, o nosso grande entreposto de escravos, esteve interdita aos portuguêses pela ocupação holandêsa. Cessára o tráfico negreiro, o melhor negócio que Moçambique havia sustentado, até por volta de 1850, mas as ambições britânicas de se apossar do país não pararam senão em 1890: agora não era a importância comercial de Moçambique que interessava o Império Britânico, mas a excepcional situação de complemento geográfico e político que representava, separando do mar Índico o Transval, a Província de Natal da União Sul Africana, a Niassalândia, a Suazilândia, e as Rodézias do Norte e do Sul, todos territórios sob jurisdição da corôa britânica. Não obstante a secular fidelidade lusitana à Inglaterra, os agentes da "Companhia Britânica da África do Sul", foram por muito tempo os instigadores dos régulos moçambicanos contra os portuguêses, do que resultaram inúmeras revoltas de prêtos e não poucos massacres de portuguêses.

### 5.7.2 — Forma de Govêrno e Divisão Administrativa

O território moçambicano acha-se dividido em quatro províncias, oito distritos, que são constituídos por conselhos e circunscrições. É recente a atual divisão territorial do país. Data de 1943, depois que o govêrno metropolitano deliberou absorver as duas companhias magestáticas, de capitais belgas e inglêses, que constituiam verdadeiros estados dentro do próprio estado moçambicano.

É a seguinte a organização administrativa:

| Províncias | Distritos | Conselho | Circunscrição |
|---|---|---|---|
| SUL DO SAVE | Inhambane (cap. da Provc.) | Inhambane | Zavala |
| | | | Inharrime |
| | | | Homoíne |
| | | | Morrumbene |
| | | | Vilanculos |
| | | | Panda |
| | | | Massinga |
| | | | Govuro |
| | Gaza | Gaza | Manhiça |
| | | | Sabié |
| | | | Magude |
| | | | Alto Limpopo |
| | | | Bilene |
| | | | Muxopes |
| | | | Chibuto |
| | | | Guijá |
| MANICA E SOFALA | Beira (Cap. da Provc.) | Manica | Mossurize |
| | | | Sofala |
| | | | Búzi |
| | | | Xeringoma |
| | | | Ximoio |
| | | | Marromeu |
| | | | Gorongoza |
| | | | Sena |
| | | | Xemba |
| | | | Barué |
| | Tete | Tete | Mutarara |
| | | | Angónia |
| | | | Macanga |
| | | | Marávia |
| | | | Zumbo |
| ZAMBÉZIA | Quelimane (Cap. da Provc.) | Quelimane | Amaramba |
| | | | Marrupa |
| | | Xinde | Maniamba |
| | | | Vila Cabral |
| NIASSA | Nampula (Cap. da Provc.) | | |
| | Lago | | |
| | Cabo Delgado | | |

LOURENÇO MARQUES constitui distrito autônomo, diretamente subordinado ao Govêrno Geral da Colônia.

A estrutura política e territorial dos nativos é constituída de pequenos reinos, os "regulados" e "povos". Os primeiros agrupamentos subordinam-se a um "chefe de povo" e êstes aos "régulos".

Os portuguêses praticam em África interessante forma de ocidentalização do nativo, reconhecendo duas classes de indivíduos: **"assimilados"** e **"indígenas"**. "Assimilados" são os que conseguem redigir um requerimento de próprio punho para pleitear a sua condição de cidadão português, portanto, devendo saber ler, escrever e falar o idioma luso. Concedido o título, é êle documentado por uma caderneta. Adquire por êste meio, o negro das colônias portuguêsas, por assim dizer, a sua

maioridade civil, e a cidadania portuguêsa podendo desempenhar funções normais de cidadão, empregar-se, estudar, contrair dívidas, etc. "Indígenas" são os prêtos que não ambicionaram essa condição ou não puderam conseguí-la. Geralmente, continuam tribalizados. Os nativos desta classe são tutelados pelo govêrno, impedidos de mudar de terra sem licença das autoridades e obrigados a trabalhar pelo menos 6 meses durante o ano, não podendo contrair dívidas. O trabalho compulsório é regulado por lei, mediante contrato com os empregadores, fiscalizado pelas autoridades administrativas: além de um salário mínimo estipulado pelo govêrno, o **indígena** recebe u'a manta para se abrigar do frio, duas mudas de roupa, que se resumem em uma combinação composta de uma calceta e de um corpinho de pano de algodão grosso, uma caneca, um prato e um garfo de ferro galvanizado ou de alumínio. Por esta forma, são recrutados grupos de prêtos para serviços agrícolas e removidos de uma zona para outra. Em qualquer das formas de trato com o nativo, a ação do branco é direta sôbre o prêto e o regulado vai sendo paulatinamente destruído, porém sem choques e sem as conseqüências de uma violenta desagregação cultural. Os "assimilados", por fôrça da sua situação, sofrem um processo de aculturação ocidental inevitável. O luso, na África, fala a língua portuguêsa, o que obriga o prêto a aprendê-la. Em Moçambique e Angola só encontramos negros falando português e, por sinal, bem carregado. Éste é outro poderoso fator de aculturação européia, que vem atuando sôbre as populações nativas das colônias portuguêsas. Em artigos anteriores, desta mesma série, externamos a nossa estranheza ao verificarmos que em todos os países de influência britânica, sobretudo, nos da África Oriental, os prêtos não falam inglês, mas a língua das respectivas tribos, a qual é falada pelos próprios inglêses. É êste, por certo, naqueles países, mais um dos muitos fatores de separação de prêtos e brancos, agravado pela discriminação racial praticada pelo saxônio e pelo "boer" que os torna cegos à implantação da sua cultura, através da generalização do seu idioma.

Não obstante o preconceito racial existente nas colônias lusas, podemos distinguir duas políticas colonistas na África se compararmos os métodos de portuguêses e francêses de um lado, e britânicos e belgas de outro. Os latinos, praticam uma política que chamaremos de **fixação,** enquanto que belgas e inglêses são colonistas de **ocupação.** Os contactos de prêtos e brancos são maiores nas colônias francêsas, onde os africanos prêtos atingiram mais alto grau de ocidentalização e também onde a mestiçagem de europeus e africanos é maior. A nosso ver, o mais nocivo colonista da África é o belga, que transformou o Congo, uma das mais ricas regiões do Continente, em uma vasta "roça" do capitalismo metropolitano. O povo belga não possui tradição colonizadora e os belgas só se decidem a ir para a sua riquíssima colônia, quando o pavor da guerra lhes mostra o caminho da África. Disseram-nos os portuguêses que convencem os negros **de que ser branco é que é bom e** tudo fazem para que êles obtenham as cadernetas de "assimilados". Os inglêses criam complicados estatutos de reconhecimento dos direitos dos negros, enquadram-nos em cooperativas, não destroem a sua estrutura política, mas deixam bem claro que negro é negro e que jamais serão cidadãos britânicos: cavam assim intransponível abismo, que culminará

em uma das mais ferozes lutas de raças de que já vem sendo teatro a União Sul Africana e Quênia.

Para maior eficiência da administração do ultramar, foi criada em Portugal uma Escola Superior Colonial, de nível universitário, para formação de técnicos de administração nas colônias. Os diplomados iniciam a carreira, como Chefes de Postos, que é o segundo grau na escala administrativa. Anteriormente à criação da escola, a administração era exercida por tarimbeiros que podiam ser promovidos até a governadores de província. Hoje os leigos não poderão ir além de chefes de posto.

Na África portuguêsa, chama a atenção a prática de uma rígida hierarquia entre o pessoal administrativo, mas sem choques ou humilhações e à base de uma camaradagem entre superiores e inferiores. Guardadas as proporções, observa-se uma dupla atitude de camaradagem e de paternidade, dos brancos colonistas para com os prêtos a civilisar. A marcante diferença que distingue o português dos demais colonistas é a sua maneira humana cristã de lidar com os prêtos.

Nas colônias portuguêsas da África a administração é exercida da seguinte forma: Governador Geral da Colônia; Governador de Província; Intendente para os distritos; Administrador para as circunscrições; Chefe de Posto, para os postos. Os diferentes cargos, exceto os dois primeiros, são preenchidos por concurso, para o qual os candidatos se habilitam mediante um estágio de quatro anos no cargo anterior. O Governador Geral é assistido por um Conselho Governamental, do qual fazem parte os governadores de províncias e o comandante da defesa nacional. Não há órgão legislativo. O Governador Geral expede atos apenas, porque a legislação emana da metrópole.

### 5.7.3 — Justiça e Defesa Nacional

A Colônia de Moçambique constitui um distrito judicial, com um tribunal de Segunda Instância, estabelecido em Lourenço Marques. Um Procurador da República exerce as funções de Ministério Público. Existem ainda dez Juízos de Direito, distribuídos por igual número de comarcas, cujas cabeças se acham nas sedes dos distritos.

O comando da defesa nacional está afeto a um oficial superior do exército metropolitano. Em cada unidade administrativa há um trôço de cipaios a ordem das respectivas autoridades, os quais mantêm a ordem no interior.

## 5.8 — POPULAÇÃO

### 5.8.1 — Origem e Raças

Os negros de Moçambique se originam do grande tronco étnico-linguístico **banta**, mas podem ser distinguidos em doze grupos raciais que se distribuem da seguinte forma:

| **Tríbos** | **Regiões** |
|---|---|
| Tonga, Tsua | Sul do Save |
| Nhungué, Ansenga, Sena | Manica e Sofala |
| Maganja | Zambézia |
| Macua, Maconde, Suaíli, Ajau, Angone, Nianja | Niassa |

Êstes agrupamentos étnicos se subdividem em cêrca de 35 ramos. Há diferenças acentuadas entre os povos do sul e do norte do país, bem como dêstes para os habitantes do litoral. Os indígenas do sul aproximam-se, morfològicamente, do tipo prêto **zulo**: grande estatura, fortemente musculada. Os negros do norte são de estatura pequena, fìsicamente fracos, enquanto que os do litoral, os **suaili**, constituem mescla de árabes com prêtos.

Culturalmente, as tríbos do sul são mais evoluídas que as do norte. Os prêtos Macuas e Macondes, que habitam as regiões próximas de Tanganica, ainda usam marcas tribais, como tatuagens, perfurações dos lábios, e do lóbulo da orelha.

Em se tratando de colônia portuguêsa, especialmente em África, nós, brasileiros, associamos logo a idéia de uma intensa hibridação e uma produção de mulatos em série. Nada mais errado: não vimos em Moçambique e mesmo em Angola, qualquer cousa que se pareça com a intensa mestiçagem de lusitano com preta e índia de que o Brasil foi teatro. Pelo contrário, surpreendeu-nos o preconceito de que se acham imbuídos os brancos das duas colônias, especialmente na de Moçambique. Os portuguêses dêste país se acham fortemente impregnados de ideais racistas, inculcados pelos exemplos dos vizinhos inglêses e africanders, não só em relação ao prêto, mas visando também os hindús, que ali vivem e praticam o comércio, e aos quais os portuguêses alcunham, pejorativamente, de **munhés.** Moçambique acha-se rodeada por países de influência britânica, nos quais vive uma considerável população de novos ricos, sobretudo decendentes de sírios, gregos, dos boers, e também de inglêses, que fazem turismo, em Lourenço Marques e na Beira, cujas praias demandam. Esta casta nutre tremendo desprêzo ao negro, cuja simples vista não admite. Êles carream apreciável renda para Moçambique, resultante da sua vilejatura. Naturalmente, por fôrça desta corrente é que há, em Lourenço Marques, uma perfeita segregação racial, perceptível ao observador menos atento: guichês de correio separados, para brancos e para prêtos, casas de diversões interditas às pessôas de côr e até a hindús, poucos prêtos na cidade dos brancos, tudo muito

semelhante à "cidade dos brancos" do Congo Belga ou às colônias britânicas da banda oriental da África. Embora uma promiscuidade entre brancos cultos, como são os elementos da colônia portuguêsa de Moçambique, e primatas nativos, não fôsse possível, uma menor submissão aos intuitos racistas dos países vizinhos daria salutares resultados em favor de uma maior estabilidade política nas terras africanas. Pode-se mesmo dizer que não existe o problema da mestiçagem de brancos e prêtos, na África, e muito menos como sucedeu no Brasil. Nosso país, como é sabido, foi colonizado e povoado, até quase a vinda de D. João VI, pelo homem lusitano, que para aqui se transportou solteiro, via de regra, e se pôs a mestiçar intensivamente, de início com as índias e mais tarde com as pretas escravas. Até a vinda do monarca, a mulher portuguêsa estava ausente do povoamento do Brasil. É conhecida, e da maior importância, a influência da mulher como detentora e conservadora das tradições morais e religiosas de um povo. O amancebamento do português com muitas índias ou pretas, e a repulsa do jesuita vigilante, devem ter influído até na nossa forma de povoamento disperso, com fazendas muito distantes, onde os "sultões do novo mundo" procuraram se isolar com seus harens.

A colonização inicial da África se resumia ao pessoal da administração colonial, que só ou acompanhado das respectivas famílias, tinha que se manter afastado do elemento de côr por uma questão de hierarquia e disciplina. Os colonos portuguêses da atualidade, além de escassos, se compõem de agricultores que migram acompanhados das famílias.

Pelas razões expostas em artigos anteriores, e pelo que vimos em Angola e Moçambique, somos céticos quanto a permanência dos portuguêses como colonistas na África, e, sobretudo, como edificadores de novas nações de cultura lusa. Jamais realizarão ali algo parecido com o que fizeram no Brasil. E' a própria estatística, na eloqüência fria dos números, a mostrar que após mais de quatro séculos, a população lusitana de Moçambique não vai além de três dezenas de milhares. E os recenseamentos não denunciam a existência de mulatos ou afro-lusos na Colônia.

Lamentamos essa marcha dos acontecimentos na África Portuguêsa. Polìticamente necessitaríamos que ao menos Angola, ali no Atlântico, mesmo à nossa frente, fôsse uma nação lusa no Continente Negro, como o Brasil o é nas Américas. Brasil, Angola e Portugal, por um determinismo geográfico, compõem um triângulo luso-afro-americano, que deveria estar destinado a servir de base à sobrevivência étnica, cultural e política dos povos de língua portuguêsa. Como medida acauteladora dos nossos interêsses no campo internacional, o Brasil deveria voltar suas vistas para as possessões portuguêsas na África, especialmente para Angola, auxiliando Portugal, caso necessário, com técnicos, maquinária de nossa produção e, sobretudo, com material agro-pecuário: sementes, mudas e reprodutores diversos. Na nossa vida de nação, a possibilidade de vir Angola a ser um concorrente do nosso café seria um passageiro acidente econômico de reduzida importância, ante a magnitude da futura conjuntura mundial. Entretanto, não acreditamos que aquela colônia possa prejudicar a nossa economia cafeeira, porque o

mundo apresenta sintomas de fome de café, cada vez maior, e nas condições atuais, Angola não irá muito além dos seus **robustas.**

### 5.8.2 — Religião

A cristianização dos nativos de Moçambique é mais intensa por parte do clero católico, que da igreja protestante. A Igreja Romana vai ganhando mais terreno que a saxônia, porque esta, embora admitindo um só Deus, separa os homens em brancos e prêtos. Na composição religiosa da população nativa, entram tribos adeptas do credo islâmico e outras que praticam a circunsessão, embora não revelem traços de aculturação árabe. Há tríbos ao norte de Moçambique que ainda seguem o regime do matriarcado, considerado como fase pré-religiosa.

### 5.8.3 — Linguística

Mais de uma dezena de dialetos tribais compõem o quadro linguístico de Moçambique, os quais se filiam ao ramo **banto.** Entre os povos do litoral norte o dialeto mais usado é o suaíli, mescla de linguajar banto e árabe, e no qual têrmos portuguêses não são estranhos. Esta é a mesma língua franca falada nas colônias da África Oriental Britânica, a que nos referimos. O idioma luso vai se generalizando e, cada dia mais, ganha terreno; não tardará em se transformar na língua franca de todos os agrupamentos étno-sociais do país, agindo como fator de aculturação lusa dos mais ativos.

### 5.8.4 — Ocupação

Como veremos, no item dedicado às atividades econômicas, a estatística denuncia Moçambique como um país de economia quase extritamente agrária. E é na agricultura, sobretudo, que se acha ocupada a quase totalidade da população indígena. Os portuguêses compõem a classe dos administradores públicos, dos técnicos oficiais, dos comerciantes e de um reduzido núcleo de colonos agricultores. Há modestos contingentes de hindús, árabes e chinêses, quase todos ocupados em atividades comerciais. Conta ainda Moçambique com uma população flutuante de turistas dos países circunvizinhos, que demandam Lourenço Marques e Beira.

Uma apreciável parcela de trabalhadores prêtos de Moçambique, acha-se ocupada nos trabalhos das minas do Rande (Transval). A chamada "Mozambique Convention" é um tratado firmado entre o Govêrno Português e o do Transval, mediante o qual o primeiro se obrigou permitir ao segundo o aliciamento de trabalhadores masculinos para as minas de ouro e carvão do Rande. Como compensação, o Transval garante um tráfego de 50 a 55% da tonelagem de mercadorias marítimas de importação e exportação da área de Pretoria, naquele país da União Sul Africana, à estrada de ferro que, da União, vai ter ao pôrto de Lourenço Marques. O primeiro tratado foi firmado em 1909 e facultava o direito de aliciamento de 100.000 prêtos por ano, durante

um decênio. O referido instrumento vem sendo renovado e o govêrno português tem procurado atenuar a cláusula de aliciamento de trabalhadores, que representa ponderável desvio de mão de obra prejudicial ao desenvolvimento econômico de Moçambique. Mas mesmo assim, nos últimos 50 anos, o recrutamento nunca foi inferior a 60.000 prêtos por ano. Em 1933 os prêtos moçambicanos nas minas do Transval somavam quase 300.000. Não é só o progresso de Moçambique que sofre os efeitos do referido tratado. O problema social dos prêtos destribalizados e que regressam enfermos das minas, é, possìvelmente, mais lesivo ainda ao país. O aliciamento pràticamente não concorre para a diminuição da população. Os padrões culturais de um povo e as convenções sociais respectivas poderão influir decisivamente sôbre a demografia de determinado tipo de sociedade. Na África, a poligamia é fator decisivo no crescimento das populações. Essa instituição social exerce um papel seletivo entre as mulheres férteis. À convenção social do dote, ou da compra da espôsa pelo marido, prevalece a alternativa de êste devolvê-la e desfazer a transação, rehavendo o dote, caso a mulher seja infértil. Acontece que a cada espôso prêto corresponde 1, 2, 3, 4 e mais espôsas fecundas. Daí se poderá avaliar a fôrça que esta tradição social exerce sôbre o aumento da natalidade e, conseqüentemente, no crescimento vegetativo da população. Por isso, nem sempre, uma mortalidade infantil severa consegue impôr saldos desfavoráveis ao crescimento vegetativo das sociedades humanas da África Negra. Não existe para as populações nativas do continente o problema da urbanização intensa que, via de regra, age como fator limitante do aumento das populações. Com o desenvolvimento da mineração de cobre, zinco e carvão nas Rodézias, novos contingentes expontâneos de trabalhadores vão para as minas, de onde regressam com vícios e doenças do homem branco, agravando o problema do indígena marginal de Moçambique. O trabalhador prêto representa para o industrial branco da África uma espécie de dinheiro a juros. O empenho em conseguí-lo para o trabalho, especialmente para a mineração, é enorme. E' notória a ineficiência do operário prêto, mas ao colonista branco pouco importa que o rendimento do seu trabalho seja baixo, porque a remuneração também é baixa. Em Umtali, Rodézia do Sul, ponto forçado de trânsito ferroviário de Moçambique para aquêle país, vimos intenso movimento de trabalhadores nativos que lotavam trens inteiros demandando as minas rodezianas. Ali presenciamos uma cena confrangedora: na estação ferroviária, às 5 da manhã, encostou-se uma viatura da polícia de onde foram retirados seis prêsos algemados, dentre os quais dois meninos, que não deveriam ter mais que 12 anos. O doloroso espetáculo era agravado pela intensidade do frio e a leve roupa de algodão, que vestia as duas crianças — uma calceta e camisa sôbre a pele.

Outro inconveniente do aliciamento dos trabalhadores de Moçambique era a situação financeira dos mesmos após o regresso para o país. Pelo contrato de trabalho que, geralmente, tinha a duração de 18 meses, metade do salário do prêto ficava retido e lhe era entregue no ato da volta para sua terra. Mas, acontece que, no trajeto de regresso, foi se estabelecendo uma cadeia de casas comerciais e com engodos fáceis, logravam "depenar" os ingênuos que assim regressavam

desajustados, enfermos e sem recursos. Hoje, a situação acha-se modificada, porque o govêrno português passou a exigir o pagamento dos créditos acumulados dentro do território moçambicano, no ponto de regresso do trabalhador.

### 5.8.5 — Demografia

Segundo o censo dos nativos realizado em 1940 e o dos alienígenas efetuado em 1945, a população humana de Moçambique no referido lustro, se distribuia da seguinte forma, por províncias e distritos:

| Províncias | Distritos | Alienígenas (1945) | Indígenas (1940) |
|---|---|---|---|
| Manica e Sofala | Lourenço Marques | 26.396 | 125.776 |
| | Inhambane | 4.563 | 433.397 |
| | Gaza | 4.994 | 648.838 |
| Sul do Save | Beira | 10.981 | 422.921 |
| | Tete | 1.678 | 483.812 |
| Zambézia | Quelimane | 4.506 | 1.002.269 |
| Niassa | Nampula | 5.008 | 1.234.071 |
| | Cabo Delgado | 1.563 | 477.986 |
| | Lago | 426 | 201.109 |
| | TOTAL: | 60.115 | 5.030.179 |

**Fonte:** — Year Book and Guide to East Africa, 1950 Edition, Sampson, Low, Marston and Co. Ltd., London.

São escassas as fontes estatísticas de que nos pudemos valer. Só conseguimos dados de recenseamento de épocas diferentes para avaliar a população do país. Não obstante, êsses números são o bastante para denunciar o minguado contingente populacional de brancos daquela colônia. Segundo outras fontes informativas ficamos sabendo que do ponto de vista étnico, dos 60.000 alienígenas presentes no país em 1945, apenas 28.000 eram portuguêses. O saldo restante se distribuia da seguinte forma: 3.127 europeus de outras procedências; 1.565 amarelos, chinêses e sino-moçambicanos; 9.700 hindús, entre hindús de origem e indo-moçambicanos; e 17.629 de outras procedências. A população lusa de Moçambique é, numericamente, inexpressiva: pouco menos que metade dos alienígenas presentes no país em 1945 e correspondentes a um português branco para cada 178 indígenas. Conforme se verifica, será pouco provável a transformação de Moçambique em uma nação lusa em África, com êsse salpico de brancos em um oceano de prêtos e, lamentàvelmente, embuidos de pruridos racistas de influência de britânicos e "africanders". O Anuário Estatístico do Brasil de 1952, do I.B.G.E. consigna um movimento migratório de portuguêses para o Brasil em caráter permanente, de 1884 a 1945 de 1.225.203 indivíduos.

## 5.9 — ATIVIDADES ECONÔMICAS

Até há dez anos, o govêrno português era detentor da posse da Colônia, sem possuir o domínio completo das suas terras, dificuldades para promover o desenvolvimento econômico do país, conduziram a Metrópole a fazer concessões para duas emprêsas de capitais inglêses e belgas, por meio de decretos leis expedidos em 1891 e 1896. Essas duas entidades de capital privado eram a "Companhia Niassa" e a "Companhia de Moçambique". Foram-lhes outorgados poderes tão amplos que os políticos, enfàticamente, os chamaram de "direitos magestáticos". Àquelas organizações foram atribuídos os seguintes direitos: de cobrança de impostos diretos e indiretos; de concessão de terras para a agricultura e para construções urbanas; de concessões para explorações mineiras, ferroviárias, portuárias, de navegação e de caça e pesca. A "Companhia Niassa" liquidou-se em 1929, conseqüente à má administração e o govêrno português pode chamar a si a jurisdição do extenso território sob o mandato da mesma, o qual se estendia para o norte do Rio Lurio, incluindo Pôrto Amélia e quase tôda a atual Província da Niassa. A "Companhia de Moçambique" teve suas prerrogativas sustadas em 1943 por patriótico ato do atual govêrno português. O "império" desta companhia magestática abarcava uma área de 155.000 km2, correspondente ao território da Província de Manica e Sofala, inclusive o Pôrto da Beira. Hoje, essa organização subsiste, mas como simples emprêsa agrícola colonial. Só após sua encampação é que foi proclamada a Província de Manica e Sofala. As companhias magestáticas tinham ainda a seu cargo a administração civil das áreas sob seu domínio e constituiam estados dentro do próprio estado moçambicano. Durante a vigência das mesmas o desenvolvimento agrícola da colônia foi retardado, embora deixassem obras de caráter permanente de real valor.

O atrazo a que Moçambique se viu obrigado, especialmente com relação à agricultura, por causa das companhias magestáticas, devido à migração da mão de obra para o Rande e por causa da limitação imposta pela mosca do sono, paradoxalmente, conferiram-lhe interessante posição de reserva em potencial ao abastecimento da África. O retardamento da exploração agrícola e o modesto rebanho indígena preservaram-lhe as terras da deterioração que resultaria do mau uso, como aconteceu e continua sucedendo na maioria dos países do continente. Não se nota em Moçambique, senão discretamente, a presença do câncer da terra que é a erosão híbrica. Acreditamos, por outro lado, que a cultura do algodão que se está expandindo, constituirá fator de rápido empobrecimento do solo pela erosão, porque não vimos providências acauteladoras dêsse mal nas plantações indígenas, patrocinadas pelas companhias concessionárias algodoeiras.

Acreditamos que as companhias magestáticas e o aliciamento da mão de obra para trabalhar fora de Moçambique foram fatôres que impediram também o estabelecimento da cafeicultura no país.

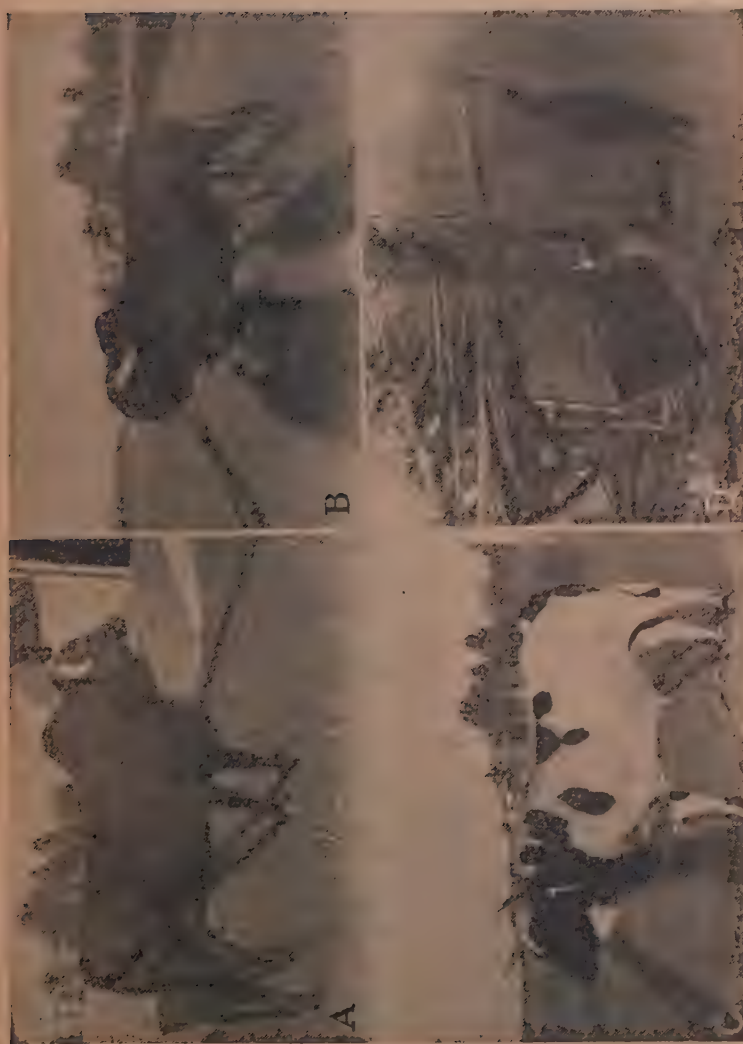



FIGURA 22 — Aspéctos de Moçambique: "A", reprodutor Africander, "86-H", importado da Africa do Sul, Estação Zootécnica Central, Chobela, Província do Sul de Save, 9/8/50; "B", reprodutor Africander, "71", crioulo da Estação Zootécnica Central, Chobela 9/8/50; "C" reprodutor LANDIM, "228-C", típico representante do gado nativo de Moçambique, Estação Zootécnica Central, Chobela, Província do Sul do Save, 9/8/50; "D", armadilha "HARRYS" para caça de moscas do sono, de grande eficiência — a Tsé-Tsé pousa à sombra da armadilha e quando sobe em demanda da luz, fica presa na caixa telada — palmar da Companhia do BOROR, Província da Zambézia, 7/8/50.

A cultura do algodão está se desenvolvendo em Moçambique por meio de concessões de áreas para a exploração da cultura a companhias chamadas "concessionárias"; coisa semelhante a um direito de zona. Às companhias é concedido o direito à exploração da cotonicultura em determinada área em que só as concessionárias poderão adquirir o algodão ali produzido pelos nativos, por preços prefixados pelo govêrno, ficando a seu cargo a distribuição de sementes, etc.

O corpo de engenheiros-agrônomos de Moçambique é assaz modesto para as proporções da obra a executar e para poder atender a extensão territorial da colônia. São ao todo 42 técnicos que trabalham animados de um sadio otimismo, procurando introduzir princípios de agronomia à quase nascente agricultura econômica de Moçambique. Entretanto, pareceu-nos que os prepostos da administração, especialmente as autoridades mais em contacto com os nativos, não compreenderam ainda a importância da aplicação de novos métodos para a modificação da primitiva agricultura dos nativos. Apresentam uma certa resistência passiva às recomendações dos agrônomos que se assemelha à vaidade ferida ou receio de perda de um prestígio cristalizado pela rotina da administração.

A planificação geo-econômica, sobretudo da agricultura, que está sendo levada a efeito pelos agrônomos de Moçambique, terá larga repercussão em futuro não remoto. O levantamento fitogeográfico do país e o zoneamento da cotonicultura com base nas associações florísticas, é um trabalho notável do engenheiro-agrônomo José Rodrigues Pedro. A presença dêsse competente fito-geografista pertencente à CICA (Centro de Investigação Científica do Algodão) entre nós, seria desejável, a fim de executar aqui um trabalho semelhante, aproveitando os remanescentes da nossa flora, preenchendo assim uma lacuna que tem sido relegada até nossos dias. A falta de um planejamento da nossa expansão agrícola, baseada em uma carta fito-geográfica, tem nos conduzido à perda de esforços e de capitais — a cultura do café cada vez mais para o sul, em regiões sujeitas a geadas e a do algodão, em terras nem sempre as mais adequadas quanto ao índice de acidez, têm nos ocasionado grande prejuízos. A marcha que se enceta para o Mato Grosso vai ser feita às apalpadelas, apoiada só no faro do caboclo conhecedor dos "padrões de terra" que, no fundo, é uma empírica indicação geo-botânica.

### 5.9.1 — Pecuária

#### 5.9.1.1 — Estatística e importância econômica

**QUADRO 20** — Estátística da pecuária da Colônia de Moçambique nos anos de 1940 a 1946, distribuída por espécies econômicas.

| Espécies | Anos: Milhares de Cabeças | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1940 | 1941 | 1942 | 1943 | 1944 | 1945 | 1946 |
| Bovinos .... | 557,30 | 563,20 | 527,40 | 556,30 | 573,80 | 585,30 | 586,60 |
| Ovinos .... | 63,60 | 70,10 | 68,80 | 71,00 | 62,10 | 56,10 | 57,90 |
| Caprinos ... | 244,00 | 267,40 | 226,00 | 237,50 | 244,00 | 245,50 | 349,40 |
| Suinos ..... | 54,90 | 58,30 | 50,60 | 51,60 | 61,20 | 54,80 | 56,70 |
| Equinos .... | 0,10 | 0,10 | 0,10 | 0,10 | 0,08 | 0,09 | 0,10 |
| Muares .... | 0,40 | 0,20 | 0,20 | 0,20 | 0,10 | 0,10 | 0,10 |
| Azininos .... | 5,20 | 6,50 | 5,40 | 5,90 | 5,70 | 5,60 | 6,90 |
| **TOTAIS** ... | **925,50** | **965,80** | **878,50** | **922,70** | **946,98** | **947,49** | **1.057,70** |

**Fonte:** — Quadro organizado com dados extraídos dos Anais dos Serviços de Veterinária e Indústria Animal — Colônia de Moçambique, n.º 1, 1947.

Em 1947 o rebanho bovino de Moçambique se distribuia da seguinte forma, quanto aos donos do mesmo:

| **Proprietários** | **Número de cabeças** | **Porcentagens** |
|---|---|---|
| Indígenas ............. | 477.173 | 76% |
| Europeus ............ | 147.095 | 23% |
| Hindús e outros ......... | 6.344 | 1% |

Fonte: — Boletim de Informações Bibliográficas da "Minerva Central", n.º 12, Agôsto de 1948, Lourenço Marques.

**QUADRO 21** — Importação de produtos de alimentação, de origem animal, pela Colônia de Moçambique, nos anos de 1940 a 1945.

| Artigos de alimentação | Anos: Milhares de quilogramas | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1940 | 1941 | 1942 | 1943 | 1944 | 1945 |
| Leite e derivados (1) .. | 1.066 | 1.016 | 889 | 864 | 495 | 864 |
| Carnes (2) ........... | 285 | 273 | 236 | 217 | 244 | 280 |
| Banha e toucinho ..... | 103 | 97 | 132 | 61 | 49 | 103 |
| Ovos (3) .............. | 41 | 33 | 18 | 3 | 9 | 3 |
| Mel .................. | 1 | 1 | 1 | 2 | 3 | 2 |

**Fonte:** — Quadro organizado com dados extraídos dos "Anais dos Serviços de Veterinária e Indústria Animal, Colônia de Moçambique, n.º 1, 1947.

(1) Refere-se aos seguintes produtos: leite em pó, condensado, fresco, creme, manteiga e queijo.
(2) Refere-se às seguintes qualidades de carne: em conserva, defumada, frigorificada, sêca, embutidos, presunto, não especificada.
(3) Refere-se a ovos frescos, conservados, etc.

Os quadros 19, 20 e 21 e a relação dos proprietários dos rebanhos de Moçambique, sugerem as seguintes conclusões gerais sôbre a pecuária da Colônia:

a) É significativamente reduzida a população do país: em 1946 a densidade era de uma cabeça de qualquer espécie/km2.

b) Quanto à distribuição por proprietários verifica-se que, naquela época, 76% do rebanho bovino, econômicamente mais importante, se encontrava em mãos dos indígenas: êsse fato obriga a pensar no atrazo geral da pecuária e grandes dificuldades à aplicação da zootecnia à maior parte do criatório da colônia.

c) O corolário da situação é a necessidade em que se vê Moçambique de importar artigos de alimentação de origem animal de quase tôdas as espécies, necessárias à vida do homem civilizado: a conseqüência é uma sangria de divisas na balança comercial do país.

d) Geogràficamente o gado bovino acha-se concentrado no sul do país, nas Províncias de Maníca e Sofala e do Sul do Save, onde pràticamente o tsê-tsé não está presente. Nessas duas circunscrições se concentram 95% dos bovinos da colônia.

e) Sendo a maioria dos rebanhos, ou do armentio, como diriam os portuguêses, constituídos de gados indígenas, tem-se que concluir também pelo reduzido valor econômico dos estoques de Moçambique.

f) Finalmente, verifica-se, pelo quadro 20, uma estagnação quantitativa dos rebanhos, exceção da espécie caprina. A estatística não é recente, mas é pouco provável que o quadro haja se modificado substancialmente.

Os lusos que se dedicam à pecuária em Moçambique geralmente se ocupam mais das atividades comerciais do que da criação de gado. Deixam uma impressão que tanto pode ser de interêsse imediato, de quem não se sente fixado à terra, como de quem não alimenta esperança no futuro do negócio

### 5.9.1.2 — Métodos de criação e espécies animais criadas

a) **Métodos de criação** — Os processos de criação dos indígenas de Moçambique não diferem quase nada das práticas usadas pelos nativos da África Oriental Inglêsa. As áreas no sul do país, onde se acha concentrada a pecuária, ficam apreciàvelmente distantes do Equador, mas a pouca altitude da maior parte da região é influenciada pelas altas temperaturas do Canal de Moçambique, que a tornam imprópria à vida das raças bovinas europeias. Entretanto, o fator limitante mais sério nessa área à própria pecuária gentílica, é o carrapato, que atua não só como parasita, mas também como transmissor de doenças tropicais. Há a considerar ainda as estiagens prolongadas durante, muitas vêzes, até 10 meses. A freqüência do fenômeno obriga a migração dos reba-

nhos à procura de verde e de aguadas e, nessas ocasiões, a promiscuidade das talhas de gado podreadas por maus reprodutores, favorece o abastardamento dos rebanhos.

b) **Espécies animais criadas — Gado Landim.** O bovino indígena de Moçambique é o Landim ou Raça Indígena Tipo Landim. Em traços gerais, êsse bovino pode ser caracterizado assim: **Aparência geral** de um híbrido **Bos indicus x Bos taurus,** como predominância morfológica do boi europeu. É sabido que os portuguêses, ao tempo da sua dominação na Colônia do Cabo e nas terras adjacentes, introduziram ali o Gado Alentejano e em outros pontos da costa africana, levado do Brasil ou diretamente do reino. Parece-nos um Caracú azebuado, sem as proporções dêste nosso mestiço, mas bem mais desenvolvido que os zebus de Quênia, Uganda e Tanganica. **Cabeça —** ligeiramente avantajada em relação ao conjunto, porém sem dar a impressão de pesada. **Cornos —** emergindo quase lateralmente, deixando espaço para uma marrafa larga. O conjunto forma uma armação em lira aberta nos machos, enquanto que nas fêmeas têm as extremidades voltadas para cima. Nos touros projeta-se tão fortemente para a frente, que visto o animal de perfil, deixa a impressão de que os chifres se acham no prolongamento da linha superior do corpo da rez. Nas fêmeas, esta feição não é tão pronunciada e as armações muito se assemelham às das vacas caracús. **Orelhas** — pequenas, denunciando origem de gado europeu. **Torax** — pouco profundo. **Dorso, lombo** e **garupa** — formam uma linha harmoniosa. **Ancas** — nada caídas. **Cernelha** — proeminente, com a forma de um "cupim de forno" atenuado, mas o bastante para não deixar margem a dúvidas quanto à presença da herança do boi indiano. **Couro —** agarrado, pouca barbela, úmbigo reduzido e cauda curta, porém de inserção alta. **Membros** — curtos mas pouco musculado. **Pêlos** — curtos como convém aos gados dos trópicos. **Pelagem** — predominantemente malhada de prêto sôbre fundo branco ou mescla dessas duas côres. **Extremidades e entradas naturais** — pretas, denunciando origem zebú, exceto a vassoura do rabo. **Pêso** — as vacas do tipo das que vimos na Estação Zootécnica Central da Chobela, davam 420 kg. de pêso vivo e 210 kg. de pêso morto. **Lactação** — pouco volumosa, ciclo curto, porém de leite rico de gordura, cêrca de 6,5%.

Os exemplares de gado Landim que vimos na Chobela, dois touros e 50 vacas, se apresentavam bem proporcionados, harmônicos e nos agradaram mais que qualquer bovino indígena até ali visto na nossa viagem. Achamos o Landim um lastro nada despresível para um trabalho de melhoramento. Dadas as suas características de animal médio, tanto poderá ser aproveitado como base à formação de um gado leiteiro ou de talho. A sua resistência ao meio é fator considerável e que não deve ser despresado na formação de um bovino econômico. Uma tentativa de cruzamento do Landim com os zebus leiteiros da Índia — o Réde Sindi ou o Saíval — talvez devesse ser tentada em Moçambique para a formação do rebanho de leite da colônia. Quanto ao gado de corte, pensamos que o nosso Nelore cruzado com o Landim, daria a Moçambique a chave de uma grande pecuária de corte, cujos produtos, dentro de vinte ou trinta anos, nada teriam a invejar os ossudos e tardios Africanders. Não desejamos desmerecer o trabalho

dos zootecnistas da União Sul Africana, pois o seu boi vermelho representa uma vitória do homem sôbre o meio. Nós, que temos o problema do boi de corte resolvido mais ou menos satisfatòriamente, achamos que os moçambicanos não deverão ficar na suposição de que, em matéria de gado de talho no trópico, o Africander é a quintessência ou o "fim da picada", conforme se diz entre nós. As pastagens em que vimos o gado da Chobela eram nativas e tinham o aspecto de um capim colonião bastante piloso, além do capim de rodes, que também é expontâneo.

**Gado Africander** — Êste gado, sobejamente conhecido e cuja descrição nos dispensamos, portanto, de fazer, vem sendo criado na Estação Zootécnica Central da Chobela, com o fim de produzir reprodutores, e para ensaios de cruzamento com o Landim, além de servir de objeto de estudos de comportamento em Moçambique, onde as condições mesológicas parecem ser um pouco melhores que as do país de origem do animal. Como elemento de exploração industrial, vimo-lo sob os palmares das grandes companhias produtoras de copra. Nas plantações da Companhia da Zambézia, o Africander foi introduzido da África do Sul e, vem sendo utilizado nos cruzamentos com o boi nativo, para carne e trabalho, cujo rebanho conta 10.000 cabeças que se apacentam sob os coqueirais. Inicialmente, tentaram o cruzamento do gado indígena com o "Hereford", que resultou em fracasso por causa da inadaptabilidade do boi inglês. A bovinocultura da Companhia da Zambézia é mais ou menos recente: data de 1933, quando a região foi limpa de tsê-tsê pela eliminação da caça e por meio de armadilhas para moscas. Os touros Africanders vêm sendo adquiridos na União Sul Africana, aos 18 meses, por Cr$ 3.200,00, calculado o escudo a Cr$ 0,80. Os resultados obtidos com o cruzamento do Africander, comparados aos do gado nativo, se expressam pelos seguintes números: pêso morto médio do novilho indígena, 120 kg.; idem, do mestiço com Africander, 180 kg. Embora a região tenha boa pluviosidade — 1.500 mm — a capacidade de sustentação das pastagens sob os palmares é de uma cabeça por hectare durante seis meses. Na outra parte do ano o gado é mantido em terrenos úmidos, impróprios à cultura do coqueiro. Nos palmares da "Sociedade Agrícola do Madal", emprêsa congênere da Cia. da Zambézia, com plantações na mesma zona coqueira, vimos resultados mais palpáveis dos cruzamentos do Africander com o boi nativo. Ali se observa dominância acentuada do boi vermelho na manada. O mestiço, tipo especial de mais de cinco anos, invernado, acusa pêso morto de 450 quilos, livre de couro, cabeça, mocotós, vísceras, etc. Entretanto, vacas e garrotes comuns dão apenas 120 kg. limpos. Nesta emprêsa foi ensaiado o cruzamento do "Hereford", bem como do "Excess", com o boi indígena mas, em ambos os casos, com insucesso.

O Africander é um bovino de corte resultante de um grande esfôrço dos zootecnistas da União Sul Africana, na luta que vem mantendo contra o ambiente adverso. A escassês d'água, sobretudo, e a ocorrência de doenças tropicais, são os fatôres oponentes à pecuária sul africana. A pátria do Africander é região alta, cêrca de 1.200 metros acima do mar; a pluviosidade média anual é de 300 mm; a capacidade de sustentação das pastagens se expressa segundo a relação de 8 ha, ou 3,3 alqueires, para uma cabeça de gado de criar.

Os zootecnistas africanders não admitem contestação à sua tese acêrca da pureza zebuina do boi seu homônimo. Entretanto, as mucosas róseas do focinho, chifres brancos, pouco couro que vimos em reprodutores importados da União Sul Africana, e na vacada da Estação Zootécnica Central da Chobela, parecem não deixar margem a dúvidas como sendo tais animais portadores de um patrimônio genético em cuja constituição deve estar presente a herança do **"Bos Taurus"**. Aliás, o dr. Jacintho Pereira Martinho, diretor daquele estabelecimento zootécnico, externou-nos sua opinião sôbre o assunto, em apôio do nosso ponto de vista. Segundo seu parecer, o Africander é um Alentejano azebuado, um Indo-Céltico, digamos. Para êle o boi europeu foi levado do Brasil Colônia, onde mais tarde daria formação ao nosso Caracú, para a costa d'África pelos portuguêses e ali se hibridou com o **"Boi Sanga"** (Indo-Africano), ou com o boi de giba levado diretamente das Índias pelos mesmos colonizadores. Os rebanhos de Africanders que vimos, dão, à primeira vista, uma impressão de uniformidade, por efeito da côr vermelha tapada — possìvelmente o traço mais predominantemente homogêneo nessa raça em formação. Entretanto, um exame mais detalhado revela acentuadas desigualdades individuais, sobretudo, na conformação da garupa, ancas, cabeça, disposição e pigmentação dos cornos. Predominam os tipos angulosos, de vigorosa ossatura, fechados de traz e quase todos com o trem dianteiro mais desenvolvido que o trazeiro, como ainda existe muito Indo-Brasil entre nós. Segundo os dados da Estação Zootécnica Central da Chobela, o Africander só apanha era para a engorda a partir dos cinco anos e, após a invernagem, pesa em média 500 kg em pé. Comumente a invernação se faz depois dos sete anos de criação, e, então, o animal gordo alcança o elevado pêso de 1.000 kg vivo e 500 kg pêso morto. Não obstante êsses resultados, o Africander é um boi de talho tardio. A figura 22 reproduz as fotografias de dois reprodutores Africanders da Chobela, sendo um importado e outro crioulo do estabelecimento. Fenotìpicamente, é um boi girado: côr vermelha tapada, pêlos curtos, cabeça e cornos com traços do Gir, além de volumoso cupim, embora deslocado para a frente e mal conformado. Os traços do Alentejano se denunciam pelo couro agarrado, barbela e umbigo reduzidos, cumpim desfigurado pela herança do **"Bos Taurus"**, mucosas róseas, chifres brancos e cascos nem sempre prêtos.

Estudos e observações com outras raças, como a "Hollandêsa", "Jersey", "Ayrshire", "Aberdeen Angus", "Hereford", "Sussex", têm sido objeto de trabalhos dos zootecnistas do Estado, sobretudo na Chobela, sem, contudo, lograr resultados satisfatórios, quer criando os animais em pureza ou na obtenção de produtos de cruzamentos.

**Caprinos, ovinos e suinos** — As duas primeiras espécies, conquanto numèricamente expressivas na população pecuária de Moçambique, constituem patrimônio indígena de limitada significação econômica. Quanto aos suinos, pode-se dizer que a sua exploração é quase nascente.

FIGURA 23 — Aspéctos de Moçambique: — "A" e "B", gado mestiço de Africander x Indígena de Moçambique, sob os palmares da "Sociedade Agrícola do Madal", Província da Zambézia, 7/8/50; "C" cocos em processo de cura, para facilitar a eliminação da casca fibrosa, palmar da Companhia do Boror, Província da Zambézia, 7/8/50; "D" prensa "Piratininga", fabricada em S. Paulo S.P. — ponta de lança da indústria paulista em Africa — usina de benefício de algodão da Companhia Moçambique, Beira, Província de Manila e Sofala, 2/8/50.

5.9.1.3 — **Melhoramento e defesa dos rebanhos**

Os assuntos pecuários de Moçambique estão afetos aos "Serviços de Veterinária e Indústria Animal. A denominação do organismo trai a idéia de uma preocupação maior com a parte sanitária do problema pecuário. A organização foi criada em 1908, com finalidade de polícia sanitária, mas em 1940 desdobrou-se em cinco divisões especializadas: Divisão de Sanidade Pecuária e Higiene; Divisão de Economia Pecuária; Divisão de Zootécnica e Fomento Pecuário; Divisão de Patologia e Veterinária.

Os trabalhos de melhoramento e aclimatação animal estão concentrados na Estação Zootécnica Central da Chobela, embora haja outros postos zootécnicos disseminados pelo país. Na Chobela estão em curso os seguintes projetos, mencionados por ordem de prioridade: "Estudo zootécnico e melhoramento do gado indígena"; "Ensaio de cruzamento do Africander com o Landim, visando obter um tipo de animal para talho e tiro"; "Estudo comparativo da adaptação e produtibilidade das raças "Holandêsa" e "Jersey"; "Estudo do Africander do ponto de vista de animal para carne e trabalho"; "Ensaios de cruzamento do "Holandês" e "Jersey", com o Landim, visando obtenção de um mestiço leiteiro. Além desta linha de trabalho com bovinos, há uma Experiência de cruzamento entre o carneiro persa de cara preta e o lanígero indígena"; um "Ensaio de forragens do ponto de vista do rendimento e valor altriz"; e "Estudos bromatológicos e de silos e silagem em geral".

A Estação da Chobela foi criada em 1917 e se constitui de um estabelecimento com 3.000 ha. representativo das condições da região pastoril de Moçambique: pluviosidade média anual de 500 mm; solos ricos em cálcio; águas geralmente de poços, ou acumuladas em açudes durante as chuvas, porém salgadas, sendo admitidas como bôas as que acusam teor máximo de 3 gr de sais por litro; capacidade de sustentação de 3 ha para uma rez de criar; vestimenta florística do tipo de savana arbustiva espinhosa, com o chão recoberto por gramíneas herbáceas (Panicuns sp, "Themeda triandra", "Cloris sp.", "Digitarias sp"), bem como por leguminosas de porte rasteiro (Stilosanthus sp., Tephrosias sp.). As áreas com essas características recebem a denominação regional de "mananga", que quer dizer semi-árida, por causa da escassês d'água.

A defesa sanitária dos rebanhos está afeta à Divisão de Sanidade Pecuária e Higiene, bem como à Divisão de Patologia e Veterinária. A primeira mantém delegacias sediadas nas províncias. Não obstante Moçambique encontrar-se na área de ocorrência das doenças tropicais do gado, os rebanhos do país passaram a apresentar razoáveis índices de sanidade em resposta a acertadas medidas, sobretudo de ordem profilática, postas em prática pelos serviços oficiais. Mas a escassês d'água e a falta de pasto nas estiagens, agravadas pels queimadas, são os

verdadeiros fatôres limitantes da pecuária moçambicana — causam a subnutrição dos animais, provocando o depauperamento orgânico, que os tornam prêsa fácil das doenças. O fogo anual, ateado às macegas pelo indígena, provoca o aparecimento de intensa vegetação espinhosa que acaba por invadir o terreno, limitando a sua capacidade de apacentação.

O quadro patológico é representado pelas seguintes doenças infecto-contagiosas, mais comuns aos bovinos: tripanossomiase, transmitida pela tsê-tsê; dermatose medular; brucelose; tuberculose; carbúnculos sintomático e hemático; e babesiose, anaplasmose, theleirose, transmitidas pelo carrapato. Há ainda doenças de origem parasitária, como a citricercose, filaariose e micoses, tôdas de muito menor importância que as causadas por agentes microbianos e por vírus.

(A seguir: 5.9.2 — Agricultura)

# ESTÊRCO ARTIFICIAL (COMPOSTO)
# CUSTO E VALOR

**J. BEMELMANS**
**Engenheiro Agrônomo**

As considerações seguintes procuram auxiliar o esclarecimento do custo de uma tonelada de composto fabricada racionalmente.

Embora não tenhamos todos os dados completos tirados da prática real, temos todavia boa parte deles, conseguidos por 12 anos de contabilidade rigorosa numa fazenda mista da zona da Mogiana.

Devemos considerar que 1.000 quilos de capim fresco fornece de 500 a 700 kgs de estêrco artificial, enquanto 1.000 quilos de palha sêca de cereais fornece de 1.000 a 2.000 kgs do mesmo composto.

A produção média de forragem verde por hectare é naturalmente muito variável de acôrdo com a fertilidade da terra, seu estado de erosão e o clima local. Mas podemos admitir sem grande êrro as produções seguintes:

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Capim gordura à floração | 16 a 20 | toneladas | em | terra | bôa, | por | hectare |
| " jaraguá " | 20 | " | " | " | " | " | " |
| " elefante " | 70 | " | " | " | " | " | " |
| Feijão de porco | 20 a 25 | " | " | " | " | " | " |
| Mucuna | 15 a 20 | " | " | " | " | " | " |

É certo que devemos escolher, tanto quanto possível, os terrenos produzindo naturalmente a massa orgânica, por ser mais econômico. Mas para fabricação em grande escala, devemos contar com um preço de custo bem mais elevado, pois será preciso estabelecer culturas especiais de capins e de leguminosas.

Considerando apenas o caso mais simples de capineira já estabelecida, podemos estimar o valor do capim pelo juro a 12% (juro de capitalista que empresta sôbre hipotecas) do valor da terra (valor médio baixo de 7.200 cruzeiros o alqueire ou 3.000 cruzeiros o hectare).

Assim teremos como valor de 1 tonelada de capim gordura ou jaraguá, em pé, $\frac{30 \times 12}{20} = 18$ cruzeiros. Não acreditamos que muitos fazendeiros venderiam os produtos dos seus pastos nesta base baixíssima.

Uma tonelada de capim gordura é produzida em $\frac{10.000}{20} = 500\ m^2$ (metros quadrados) mais ou menos. Um operário ceifa por dia, em bôas condições de capineira e de ferramenta o máximo de uma tarefa de 12,5 braças ou seja 756 $m^2$ para o capim gordura, e uma tarefa de 10 braças (484 $m^2$) para o capim jaraguá.

Assim para cortar (ceifar) uma tonelada de capim gordura será preciso $\frac{1x500}{756}$ = 0,66 dia de camarada; e para uma tonelada de capim jaraguá, um dia.

O transporte feito em carreta comum (chamado pelos lavradores de "carritela"), nunca poderá ser superior a 500-kgs de capim fresco, por vez. Os carroções de quatro rodas, comuns nas planícies do Rio Grande do Sul, talvez chegam a transportar mil quilos, e um caminhão de 3.000 kgs de lotação não carrega mais de 2.000 kgs.

De 1932 a 1943, em 12 anos, na fazenda já referida acima, o custo médio de um dia de 10 horas de muar ficou em Cr$ 2,059. Nêste preço estão incluídas tôdas as despesas de mão de obra, alimentação, pastos, medicamentos, arreios, carroças etc.

Na mesma época o preço médio pago para um dia de camarada (a sêco) foi um pouco inferior a 6 cruzeiros. Hoje custa 5 vêzes mais. Também o milho hoje vale 5 a 8 vêzes mais — assim é justo considerar o custo do dia do muar 5 vêzes 2.059, ou 10,30 cruzeiros.

Um caminhão deve custar hoje 50x5 = 250 cruzeiros por dia, ou ainda 3x5 = 15 cruzeiros o quilômetro.

Com êsses dados podemos pois calcular aproximadamente o custo de uma tonelada de composto após 5 meses de preparo.

| | | |
|---|---|---|
| Valor de 2.000 kgs de capim gordura e jaraguá a 18,00/ton. .................................... | | 36,00 |
| Corte de 1.000 kgs gordura 30 x 0,66 ............ | 19,80 | |
| " de 1.000 kgs jaraguá ....................... | 30,00 | 49,80 |
| Transporte de 2.000 kgs (4 viagens de carroça por dia) 10,30 x 4 burros ........................... | | 41,20 |
| Após 1 ou 2 meses de pisoteio (3) teremos: | | |
| Trabalho de preparo dos montes para fermentação: $\frac{20 \text{ homens x } 30,00 \text{ cruz.}}{100 \text{ ton.}}$ = por ton. ............ | | 6,00 |
| Trabalho durante os 3 meses de fermentação. 10 dias para 100 ton. = $\frac{10 \times 30,00}{100}$ .......... | | 3,00 |
| Produtos indispensáveis para conseguir a fermentação da massa orgânica, no tempo de 3 meses (1 - pg. 22-23) | | |
| 30 kgs de fosfato natural (a 27%) a 1,10 | 33,00 | |
| 400 lt. de palha de café sêca ou 60 kg a 0,50 .. | 30,00 | |
| 40 kgs torta de mamona (ou outra) a 1,7 .. | 68,00 | |
| 30 kgs pó calcário a 0,50 ................... | 15,00 | |
| 30 kgs de composto curtido a 0,30 ......... | 9,00 | 155,00 |
| Conservação e Depreciação do rancho, por ton. | | 3,00 |
| Custo total: .................................... | | 294,00 |

ou seja aproximadamente trezentos cruzeiros

Êste preço de trezentos cruzeiros para uma tonelada de estêrco artificial (ou composto), nesta época de moeda desvalorizada, é mínimo, pois é preço "posto fazenda" isto é sem frete de estrada de ferro e sem transporte da estação até a propriedade.

Comparando êste preço com aqueles de produtos do comércio (geralmente "Posto São Paulo") temos:

### QUADRO I

| | Preço por 1.000 kgs. CR$ | Composições médias % | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | N | P205 | K20 | CaO |
| Estêrco artificial curtido .. | 300,00 | 0,6 | 0,5 | 0,5 | |
| Torta de mamona ......... | 1.700,00 | 5,0 | 1,5 | 1,12 | 0,7 |
| Turfa .................... | 500,00 | 1,0 | — | — | 0,9 |
| Turfa melhorada ......... | 1.700,00 | 1,0 | 2,0 | 1,0 | — |
| Fosfato Natural 27% ...... | 1.100,00 | — | 27,0 | — | 43 |
| " " 32% ...... | 1.300,00 | — | 32,0 | — | 45 |
| Pó Calcário 40% ...... | 450,00 | — | — | — | 40 |

### QUADRO II

| | Preço por tonelada CR$ | Composição por 100 Kgs. | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | N | P205 | K20 | CaO |
| Salitre do Chile ........... | 2.800,00 | 15,5 | — | — | — |
| Salitre potássico .......... | 3.000,00 | 14,5 | — | 10 | — |
| Sulfato de Amônio ......... | 3.200,00 | 21,00 | — | — | — |
| Superfosfato a 18% ....... | 2.200,00 | — | 18 | — | 28 |
| Fosfato bicálcico ........... | 3.600,00 | — | 40 | — | 33 |
| Cloreto de potássio ........ | 3.000,00 | — | — | 60 | — |
| Sulfato de potássio ........ | 3.300,00 | — | — | 50 | — |

Estes adubos simples nos permitem calcular o preço da UNIDADE DE ELEMENTO FERTILIZANTE, o único que interessa ao lavrador, e não o preço por tonelada de adubo.

### QUADRO III

| | Preço do quilo de elemento | |
|---|---|---|
| | Elemento | Cruzeiros |
| Salitre do Chile 280/15,5 | N nítrico | 18,6 |
| Sulfato de Amônio 320/21 | N amoniacal | 15,2 |
| Superfosfato simples 220/18 | P205 sol. água | 12,2 |
| Fosfato bicálcico 360/40 | P205 sol. ac. cítr. ou citrato | 9,00 |
| Cloreto de potássio 300/60 | K2O sol. água | 5,00 |
| Sulfato de potássio 330/50 | K2O sol. água | 6,60 |

Para o salitre potássico teremos:

10 kg de K2O solúvel em água preço por quilo: ..... Cr$ 5,00

14,5 kg de N nítrico a $\frac{300-50}{14,5}$ = preço por quilo: ..... Cr$ 17,20

Como se verifica, o teôr em CaO não é computado como valôr monetário nos adubos químicos, por fazer parte inseparável do produto e também por existir "CaO — ALIMENTO das plantas", em quantidade sempre suficiente na prática.

Utilisando-se calcário para modificar a acidez do terreno, emprega-se não adubo mas CORRETIVOS cujos preços do elemento ativo (CaO) devem ser comparados entre si, pelo mesmo método acima.

O cálculo da unidade fertilizante de um fosfato natural deve pois ser feito considerando apenas o teôr em P205 e não o total de P205 + CaO. E mesmo assim não se deve esquecer o estado de solubilidade e de aproveitamento possível, pela planta, desse P205.

Vejamos agora como julgar do valor monetário dos adubos complexos ou mistos. Tomando como índice 100, o valor de um quilo de azôto nítrico (N) do salitre, teremos para os outros elementos, atualmente:

## QUADRO IV

| | |
|---|---|
| N nítrico, do salitre | 100 % |
| N amoniacal, do sulfato de amônio | 81,7% |
| P205 sol. em água do super | 65,5% |
| P205 sol. em ácido cítrico dos bicálcicos | 48,9% |
| K2O sol. em água do cloreto | 26,8% |
| K2O sol. em água do sulfato | 35,4% |

Êstes índices, em nosso país, vêm se repetindo com aproximadamente as mesmas relações porcentuais, desde 1896. Assim podemos afirmar que, tomando o valor em cruzeiros do preço de um quilo de azôto nítrico (N do salitre) os valores monetários dos outros elementos poderão, com bastante aproximação, ser sempre calculados pelas porcentagens seguintes:

## QUADRO V

**Relação entre si (porcentagem) dos preços dos elementos fertilizantes**

| | |
|---|---|
| N nítrico | 100 |
| N amoniacal | 82 a 87 |
| P205 do super | 65 (*) |
| P205 do bicálcico | 50 |
| P205 da farinha ossos | 42 (*) |
| K2O do cloreto | 27 |
| K2O do sulfato | 35 |

(*) Estas percentagens estão em alta progressiva, embora lenta.

Para calcularmos o custo de cada elemento nutritivo num adubo complexo, devemos pois aplicar a fórmula:

$$(\text{teor em N}) \times X + (\text{teor em P2O5}) \times \frac{65X}{100} + (\text{teor em K2O}) \times \frac{27X}{100}$$

= Preço 100 kgs. Adubo.

onde X representa o valor de custo de 1 kg de N nítrico, e onde P2O5 é considerado igual àquele do super, e K2O àquele do cloreto a 60%.

No caso de estêrco artificial aqui considerado, teremos pois:

$$0{,}6 \times X + \frac{0{,}5 \times 65X}{100} + \frac{0{,}5 \times 27X}{100} = 30{,}00$$

e onde X = 28,30

Isto quer dizer que o kg de N do Est. Artif. custa 28,30 Cr$.
o kg de P2O5, os 65% ou 18,40 "
o kg de K2O, os 27% ou 7,60 "

Êsses preços são muito superiores aos preços dos adubos químicos, tantas vêzes acoimados de "caríssimos".

Em um segundo ponto de vista, podemos calcular o valôr dos estêrcos e tortas, dando aos seus elementos nutritivos o valor pecuniário do momento, nos adubos químicos do mercado. No caso acima teríamos então:

| Estêrco artificial — 100 kg. | | |
|---|---|---|
| 0,6% de N | a Cr$ 18,60 | 11,16 |
| 0,5% " P2O5 | Cr$ 12,20 | 6,10 |
| 0,5% " K2O | Cr$ 5,00 | 2,50 |
| | | 19,76 |
| Valor da matéria orgânica | | 10,24 |
| | | 30,00 |

Fazendo os mesmos cálculos para os outros produtos mencionados no quadro I, teremos:

1.º) Custo da unidade de elemento nutritivo, sem considerar o valor da matéria orgânica:

## QUADRO VI

| | Custo da unidade de | | |
|---|---|---|---|
| | N | P205 | K20 |
| Estêrco artificial | 28,30 | 18,40 | 7,60 |
| Torta de Mamona | 27,08 | 17,60 | 7,30 |
| Turfa | 50,00 | — | — |
| Turfa melhorada | 66,10 | 43,00 | 17,80 |
| Unidade nos Adubos Químicos | 18,60 | 12,20 | 5,00 |

2.º) Custo da matéria orgânica, deduzido o valor normal do elementos nutritivos:

## QUADRO VII

| | Valor dos elementos nutritivos (base do preço ad. químico) | | | | Valor por diferença da mat. orgânica |
|---|---|---|---|---|---|
| | N | P205 | K20 | Total | |
| Estêrco artificial | 11,16 | 6,10 | 2,50 | 19,76 | 10,24 |
| Torta de mamona | 93,00 | 18,30 | 5,60 | 116,90 | 53,10 |
| Turfa | 18,60 | — | — | 18,60 | 31,40 |
| Turfa melhorada | 18,60 | 24,40 | 5,00 | 48,00 | 122,00 |

No quadro acima consideramos os valores mais caros para os elementos N, P205 e K20, obtendo assim, o valor mais barato para a matéria orgânica. Cumpre observar que mesmo assim ela ficou custando quasi sempre mais de que o elemento mais caro dos adubos químicos (N nítrico).

Observamos ainda que o húmus mais barato é proporcionado pelo estêrco artificial e é certamente o melhor dos citados acima.

### BIBLIOGRAFIA

1) ANÔNIMO: 1952: A adubação Racional do Cafeeiro no Brasil — S. Paulo Soc. de Potassa e Produtos Agricolas Ltda. — 21 a 23.

2) ANÔNIMO: 1953: Custo de Produção do Composto, A Agricultura em S. Paulo, Ano III, n.º 7 — Julho 1953 — 31-36.

3) KAUFMANN, Sigmar: 1953: Como Preparar o Composto — S. Paulo — 31 pg.

4) THURIAUX, L.: 1951: Fumier Artificiel et Terreau: um procédé rapide de Fabrication — Bruxelles — 28 pg.

# Resumos e Transcrições

# SEMENTES DE CAFÉ DA VARIEDADE CATURRA VERMELHO

Da variedade Caturra vermelho, poder-se-á obter no corrente ano apreciável quantidade de sementes selecionadas, proveniente das instituições oficiais, e principalmente de fazendas particulares, que formaram campos de produção com material básico fornecido pela Secção de Café da Divisão de Experimentação e Pesquisas (Instituto Agronômico).

Assim será possível obter sementes nas seguintes fontes:

## I — INSTITUIÇÕES OFICIAIS:

1 — **Secção de Café — Divisão de Experimentação e Pesquisas.**
**Quantidade provável de sementes disponíveis para 1953:** 800 quilos.
**Procedência das sementes:** campos de produção, instalados pela Secção de Café, da D.E.P., na Estação Experimental Central, de Campinas.

2 — **Secção de Café — Divisão de Fomento Agrícola — Campinas.**
**Quantidade provável de sementes disponíveis para 1953:** 350 quilos.
**Procedência das sementes:** campo de cooperação da Secção de Café, da D.F.A., instalado na Fazenda Santa Cruz, em Pinhal.

### REMESSAS DE PEDIDOS

a) — Os pedidos de sementes das instituições citadas deverão ser encaminhados para: chefe da Secção de Café, Divisão de Fomento Agrícola — Instituto Agronômico — Caixa Postal 28 — Campinas.

b) — A cada interessado serão fornecidos até 20 quilos de sementes despolpadas.

c) — Os pedidos serão feitos de acôrdo com as normas anexas.

3 — **Estação Experimental de Monte Alegre do Sul — D.E.P..** Endereço: dr. Sebastião Alves, chefe da Estação Experimental — Caixa Postal — Telefone 9. **Monte Alegre do Sul,** CM.
**Quantidade provável de sementes disponíveis para 1953:** 700 quilos.

4 — **Estação Experimental de Mococa — D.E.P.**
**Quantidade provável de sementes disponíveis para 1953:** 200 quilos.

5 — **Estação Experimental de Jaú — D.E.P.**
**Quantidade provável de sementes disponíveis para 1953:** 80 quilos.

6 — **Estação Experimental de Pindorama — D.E.P.**
**Quantidade provável de sementes disponíveis para 1953:** 50 quilos.
**Procedência das sementes destas instituições:** campos de produção, instalados pela Secção de Café, da Divisão de Experimentação e Pesquisas.

**Quantidade a ser fornecida a cada interessado:** até 10 quilos para as Estações Experimentais de Jaú, Pindorama e até 20 quilos para as de Mococa e Monte Alegre do Sul.

### REMESSA DE PEDIDOS

a) — Os pedidos de sementes produzidas nas instituições acima relacionadas deverão ser encaminhados diretamente aos chefes das Estações Experimentais.

b) — Para execução dos pedidos, serão obedecidas as normas anexas.

## II — FAZENDAS PARTICULARES

De várias fazendas particulares, poder-se-á também obter semente selecionada de Caturra vermelho. Entre estas, pode-se citar a Fazenda Sete Quedas, em Campinas, que conta com bom campo de produção de sementes. Este foi formado com material básico fornecido pela Secção de Café da D.E.P.

Esse campo vem fornecendo já há anos, em escala apreciável, boas sementes aos interessados.

Abaixo, as indicações referentes à fazenda citada: **Fazenda Sete Quedas** — Endereço: Caixa Postal 456 — Telefone: 5583 — **Campinas.**

**Quantidade provável de sementes disponíveis para** 1953: 20.000 quilos.

### REMESSA DE PEDIDOS

Os pedidos de sementes para a fonte citada deverão ser encaminhados diretamente à fazenda em questão.

(Do "O Estado de S. Paulo," 18-11-53)

# LIGEIRO HISTÓRICO DO CAFÉ

**José Santos Daniel**

Pelas informações que a história nos oferece, o café é de origem etiópica. Fazendo-se um exame minucioso nas fontes, vê-se que a Arábia não foi o berço da rubiácea baluarte do Brasil, como Lineu mal denominou de Coffea Arábica. Supõe-se que o café tenha sido introduzido na Arábia no ano de 1500, e que os árabes começaram a usá-lo no século XV.

Foi curioso o modo pelo qual se originou o aproveitamento do café, que até então, era uma planta desconhecida.

Um pastor etíope, certa vez, impressionou-se com a excitação provocada nos caprinos de seu rebanho pela alimentação com fôlhas do cafeeiro. Comunicando-se imediatamente, com uns monges seus vizinhos, sôbre o fenômeno que observara no seu rebanho com a ingestão das fôlhas do cafeeiro. Esses começaram a usar a infusão das fôlhas e o decoto da cereja do café, mantendo-se vigilantes à hora do côro noturno conventual. A introdução do novo hábito encontrou sérios tropêços e até feroz resistência. Houve perseguições, violências e proibições expressas da ingestão do café, por contrariar o Alcorão (Livro que contém a doutrina religiosa de Mofoma).

Pouco durou essa proibição. Em 1526 eram livres o plantio e comércio do cafeeiro na península arábica, onde se desenvolveu extraordináriamente. O uso do café propagou-se com rapidez pelo Oriente; Egito, Síria e Turquia; havendo no primeiro dêsses paises sérias oposições, dando lugar a motins, violências contra os apreciadores do café. Na Síria espalhou-se triunfalmente em 1530 em diante. Em 1570 renovou-se o movimento anti-cafezista, encabeçado pelo Grão Mufti, mas sem resultado, continuando os turcos a usá-lo ainda de maneira mais intensa.

No século XVI só aos árabes cabia exclusividade da lavoura cafeeira, e acreditava-se até que êles ferviam as sementes a fim de lhes destruir o poder germinativo. Ukers é de opinião que as primeiras xícaras de café bebidas na Europa Ocidental foram em Veneza, no fim do século XVI.

Dizem que o primeiro propagandista do café em Londres, foi Capapios, refugiado grego, natural de Creta. Mas a iniciativa do café público coube a um grego, chamado Rosée. Houve, na Inglaterra, vivos debates sôbre a benemerência e a nocividade do café. Havendo mesmo pitorescos incidentes, como por exemplo, o da representação das mulheres de Londres a Carlos II, pedindo a proibição da bebida que, no seu dizer, esterilizava a espécie humana. Mas, mesmo assim, em 1770, verificava-se em Londres grande número de cafés públicos, onde faziam centros de proezas dos oposicionistas contra o mau govêrno de Carlos II, que mandou fechá-los em 1675. Mais tarde, foi a Inglaterra notável bebedora de café. Nas terras do Império Germânico, o café se infiltrou pela via de Hamburgo, datando de 1679 o seu primeiro café público.

Berlim teve-o em 1721. Tôda a Alemanha consumia grande quantidade de café com leite, mistura que diz ser de invenção germânica.

Na Suécia o uso do café teve início depois de 1721. Na Holanda, Háia, depois de 1665, em 1666 em Amsterdam.

Na França, os cafés públicos multiplicavam-se notàvelmente, sendo que, no século XVIII, representavam locais para debates políticos. Enfim, no decorrer de poucos anos, quase tôda a Europa consumia café.

Dizem os historiadores que o primeiro cafeeiro transportado à Europa foi o que os holandeses levaram de Mokka a Amsterdam, em 1616. Em 1670 houve quem pensasse em aclimar a rubiácea na França, em Dijon, mas o êxito da operação foi nulo.

Os plenipotenciários franceses, por ordem de Luís XIV, solicitaram mudas de café do Jardim Botânico de Amsterdam; satisfazendo o pedido, foi-lhe enviado um cafeeiro novo e vigoroso, transplantado em Marly, e que depois passou a viver em uma estufa do Jardim das Plantas de Paris, sob as vistas carinhosas do ilustre Antônio Jessieu.

Pensaram então os franceses em criar logo lavouras de café nas Antilhas, escolhendo Jessieu a Martinica para o campo das primeiras plantações. As primeiras tentativas foram falhas, porém, coroadas de êxito, posteriormente. O sr. Chirac, diretor do Jardim das Plantas de Paris, em 1723, confiou a Gabriel Mateus de Clieu, oficial da Marinha de Guerra francesa um cafeeiro com o qual êle teve atribulada travessia atlântica, receioso de ser capturado por corsários, o que quase aconteceu, em virtude de tremendo temporal, seguido de interminável calmaria, em que quase todos os tripulantes pereceram por falta de água potável a bordo. Para salvar a maravilhosa planta foi obrigado a repartir com ela sua minguadíssima ração do precioso líquido, conseguindo, assim salvá-la. Foi êste o cafeeiro patriarca do cafèzal martiniquense, em 1726 já contava com umas duas mil árvores. Dalí foi se espalhando por tôda a América Central. A primeira região invadida pelo cafeeiro na América do Sul foi a de Surinan, para onde os holandeses, senhores desta colônia mandaram mudas, talvez por volta do ano de 1615.

Diz Amblet, na sua Histoire des plantes de la Guyane Française (775), que um refugiado no Surinan de nome Morgues, pediu ao governador da Guiana que o perdoasse, e que em troca lhe levaria sementes de café, tendo o governador sr. d'Albon aceitado sua proposta.

Presume-se que foi nesta data (1724) introduzido o café em Caiena, pois, em 1726 lá haviam numerosas lavouras.

Sôbre a entrada do café no Brasil, não há dúvida, que as sementes foram de Caiena para Belém, presumivelmente em 1727.

Com a lisura de Francisco de Melo Palheta, Joaquim Caetano da Silva, em sua famosa obra "L'Oyaopok e l'Amazone", afirma que o Brasil deve a grande dádiva à senhora governadora de Caiena, espôsa de C. d'Orviliers.

A propósito dêste episódio, hoje conhecidíssimo, a mais antiga referência é a do bispo do Pará, D. João de São José Queiroz, que foi a seguinte:

"As primeiras árvores de café procederam de Caiena, no tempo do governador João de Maia, o que se deve à generosidade de sua espôsa, que sabendo da proibição e estado com que andavam os seus

nacionais, para que não se comunicassem a um português, indo Palheta visitar seu marido e saindo todos a passeio, ela generosamente lhe ofereceu em presença do marido (que sorriu), uma mão cheia de sementes de café, praticando a galantaria de ser a mesma que lhes introduziu no bolso da casaca, obrigando-a a tal sorte, que lhe não sobejaram com que mostrou agradecer muito a madame esta fraqueza e bizarria".

Assim, a Francisco de Melo Palheta, se deve o transporte de grãos de café de Caiena ao Pará, por uma circunstância fortuita e especial cordialidade da sra. d'Orviliers.

Há quem diga que Palheta foi à Caiena estimulado por João da Maia Gama, inspirador de Palheta.

De Caiena para Belém foram levadas mil e tantas sementes e cinco mudas de café, no ano de 1727, sendo que em 1713, segundo Teodoro Braga, chegaram à Lisboa pequenas partidas de café do Pará e Maranhão, o que levou D. João V a isentar o produto de direitos durante 12 anos. Insignificante, porém, foi a produção dos cafèzais no Pará e Maranhão, dos primeiros anos aos nossos dias. No Piauí nunca se plantou café. No Ceará diz Stuart haver plantado em 1747, na Serra da Meruoca, mudas que trouxe de Paris. Aliás, naquele Estado ainda há alguns cafèzais na Zona da Serra. Também no Rio Grande do Norte, jamais se plantou café. No Estado da Paraíba o plantio foi insignificante. Em Pernambuco houve apenas cultura experimental. Em Alagoas e Sergipe pode-se dizer que a cafeicultura foi nula. Na Bahia surgiram cafeeiros nas imediações de Caravelas, levadas por capuchinhos, missionários no Brasil. Em 1782, já existiam 400.000 cafeeiros na comarca de Ilhéus. No Espírito Santo, em 1811, já havia uma pequena produção de café.

No Rio de Janeiro, deve-se a introdução do café ao desembargador João Alberto Castelo Branco, no correr do ano de 1760, sendo os cafeeiros transportados do Maranhão e entregues aos capuchinhos, que os plantaram em sua horta, onde em 1782, o cônego Januário Barbosa os viu viçosos.

Alguns autores acham que o Vice-Rei, Marquês do Lavradio, teve decisiva influência sôbre a propagação cafeeira no Rio de Janeiro. Que Lavradio usou de verdadeira prepotência para obrigar os lavradores das cercanias do Rio de Janeiro a plantarem café, havendo feito entre êles larga distribuição de sementes.

Conta um romancista que um dêsses fazendeiros, o capitão Silvestre indignado com esta violência, foi ter ao Frei Veloso e queixou-se das ameaças do Vice-Rei, e o ilustre botânico dissuadiu-o de deitar fora os grãos da rubiácea, afirmando-lhe que a nova lavoura o poderia enriquecer.

Dois rumos notáveis tomou a invasão cafeeira em terras fluminenses: o do noroeste, com os núcleos de São João Marcos e Rezende, e o do norte, com as grandes lavouras de Vassouras, Valença e Paraiba do Sul.

Em 1828, J. F. von Weech, alemão e soldado dos mercenários de Pedro I, escrevendo sôbre o Rio de Janeiro, dizia que o cafèzal fluminense era pouco duradouro em consequência da erosão causada pela declividade das terras.

Nas fraldas das montanhas cariocas do Corcovado e da Serra da Tijuca e nas encostas voltadas para Jacarepaguá, foi plantado o cafeeiro, como pormenorizadamente expõe Germano Dantas, em seu excelente estudo sôbre o café no Distrito Federal.

As enormes áreas hoje construidas na capital brasileira, foram cafèzais, como a Chácara do Portão Vermelho, em Andaraí, onde houve lavoura de 30 a 40 mil árvores, produzindo 1.200 arrobas.

A onda cafeeira espalhou-se pelos distritos de Jacarepaguá, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba. Diz G. Dantas, que o cafeeiro desapareceu do Rio de Janeiro, mas foi ali que se formou o primeiro núcleo de mudas e sementes que inundaram os territórios do Estado do Rio, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Espírito Santo, lavoura essa que se tornou no país uma prodigiosa e incomensurável grandeza, a mais alta e ponderável fôrça econômica do Brasil, perante o mundo e a nós mesmos.

(Da "Vanguarda, Rio, 19-12-53)

# O GUANDÚ NA ADUBAÇÃO VERDE

Escreve-nos, de Campinas, o sr. **Clovis Teixeira**, delegado florestal do ministério da Agricultura:

"Nas considerações em torno do problema da adubação verde, não foi, até o momento, lembrado o papel que poderá exercer o guandu em nossos cafèzais. Assim, pois, peço licença a essa ilustrada redação para expor o seguinte:

"Reconhecidamente admirável é o poder transformador do guandu, emprestando qualidades de "terra de mato" às terras cansadas, aos solos esgotados por longos anos de agricultura. Mesmo sem o enterrío da massa verde, mas, sim, conservando o guandu sôbre o terreno, durante três a quatro anos, a fertilização se opera de forma a mais satisfatória. Acredito, mesmo, que a permanência do guandu durante dois anos em terras medíocres as transformará notàvelmente. O guandu, com o seu sistema radicular, que atinge, aproximadamente, três metros de profundidade, além da distribuição homogênea e densa das raízes laterais, traz à superfície, nas folhas e ramos em constante desprendimento, sais minerais perdidos em consequência da erosão por percolação ou situados fora do alcance das raízes de outras plantas, tais como o algodoeiro, milho, etc. Já no ano de 1889, o "Jornal do Agricultor", que se editava no Rio de Janeiro, informava: — "... e as folhas que caem são um ótimo estrume vegetal."

"Nos cafèzais do México, o guandu (gandul) é plantado para sombreamento provisório, isto é, até que o ingàzeiro, ou árvore de sombra outra, atinja completo desenvolvimento. Ali, ao contrário do que se propala entre nós, o guandu não concorre com o cafeeiro na absorção de elementos fertilizantes...

"Interessante processo de adubação verde poderá ser experimentado em nossos cafèzais. Consiste êle no plantio do guandu em fileira cerrada entre as ruas do cafâzal, procedendo-se ao corte periódico, isto é, sempre que as plantas atinjam um metro, mais ou menos, de forma a se acumularem camadas e mais camadas de folhas e ramos sôbre o solo do cafèzal. Com isto, sem que haja necessidade de enterrio, a matéria orgânica proporcionada pelo guandu irá se transformando, através dos anos, em rico "húmus", além de defender o solo do cafèzal contra a perda de umidade e contra a erosão, significando, por outro lado, grande infiltração das águas pluviais. Quanto à propalada concorrência do guandu com o cafeeiro, deixará, absolutamente, de existir mediante a devolução ao solo, na massa verde periòdicamente cortada e deixada sôbre o terreno, dos elementos fertilizantes que essa leguminosa absorveu.

"No Vietnã (Indochina), esta prática de adubação verde, mediante cortes periódicos do guandu, é adotada nas plantações de Tungue. Vamos, pois, experimentá-la aqui. Teremos destarte, nossas lavouras cafeeiras grandemente beneficiadas pelo guandu, o "Zebu das Leguminosas" ou, ainda, como também é chamado — a "Soja Brasileira".

"Agora, necessário se torna esclarecer que o corte do guandu deverá ser efetuado a palmo de altura do solo, aproximadamente, porquanto, do contrário, não rebrotará.

"Os americanos, em Havaí, tiraram a conclusão de que o melhor milho vem, sempre depois de ocupado o terreno pelo guandu. Lá mesmo, em Havaí, os plantadores de abacaxí colocam o guandu ("pigeonpea") em primeiro lugar como planta de rotação para a mencionada bromeliacea. O que se torna imperativamente necessário é estabelecer-se em nossos estabelecimentos de ciência agronômica estudo genético sôbre o guandu, de forma a melhorarmos, cada vez mais, essa leguminosa, fixando-lhe as boas características e eliminando-lhe as más, porquanto ela, pelas suas grandes virtudes, bem o merece.

"Não queremos encerrar estas linhas sem chamar a atenção dos nossos avicultores e criadores de gado leiteiro para o trabalho, relativo ao guandu como substituto do farelinho de trigo, publicado no "Boletim de Indústria Animal" — N.º Único — Dezembro, 1952. Podemos concluir, com o "Boletim de Indústria Animal", que o farelinho de trigo é, em verdade, um assunto superado... diante da leguminosa extraordinária que conhecemos por feijão guandu."

**("Folha da Manhã" 3-12-1953)**

# ROTEIRO DE UMA SEGUNDA VIAGEM AO ESPIRITO SANTO

## I

## CONSERVAÇÕES NA ÁREA COSTEIRA E NO INTERIOR NORTE E SUL CONFIRMAM UMA VISÃO OTIMISTA DA CAFEICULTURA ESTADUAL

**Mário Mazzei Guimarães**

De volta de uma segunda viagem ao Espírito Santo, onde visitamos mais detidamente a região central, que já conheciamos, e fizemos observações na área litorânea, na zona em abertura do norte e na zona velha do sul, podemos ter agora uma visão de conjunto mais satisfatória do fenômeno cafeeiro espírito-santense. Dessa forma, várias retificações serão efetuadas na segunda série de reportagens que divulgaremos sôbre aquele Estado, visando ainda sobretudo ao café e com algumas anotações sôbre gado e cereais e especialmente sôbre o cacau do baixo rio Doce (região de Linhares).

Entretanto, o reporter sente-se feliz em registrar que conclusões fundamentais a que chegou a respeito da cafeicultura diferente no Espírito Santo e que surpreenderam os meios paulistas, resistiram à análise meticulosa a que pôde proceder na segunda viagem. E como se verá pelos trabalhos a serem publicados nesta nova série, os seguintes pontos sustentados na anterior podem ser confirmados: a) — o cafèzal espírito-santense é mais produtivo por unidade de área que o paulista, graças principalmente ao processo do plantio mais junto; b) — o ponto mais fraco do café espírito-santense reside na qualidade, o que não permite ao lavrador uma renda bruta correspondente ao volume colhido por hectare; c) — houve maior poupança dos recursos naturais no avanço do café espírito-santense do que no do paulista ou paranàense; d) — a produção cafeeira do Espírito Santo revelou-se mais estável nos últimos 30 anos que as dos demais Estados produtores; e) — destaca-se a urgência do estabelecimento de planos experimentais, para estudo das peculiaridades do "café de morro" do Espírito Santo e fixação de roteiro seguro para seu desenvolvimento; f) — a organização social gerada pela exploração cafeeira no Espírito Santo permite, na maioria das regiões produtoras, um padrão médio de vida da população rural mais elevado que em São Paulo (o que seria uma "vantagem social" do "sítio" sôbre a "fazenda").

Essas conclusões, otimistas em seu conjunto e que nos permitiram uma teorização pouco ortodoxa sobre a rubiácea capichaba, foram extraidas das piores amostras do cafèzal espírito-santense (alguns cafeeiros sombreados do Litoral central, e as plantações a pleno sol de Santa Leopoldina, Santa Teresa e áreas mais velhas de Colatina), retificadas naturalmente por informações colhidas sôbre outras zonas e por análises de dados estatísticos. O alargamento da visita a zonas melhores veio confirmar que não se justificava o pessimismo inicial com que até elementos oficiais encaravam a sorte da cafeicultura no Espírito Santo. Dois agrônomos paulistas, em cuja companhia viajamos (os srs. Valter Lazzerini e Carlos Alves Seixas), também colheram impressão geral

satisfatória do café capichaba, não negando as falhas, mas acreditando em suas possibilidades de permanência e melhoria, desde que resolvidos alguns problemas técnicos.

## O CAFÉ NO LITORAL

A zona do Litoral é produtora de café no Espírito Santo, tanto para o sul, como para o norte, assim que acaba a praia, e sobretudo quando a topografia se acidenta, mas antes que surja a área do cassapé — a terra arenosa contém numerosos sítios onde a rubiácea é a principal cultura. Raros são os cafeeiros a pleno sol. O sombreamento é o processo dominante, tradicional, e todas as tentativas de romper-se essa rotina têm falhado. Trata-se de zona úmida, baixa, onde chove muito e onde parece não existir o problema da concorrência da planta de sombra sôbre a água armazenada no solo. A regra é o sombreamento natural: a mata original é raleada e nela se faz o plantio. Todavia, em algumas zonas, como para os lados de Guassu e Linhares (ao norte), há cafeeiros sombreados artificialmente: o ingá, o pisquim e uma leguminosa denominada molulo branco têm sido utilizados. Examinamos uma cultura sombreada com esta última, perto de Suassu, e ela apresentava aspecto melhor que a maioria das de sombreamento natural: não sabemos se por vantagem do sistema adotado para sombra, ou se por tratar-se de lavoura mais bem tratada. Deve ser salientado, porém, que vimos lavouras boas com sombreamento natural: entre Suassu e Linhares (uma com ótima carga) e ao longo da ferrovia de Colatina a Vitória (Vitória-Minas), mais ou menos na altura de Ibirassu e Fundão. O aspecto geral, porém das lavouras sombreadas do Litoral é mau, devido a fatores que apontaremos a seguir.

## MATA FRACA

A mata do litoral é fraca, lembrando a da região de São Paulo e do próprio litoral paulista. E isso sugere terra pouco forte para café. À medida que o observador entra para o continente a mata melhora: é o que acontece de Iconha para Cachoeiro de Itapemirim (sul) e de Aracruz para Suassu e para Linhares (norte). Já na rota de Linhares para São Mateus (à beira do rio do mesmo nome), na medida em que se aproxima, pela rodovia, desse porto fluvial a leste, perto do mar, a mata piora e a terra começa a registrar mais areia. Nas derrubadas ainda recentes, surge o sapezal com uma intensidade impressionante, na maior parte do trecho que vai de Linhares a São Mateus e em toda orla litorânea do café.

## O DOMÍNIO DA SOMBRA

A área do café sombreado é a agricolamente mais primitiva do Espírito Santo e a que menos pesa na produção estadual. O cafèzal, plantado no mato, dá pouco trabalho, e o lavrador apenas faz uma limpa (roçada) por ano, na ocasião da colheita. Faz-se a replanta das árvores que morrem, mas é muito comum o aproveitamento de mudas nasci-

das espontâneamente dos frutos largados no chão durante a apanha: raleia-se as mudas nascidas, deixando crescer aquelas julgadas necessárias para desenvolvimento. Em qualquer hipótese, é sempre usada para replantio a muda surgida no cafèzal, com o transplante dela para o local que se desejar quando não se a deixa crescer no próprio ponto de germinação. Coloca-se habilmente 3 mudas por cova nos plantios e replantios, e a abertura no chão é rasa e estreita. Planta-se e replanta-se também com o emprêgo de sementes, e esse processo é o dominante nas plantações iniciais. O espaçamento no cafèzal sombreado é muito irregular, e com o tempo fica sujeito aos caprichos das germinações que, por principio de menor esforço, se conservam dentro da mata. Distâncias de 2 metros entre as plantas e até de pouco mais de 1 metro se localizam fácilmente em cafèzal sombreados, como por exemplo numa área localizada entre Aracruz (comarca com sede litorânea) e Suassu, cidade nova, mais para o interior, e que é a sede do município de Araruz (não há concidência entre a tradicional séde judiciária e a administração, em virtude de conflito entre o Poder Judiciário, de um lado, e o Legislativo e o Executivo, de outro). A maioria do cafèzal sombreado da zona do litoral está instalada nas elevações, sobretudo logo ao norte de Vitória, onde o terreno acidentado parece aproximar-se mais da praia; para o sul, há cafèzais sombreados quase no plano, e alguns centenários, como vimos, e em produção razoável, segundo nos informou o sr. Tufi Nader, chefe do Fomento Agropecuário Estadual. A colheita de café na região de Aracruz e Suassu é efetuada na peneira e o beneficiamento se processa primitivamente: a "descasca", como dizem os lavradores, é feita em pilão, ou em bolendeiras, ou ainda em engenhos um pouco mais avançados, denominados ripes.

## O FAMOSO CAPITANIA: EM DECADÊNCIA

Na área do litoral é que se acha localizada a fonte produtora do café denominado "capitania", que se obtem de cafèzal da variedade comum, sombreado. O tipo resultaria antes da forma de colheita (apanha da cereja na peneira) e de um preparo especial, com boa secagem. Dá ele boa bebida, apreciada em paìses europeus. Como dissemos na primeira serie de reportagens, declinou bastante durante e após a guerra a produção de "capitania", devido à desorganização e não recuperação dos mercados interessados. Andaria ela limitada a cêrca de 10 mil sacas anuais. A retração dos mercados importadores teria ocasionado o relaxamento na colheita e no preparo, bem como empobrecido mais os cultivadores e contribuido assim para a decadência dos cafeeiros. Investigações cuidadosas e um plano racional de experência, ao mesmo tempo que estudos dos mercados, poderiam dar um roteiro para esse café em declínio, que vinha constituindo o melhor veículo de exploração econômica da rubiácea nas terras relativamente pobres do litoral espírito-santense.

## NÃO VAI BEM NO LITORAL O CAFÉ EM PLENO SOL

Como dissemos há cafèzais a pleno sol em alguns pontos do litoral, mas não se comportam satisfatòriamente. "Morrem cedo" — dizem os

capichabas — e produzem menos". Em Suassu, o técnico agricola local resumiu assim as vantagens do sombreamento no município, que dispõe de 50 milhões de pés, a grande maioria com sombra: "colheitas mais volumosas e mais regulares todos os anos e produto mais uniforme". O cafèzal a pleno sol, entre outras desvantagens, apresentaria a de uma produção muito oscilante entre uma safra e outra. As culturas da região de Suassu, quando não sombreadas, obedecem ao espaçamento cerrado de 6 por 10 palmos ou seja: cérca de 1.30 m nas fileiras e 2,20m nas ruas.

## A FIGURA DO SITIANTE

Na zona do café sombreado, dominam pequenas plantações, exploradas por sitiantes geralmente pobres. É a área cafeeira mais pobre do Estado. Os lavradores são capichabas, no sentido rigoroso de "caboclo espírito-santense". As famílias se concentram em determinadas regiões: próximo a Aracruz, por exemplo, num local denominado Laranjeira, um sitiante de uns 8 a 10 hectares, nos disse: "Sou Loureiro, e aqui quase todo mundo é Loureiro". Os casamentos são efetuados geralmente dentro da comunidade, o que reforça o espírito de solidariedade, mas favorece a rotina social e agrícola, em virtude da falta de "cruzamento de experiências" com outras populações. Os não proprietários são meeiros dos sitiantes que não podem tocar os cafèzais com os braços disponíveis na família. Geralmente, o meeiro é parente próximo ou distante do dono do cafèzal e se limita a fazer a roçada anual e a colheita, ficando com a metade desta: reparte-se o produto ou dinheiro obtido na venda. A colheita de 1953 foi muito fraca, devido à forte incidência da broca, que produziu verdadeira "razzia" nos cafèzais sombreados do litoral espírito-santense. Apesar dos altos preços da safra, houve sítio que não produziu café para o comércio. Um sitiante de Aracruz colheu só 11 arrobas em 1.000 pés e os seus vizinhos não levaram vantagem sôbre ele. Já está havendo interesse pelo combate químico à praga, mas nos parece que a resistência à inovação aí é maior do que nas zonas de café e pleno sol, como em Colatina, em São Francisco da Barra, em Cochoeiro do Itapemirim: um fenômeno resultante do maior atraso técnico do lavrador litorâneo, da sua acentuada pobreza, do menor hábito de "lidar na lavoura" e das dimenções excessivamente acanhadas de cada cafèzal.

## O RESTO DO LITORAL

Alem do cafèzal, no litoral norte (acima de Vitória), registra-se a cultura de substância (mandioca, que o caboclo chama de mandi, e cereais). Muito pouco gado de corte e de criação de galinha mal dando para o gasto. Sintomas de alimentação humana pobre, mas o caboclo apresenta aspecto relativamente sadio: a pressão ainda leve da população sôbre o meio físico (constante em quase todo o Espírito Santo) talvez contribua para uma boa diversificação da dieta com produtos da caça e pesca.

No litoral sul (abaixo de Vitória), sobretudo para os lados do rio Itapemirim, há muitas várzeas que vêm sendo ocupadas com arroz, e este cereal provàvelmente pudesse tornar-se aí uma grande cultura comercial, tudo dependendo da existência de mercados internos ou externos. Nos cafèzais sombreados, ao norte e ao sul, não registramos culturas intercalares, o que é natural.

A presença do pasto é mais próxima do mar no litoral sul, onde já se observam grande pastagens de colonião e jaraguá, sob a influência da área leiteira de Cachoeiro do Itapemirim, com base no mestiço de Holandês e de Schwitz. No litoral norte, para os lados dos municípios de Linhares, São Mateus (onde existe um Posto Zootécnico estadual), e Conceição da Barra, a pecuária de corte é dominante, e existem extensas pastagens, com a presença do capim colonião e de gado mestiço de zebu. Percebe-se a influência mineira e baiana na pecuária do litoral norte e o gado criado, recriado e engordado na região desce para o sul, a caminho dos matadouros de Vitória e principalmente de Campos, no Estado do Rio. Neste último não existe pròpriamente uma engorda do gado espíritosantense: apenas rápido descanso antes do abate. Não obtivemos dados sôbre o comércio de gado do Estado, que se faz todo por terra e a pé (boiadas no corredor).

Tivemos notícias em São Mateus ao norte, de uma doença no gado, denominada "toca", e que leva o rebanho a arrepiar-se e a emagrecer ràpidamente, até a morte. Para "desentocar" o gado, deve-se levá-lo para pastagens de beira de rio que venha das serras do oeste; aí êle se recupera em breve. Um agrônomo federal em São Mateus considera "toca" moléstia de carência, resultante da falta de cobalto na alimentação ingerida: uma vez em contacto com as águas dos rios que descem da serra aquela deficiência seria corrigida.

No sul, está havendo a formação de praias de veraneio, com bastante afluência de gente do Estado e de Minas. E' o caso de Guaraparí, (com fontes radioativas), Irirí e dizem que de Maratizes. Êsse turismo de praia poderá gerar mercado para incrementar a agricultura de fins alimentícios ao longo do litoral sul.

Quanto ao mais, registramos interesse pelo algodão em Suassu, culturas esparsas de côco da Bahia em São Mateus e o surto do cacau no Baixo Rio Doce (município de Linhares), que será assunto de uma reportagem à parte desta série. Em trabalhos posteriores, examinaremos aspectos do café na hiterlândia, ao norte e ao sul do Espírito Santo, zonas que confirmaram a nossa visão relativamente otimista da cafeicultura capichaba.

(8-12-1953)

# A NOVA ÁREA PIONEIRA DO CAFÉ LOCALIZA-SE NO EXTREMO NORTE, ACIMA DO PARARELO 19

II

MARIO MAZZEI GUIMARÃES

Embora Colatina, situada à margem do rio Doce, entre os paralelos 20 e 19, seja considerada o centro comercial da nova zona cafeeira do Espírito Santo, o "norte recente" se localiza nas imediações do paralelo 19, até pouco além do 18, fora quase da bacia daquele rio e abrangendo os cursos interiores do Barra Seca, São Mateus e Itaunas, todos desembocando diretamente no mar. Os municípios dessa área são os de São Mateus, Conceição da Barra, Nova Venecia, Barra de São Francisco, Joierana e Ametista, havendo ainda a considerar Mantena, município mineiro encravado no território do "contestado" e simbolizando o absurdo de uma demorada questão interna de limites, fomentada por interesses políticos e bairrismos estaduais que todo o aparato centralizador da União ainda não conseguiu dominar. A parte litorânea do "norte recente", mais estreita do que a do "norte antigo" (Vale do Rio Doce) — onde uma grande rede de lagoas afastada para dentro do continente o "habitat do café" abriga as sedes dos municípios de São Mateus e Conceição da Barra (êste último, pôrto de mar). Nela se faz pecuária, café sombreado e existe à beira do rio São Mateus uma pequena mancha de cacau. Para o interior na medida em que se eleva a altitude, e, avançando para o oeste, até a área acidentada do "contestado", situa-se a nova frente cafeeira do Espírito Santo, sendo que a topografia piora quanto mais se aproxima a fronteira de Minas. Pode-se dizer que o café a pleno sol principia a cêrca de 30 quilômetros da costa; a penetração das plantações tem sido mais forte, porém, a oeste justamente na região acidentada, o que reflete o apêgo de mineiros e capichabas ao "café de morro". Mais para leste na zona de topografia melhor e próximo da fronteira da Bahia, além da incursão de baianos, registra-se o aparecimento da "emprêsa paulista", com nomes como Quartim Barbosa, Melo Morais, Klabin, Lafer, etc.; e o descendente de colonos alemães e italianos também vem escoando excessos humanos na área de Nova Venecia e Conceição da Barra. O cafèzal novo e a derrubada dão ao "norte recente" os aspectos rurais característicos da "fronteira econômica", que se localizaria numa superfície de cêrca de 15 mil quilômetros quadrados (exclusive a faixa litorânea).

## A SÊCA E A ÁREA PIONEIRA

O "norte recente", ou seja, a atual zona pioneira do Espírito Santo, fica assim localizada bem ao norte da linha julgada favorável para o café pelos agricultores paulistas, que têm preferido a área entre os paralelos 21 e 23. Verifica-se, pelo mapa de São Paulo, que acima do paralelo 21 e até 20, que fica ao extremo norte, as plantações diminuem na medida em que se aproxima do Rio Grande, dando lugar ao gado, ao algodão, aos cereais. Razões de clima, e não apenas de

solo, ditariam essas cautelas paulistas e resultariam de uma fuga ao calor excessivo e à sêca. Entretanto, muito mais ao norte, ou seja, acima do paralelo 17 e até além do 16, está havendo plantação relativamente intensa de café, inclusive por paulistas, em pontos elevados do Estado de Goiás (áreas de Inhumas, Itaberai, Jaraguá e Ceres). Fato semelhante ocorre no norte de Mato Grosso, com a corrida para o plantio em Rondonopolis (acima do paralelo 17), Alto Araguaia (acima do 18) e Barra dos Bugres (acima do 16). Na verdade, as plantações goianas enfrentam o serio problema da estiagem, mais prolongada no centro de Goiás do que em São Paulo, no Paraná e no sul de Mato Grosso. Quanto ao norte de Mato Grosso, não temos elementos de verificação.

Sôbre Espírito Santo, não colhemos dados de precipitação pluviométrica relativos à atual zona pioneira, localizada entre os paralelos 19 e 18, como dissemos, portanto ao sul dos pontos em que se intensificam plantações em Goiás e Mato Grosso. Pondera-se, entretanto, que o Espírito Santo, ficando para o leste e próximo do mar, é mais beneficiado por chuvas do que aqueles Estados centrais, na mesma latitude, e a zona montanhosa é relativamente fresca. Ouvimos referências a quedas pluviométricas anuais de 1.500 mm. no interior do município de Conceição da Barra. E a presença da broca no Espírito Santo, inclusive na zona pioneira, extraiu de um fazendeiro paulista esta observação: — "Bom, se a broca é tão forte assim é porque a sêca não apresenta perigo". E lembrou o caso do seu município paulista de Orlândia (acima do paralelo 21), onde não existe broca, porque a sêca anual é prolongada.

Todavia, o problema da sêca estacional deve ser colocado no Espírito Santo, mesmo porque grande parte do "norte recente" é excessivamente acidentada e impossibilitaria um plano futuro de irrigação econômica. Levantamento pluviométrico em ordem deveria ser efetuado pelo I.B.C. e a Secretaria da Agricultura, para orientação dos interessados em formar café, no "norte recente", particularmente mais para o leste, onde a melhor topografia e a presença do paulista fazem admitir um rítmo de desbravamento mais rápido e violento do que o verificado nas áreas montanhosas do Estado.

## PENETRAÇÃO MAIS VAGAROSA E MAIS RESPEITO AOS RECURSOS NATURAIS

Como salientamos na anterior série de reportagens sôbre o Espírito Santo, a "marcha agrícola para o norte" é o movimento característico das migrações internas que se efetuam na esteira do café. Salvo as incursões paulistas e baianas ao nordeste e a penetração de mineiros na região montanhosa ("Contestado"), a ocupação das matas vem sendo realizada principalmente por capichabas, inclusive descendentes dos colonos italianos e alemães. Trata-se de um processo de desbravamento relativamente lento. Assim, enquanto em São Paulo, em cêrca de 30 anos, foi desbravado todo o "oeste novo" e no norte do Paraná em menos de 20 anos já se chega à fronteira política do Estado, a caminhada no Estado capixaba, que já tinha marcos em San-

ta Teresa, ainda no século passado, e saltou o Rio Doce há mais de 30 anos, ainda não conseguiu povoar grande parte dos municípios do norte banhados pelos três rios a que fizemos referência. A topografia, a dificuldade de capitais, a atração de mão de obra e outros recursos para São Paulo e Paraná, zonas "mais famosas" e mais dentro do "roteiro tronco" do café, teriam influido na lentidão daquela marcha. E, como acontece em Colatina e até no velho sul em Cachoeiro de Itapemirim (embora menos), observa-se no norte novo já ocupado maior presença na reserva florestal do que em São Paulo e no Paraná. Influência talvez do morro, menos acessível à erradicação total, ou talvez da economia da pequena propriedade, pois o sitiante, mais arraigado à terra, menos comerciante, teme desvalorizar o patrimônio da família e lançá-la na insegurança, com o desmatamento absoluto. Relativa lentidão e mais poupança da floresta — são duas características observadas até aqui na marcha do café pelo interior do Espírito Santo.

Existem alguns pontos de colonização antiga, no norte novo, da era pré-cafeeira, partindo-se do litoral, São Matheus é velha cidade, de influência baiana. Nova Venecia é antigo reduto de colonização italiana e alemã, de cêrca de 50 anos e de que existem remanescentes. Também se instalou por alí uma colônia letã, que malogrou. Havia até estrada de ferro ligando o pôrto fluvial de São Mateus a Nova Venécia, que transportava madeira e foi retirada há cêrca de 10 anos, antes ainda da atual penetração cafeeira.

## MATA, TOPOGRAFIA E SOLO

As matas ao norte do Rio Doce são luxuriantes à margem do Rio, embora no vale não indiquem terra para o café e estejam sendo ocupadas com o cacau, sobretudo a leste de Linhares. Caminhando-se do rio Doce para o norte, as matas parecem melhorar e pioram de novo quando se aproxima a fronteira da Bahia. Caminhando-se do litoral para o oeste, a mata melhora, por exemplo, de São Mateus para Nova Venécia e de Nova Venécia para Barra de São Francisco e Mantena. Uma linha leste-oeste, mais ao norte, partindo de Itaunas, no litoral, revela a mesma tendência.

Quanto à topografia, ela se acidenta na medida em que se caminha do rio Doce para o Norte e do Litoral para o oeste. O vale daquele rio é estreito até Colatina e vai-se alargando depois, sobretudo em Linhares e até o mar. Na parte leste dos municípios de Conceição da Barra e São Mateus, a topografia é relativamente favorável, vai piorando para os lados de Nova Venécia e assume o aspecto de região tìpicamente montanhosa no Contestado. Mantena e Mantenópolis são municípios de grimpas fortes, onde se tem a impressão de que se finca o cafèzal na pedra da montanha. A altitude também sobe para o norte e sobretudo para o oeste.

A terra do norte novo, onde existe café, é chamada massapé e se assemelha à de Mococa e Pinhal, em São Paulo. O salmourão é encontradiço em Barra de São Francisco na área mais acidentada. A poeira

de pedra característica cobre as ruas dos cafèzais. Na zona do cacau, à beira do rio, a terra considerada boa é a de "barro"; quanto menos areia, melhor. É um massapé com muita argila. No trecho de Linhares, para nordeste, em São Mateus, existe terra de mata, mas arenosa, lembrando a Alta Paulista. Voltando-se para o oeste, a terra se amarela, indicando massapé, e em Nova Venécia chega a avermelhar. Um sitiante, nesse município, falou-nos em "barro roxo", como sinal de terra boa.

Os padrões vegetais dos pontos onde se planta café no "norte recente", conforme citações que ouvimos: pau dalho, jangada, jaracatiá, guaribu, guritiba. Essas referências foram ouvidas a respeito de Colatina (onde a porcentagem de matas atinge 20%, apesar de desbravamento superior a 30 anos) e Barra de São Francisco.

## POLÍTICA DE TERRAS E PREÇOS

Ainda existem terras devolutas no norte do Espírito Santo, e o Estado as concede em áreas individuais máximas de 40 alqueires paulistas (mais 10 alqueires por filho menor) ao prazo de 4 anos e ao preço de Cr$ 150,00 o alqueire paulista (Cr$ 300,00 por "quadro". Áreas maiores são concedidas para quem se propõe efetuar colonização por conta própria e apresenta garantias nesse sentido. Essas concessões esbarram, em regra, com pequenas posses de baianos, mineiros e capixabas, que antecederam à penetração jurídica, e são "compradas" pelos titulares de domínio. Não são raros os conflitos, como estaria acontecendo nos pontos em que surgem os "paulistas". Na zona do "Contestado" a complicação é maior, pois existem concessões do Espírito Santo e de Minas, a se embaralharem com as posses de caboclos. A "fome de terras boas", açulada por questões políticas e bairristas, estaria assim criando perspectiva para uma ocupação sangrenta da terra no noroeste do Estado. Não existe hoje uma preocupação absorvente do govêrno em promover tipos de colonização como as registradas em Santa Teresa, Santa Leopoldina, Nova Venécia e outros pontos do Estado, com a localização de imigrantes pequenos proprietários. Parece predominar agora o "tipo paulista" e o "mineiro" de colonização, o que supõe concessão de glebas maiores e do cultivo do individualismo rural. O fato é que nas áreas de café formado do "norte recente" do Espírito Santo já se consegue observar propriedades maiores, acima da média das de Colatina, Santa Teresa e outros pontos do Estado, embora ainda não se aproximem da medida da fazenda paulista.

Os preços de terras particulares no norte novo variam conforme o grau de ocupação. Em Nova Venécia ouvimos referências a cotações de Cr$ 6.000,00 a Cr$ 12.000,00 por "quatro" (alqueire mineiro ou geográfico, de 48.400 metros quadrados, ou seja o dôbro do alqueire paulista). Para os lados de Barra de São Francisco, há cotações ainda mais elevadas. Na direção leste, de topografia melhor, mas ainda bruta, se acham terras de café a Cr$ 2.000,00 e Cr$ 3.000,00 por "quadro". Isso facilita a penetração "paulista", no estilo de grandes áreas. A "fazenda" deverá talvez localizar-se no nordeste espírito-santense, como réplica à do extremo sul, onde o processo fluminense de colonização

possibilitou a sobrevivência de fazendeiros com centenas de milhares de pés.

## O CAFÈZAL DO "NORTE RECENTE"

Como dissemos, embora ainda domine no "norte recente" a pequena propriedade, os cafèzais são maiores que na zona central e no litoral do Estado. As plantações, mais novas, apresentam melhor aspecto vegetativo que os da zona central e aparentam ser mais produtivas. E como a área montanhosa, ao norte de Colatina, passando Barra de São Francisco e Mantena e rumando para a Serra do Norte, está bastante plantada, admite-se que êsse novo potencial cafeeiro já tenha contribuido para compensar a queda de produtividade ao sul, ao centro e no litoral e favorecido até a ascensão das colheitas capixabas, agora restringidas pela broca. Planta-se mais cereais no cafèzal do que no centro (influência da terra e lavoura novas) e carpe-se 3 a 4 vezes por ano.

O espaçamento tende a ser mais distanciado no "norte recente", e a reportagem teve oportunidade de visitar o sitio de um espírito-santense em Barra de São Francisco que registrava 16 palmos por 12. Tratava-se, aliás, de um belo cafèzal, muito bem formado e uniforme, árvores bem vestidas, sem aquela característica de ausência de saia das plantações de Colatina, e promessa de boa carga. Nesse sítio, de 8 "quadros", de 5 para 6 anos, havia 42 mil pés, o que significa que não havia espaço para quase mais nada, exceto uma várzea para cultivo de cereais, pequeno pasto, casa e instalações (aliás, no sítio capixaba em geral, mora-se no vale e planta-se café no morro). Foram ali colhidos 1.426 sacos em côco em 1953, mas a incidência da broca permitiu um rendimento irrisório: apenas 70 sacas beneficiadas. Outro sítio de Nova Venécia, de plantio mais cerrado, apresentava-se com aspecto mirrado, lembrando os da zona velha de Colatina, mas, como é muito comum no Espírito Santo, a árvore raquítica apresentava ótima carga.

Os lavradores do norte novo não parecem ter vendido bem o café: o preço foi de Cr$ 500,00 para cima, disse-nos um sitiante, e nunca passou de Cr$ 750,00. Não existe bom crédito organizado, e a predominância é, ou do autofinanciamento, ou do recurso a comerciantes e maquinistas. Aliás, como acontece em outras regiões do país, sempre existe nos bairros algum sitiante ou fazendeiro mais ativo, que consegue colocar-se como refinanciador de seus colegas.

A broca abalou sèriamente a renda agrícola no norte novo (quebra de 30 a 40%), e o agrônomo Carlos Alves de Seixas, que percorreu a zona, declarou em Vitória que as condições de temperatura (mais elevadas que em São Paulo) e certo desequilíbrio nas precipitações (ocorrências de chuvas na época habitualmente mais seca) favoreceram o surto da praga, como aliás em todo o Estado, "desde o sombreado do litoral ao pleno sol do interior". Os descuidos culturais (falta de repasse e catação), o reduzido espaçamento, o atraso nas colheitas e a topografia, que favorece o rolamento dos frutos caídos nos terrenos em declive, até áreas marginais cobertas de vegetação e que se tornam hospedeiras da praga, são fatores que, no entender daquele técnico, têm contribuido para determinar, no norte novo do Espírito Santo, como de resto em

quase todo o Estado, o agravamento do problema, "que não é o mais importante, mas o mais urgente do cafèzal capixaba".

Zona nova, o número de máquinas de beneficiamento é menor no meio rural que nas zonas velhas mas existe tendência de rápido aumento. Não anotamos melhoria dos terreiros.

## RELAÇÕES DE TRABALHO NO CAFÈZAL

No "norte recente" domina, nas relações de trabalho do cafèzal formado, o instituto da meação. Quase não existem assalariados, e os poucos camaradas para serviços avulsos são pagos na base de Cr$ 30,00 a Cr$ 40,00 por dia, a seco, nível mais elevado que o do Litoral Norte (apenas Cr$ 20,00), que o da zona de Santa Teresa-Colatina (Cr$ 25,00 a Cr$ 30,00) e na maior parte do sul (Cr$ 25,00 a Cr$ 30,00), onde só mais próximo de Cachoeiro de Itapemirim se registram Cr$ 35,00 e mesmo Cr$ 40,00. A habitação nas zonas já desbravadas do norte novo, embora modesta, está muito acima do rancho e lembra traços da arquitetura rural de Santa Leopoldina, Santa Teresa e Colatina: influência do "colono". Até o "sotão", característica dessa arquitetura pode ser encontrado na zona pioneira, embora menos frequentemente. Em Mantena, vimos uma fazendola servida de luz elétrica e com tal exuberância que até o terreiro de café é iluminado.

Quanto à formação de café, o processo dominante, segundo informações que colhemos, é o da entrega ao formador do terreno derrubado e queimado, para que êle plante e cuide do cafèzal até o terceiro ou quarto ano, ficando com a primeira colheita. Pode plantar cereais dentro do cafèzal em formação. Recebe de 50 centavos a 1 cruzeiro por pé formado, conforme o terreno seja menos ou mais acidentado. O preço da derrubada e queimada, efetuadas por conta do dono, vai de Cr$ 1.500,00 a Cr$ 2.000,00 por "quadro". Existe ainda o sistema da formação à meia (que registramos em Nova Venécia) e é o dominante nas novas plantações que se fazem ainda em Santa Teresa e Santa Leopoldina (velha zona central) nos remanescentes de mata: de acôrdo com êsse processo, o formador recebendo ou não a mata derrubada ou queimada, continua, quando o cafèzal começa a produzir, como meeiro do proprietário por um número indefinido de anos, e não recebe nenhum dinheiro como paga do serviço de formação.

(Da "Folha da Manhã", 13-12-53)

# EM CONTRASTE COM AS DEMAIS ZONAS JÁ DESBRAVADAS A FAZENDA DE CAFÉ DOMINA NA REGIÃO SUL DO ESTADO

III

M. MAZZEI GUIMARÃES

A zona cafeeira do sul do Espírito Santo, centralizada comercialmente em Cachoeiro do Itapemirim, localiza-se aquem do paralelo 20 e se limita meridionalmente abaixo do paralelo 21, no rio Itaboapana (fronteira com o Estado do Rio). Ao norte, poderia ser limitada por uma linha imaginária que saisse ao sul do município de Afonso Claudio e ao norte do de Iuna, na Serra da Chibata, na fronteira de Minas, e se inclinasse com tendência para o sul, deixando à esquerda, como pertencendo à "zona central", os municípios de Afonso Claudio, Domingos Martins e Alfredo Chaves, e indo morrer na região litorânea (outra área de café), mais ou menos entre Iconha e Itapoana. Na primeira reportagem da série anterior sôbre o Espírito Santo (F. M., de 13 de outubro), divulgamos um mapa com a localização aproximada do "sul".

Trata-se da zona mais antiga de café no Espírito Santo, tendo precedido mesmo as velhas plantações de Santa Leopoldina e Santa Teresa e rivalizando em tradição com certos municípios centrais mais próximos, como Alfredo Chaves e Domingos Martins. O "sítio" é menos frequente na zona sul que no centro e no litoral e mesmo que no "norte recente" (a atual região pioneira), e alí, com o alargamento territorial dos domínios, se fala com mais frequência na "fazenda" como unidade produtora.

A área meridional atrai, além da influência mineira, a fluminense, sobretudo nos municípios fronteiriços do Estado do Rio (Alegre, Guaçuí, Muqui e Mimoso do Sul), onde a "fazenda", com sua sede, instalações e casas de trabalhadores, lembra alguma coisa da velha e famosa "aristocracia fluminense do café". A presença do "colono" tomada a expressão no sentido de agricultor de origem européia recente, e com terra própria, é menor que no centro e no norte, e o elemento nacional, inclusive nas meações, domina o panorama humano dos cafèzais.

## O CAFÉZAL DEPENDURADO NO MORRO

As terras do sul, sobretudo quando se aproximam da fronteira de Minas, são excessivamente acidentadas. Trata-se de uma zona serrana, onde domina o "café do morro". Topografia tão irregular só encontra paralelo dentro do Estado na zona de Mantena (norte) e de Santa Teresa (centro). Os cafèzais trepam pelos montes e se aproximam das pedras dos cumes, num sentido quase vertical, espantoso para um paulista, acostumado às suaves quebradas de suas áreas cafeeiras. Fizemos o roteiro aéreo Cachoeiro-Castelo-Iuna, ou seja, subimos na direção noroeste, descemos para o sul e sudeste e subimos de novo, agora rumo nordeste. De Cachoeiro para Castelo, a topografia vai melhorando, para

encontrar áreas menos quebradas, embora altas nas proximidades de Iuna, piorando de novo para os lados da Serra de Caparaó, na fronteira mineira, melhorando em Muqui e Mimoso, para o sudeste, e sobretudo quando se volta para o nordeste e se entra no vale do Itapemirim. O distrito de Marapé, no município de Cachoeiro, por exemplo, apresenta uma topografia bastante aceitável e cafèzais ondulados, como os paulistas. Aliás, na medida em que se procuram os vales dos rios, no sul, a topografia melhora, sobretudo quando êles se aproximam do mar e deixam as "corredeiras". Zona mais desmatada que o centro e o norte, observa-se no sul com frequência, o cafèzal subir e montar no morro, descendo pela outra encosta: verdadeiros dorsos de cavalos magros se formam, ante a visão do alto, com cafèzais de ambos os lados caindo abruptamente de elevações de lombada fina, mas compridas.

## A SURPREENDENTE RARIDADE DA EROSÃO

Apesar de tão acidentada e de suportar lavouras antigas, a área do sul não mostra vestígios pronunciados de erosão. Só nas pastagens muito pisoteadas das proximidades de Cachoeiro, formadas em terras antes muito lavradas, se vêem sinais mais evidentes. Essa relativa firmeza do solo, apesar de a cultura ser feita a favor das águas, encontra as seguintes explicações: — a) solo massapé, de constituição física mais resistentes, menos quebradiço ou dissolúvel que a terra roxa ou arenosa; b) — quebras muito ásperas, que proporcionam escoamento rápido das águas, sem as infiltrações que as encostas longas dos espigões paulistas ou paranaenses proporcionariam; c) — presença da mata mais constante que em São Paulo e nas áreas já desbravadas do Paraná, embora menos que no centro e no norte do Espírito Santo; d) — plantio dos cafeeiros com menos espaçamento que em São Paulo (embora mais largos que no centro, no litoral e no norte do Estado) e sem abertura de grandes covas, que facilitariam o esburacamento pela enxurrada.

## MATA E SOLO

A mata, como dissemos, é mais frequente que nas zonas desbravadas de São Paulo e do Paraná. Entretanto, a zona sul é mais desmatada do Espírito Santo. A grosso modo, poderia calcular-se na região próxima a Cachoeiro do Itapemirim uma reserva de 5 a 10%; para o noroeste, sobretudo quando se aproxima da Serra de Caparaó, de 10 a 20%; e mais para o sul, de 10 a 15%. A floresta sulina parece mais exuberante que a do centro e mesmo a do norte, pelas amostras que pudemos ver de perto. Como padrão vegetal de terra boa, podemos mencionar a figueira branca.

O solo é denominado massapé, consistente, e se assemelha ao de igual denominação que se encontra em muitos municípios paulistas. Terra em geral de primeira qualidade, sendo considerada mais fértil que a do centro e a do norte pelos lavradores e técnicos. A maior exuberância da mata e o aspecto favorável das culturas novas confirmam essa opinião generalizada. Entretanto, tratando-se de zona trabalhada

há mais tempo, o abandono de lavouras, por pouco produtivas, tem-se acentuado, e o pasto vem sendo o substituto natural: influência do Estado do Rio, onde a pecuária leiteira substituiu o cafèzal, recurso contra o esgotamento do solo, rotação instintiva de cultura, atração dos mercados de leite (Vitória e, mais remotamente, o Rio), o fato é que na área do Vale do Itapemirim, a atividade pastoril se expande. Vimos aí mais capim gordura e jaraguá que no litoral norte, onde predomina o colonião. Essa marcha para o pasto poderá poupar o solo para novas lavouras futuras.

## DADOS TÉCNICOS SÔBRE O CAFÈZAL DO SUL

Os cafèzais do sul do Estado apresentam melhor aspecto geral que os de Santa Teresa e mesmo que os da parte velha do Colatina, e nisso haveria influência do clima mais favorável, menos seco. Em média, só podem considerar-se superados pelos novos cafèzais da zona de Barra de São Francisco e Mantena, ao noroeste. Fala-se em produção média de 30 arrobas por mil pés, que seria mais elevada que a do centro (pelo menos na parte mais velha) e a do litoral, e inferior à do "norte recente". Não existe cafèzal sombreado, pelo menos em escala digna de menção. O espaçamento parece ser um pouco mais largo que na velha zona central e que no litoral, e recolhemos as seguintes informações: para as variedades bourbon, a dominante, 3 por 3 metros; para a catadura, com boa penetração e originária da Serra do Caparaó, na fronteira com Minas, 2 m 50 por 3 metros, por ser de porte menor; na frono café "conillon" (robusta), 4 por 4 metros, por apresentar árvore de grande porte. O plantio intercalar é mais intenso que nas outras regiões, talvez devido à maior distância entre os cafeeiros, talvez à maior fertilidade da terra, embora velha, e talvez por efeito de influência do cafèzal fluminense, que exportou ou trocou experiências agrícolas com o sul do Estado do Espírito Santo. A presença do "fazendeiro", dominando sôbre a do "sitiante", deve contribuir também para êsse maior plantio intercalar, já que o lavrador direto, sem muito interesse na terra, procura reforçar sua receita com as colheitas de cereais.

Como no resto do Estado, as plantações antigas apresentam um ou dois pés por cova, e o uso de mudas não era comum: lançamento direto da semente em covas estreitas e rasas. Entretanto, nas plantações novas há mais recursos aos viveiros, e chegamos a encontrar a clássica cova de café paulista, com a proteção de lascas de madeira cruzadas.

Existe, por sinal, tendência de plantio de novos cafèzais no sul do Espírito Santo, em terras velhas ou novas, embora o número de cafeeiros recentes ainda não aponte no conjunto e não pese na produção. E' fenômeno iniciado há poucos anos. O agrônomo regional Costa Junior, que fez estágios no Agronômico e em estações experimentais de São Paulo, vem exercendo grande atividade no sentido de só se efetuarem novas plantações com o emprêgo de boas sementes, melhores processos de plantio (o balainho laminado já está entrando na rotina dos viveiros formadores de cafèzais), prevenção contra a erosão (plantio em nível, terraceamento) e até adubação. Vimos amostra dêsse novo estilo de

cafèzal, plantado em terra velha (ocupada com outras culturas anteriormente), e o aspecto era magnífico: o solo e a planta reagiram satisfatòriamente, aos bons tratos. Essa melhoria técnica também é observada na recuperação dos cafèzais antigos: perto de Castelo vimos uma plantação de 30 anos para fora, toda protegida por cordões de contôrno. A própria adubação sistemática do cafèzal velho, inclusive com fertilizantes químicos, começa a ser programada pelos fazendeiros de Cachoeiro e municípios vizinhos.

## O CAFÉ ROBUSTA "CONILLON"

O café "conillon", a que já nos referimos na primeira série de reportagem, pertence ao grupo robusta e o nome deve ser uma corruptela da denominação francesa para o café colonial "kouillon". Dá bebida neutra, servindo assim para mistura. A árvore é grande e muito produtiva e na Fazenda São Joaquim, em Cachoeiro, 109 mil pés em produção, dos quais muitos velhos, renderam a média de 100 arrobas por mil pés: bem mais rendosos que o bourbon da mesma fazenda. Existe tendência acentuada para o plantio do "conillon" no sul, não só por ser muito produtivo, como porque encontra no mercado um agio de Cr$ 5,00 a Cr$ 10,00 por arroba sôbre os demais cafés: possibilita, assim, maior receita por unidade cultivada. Aventa-se a hipótese, em Cachoeiro, de que teria havido uma hibridação do "conillon" com o bourbon ou outro café, já que o primitivo "conillon" dava e dá em outras regiões do Estado favas miudas e agora as plantações do município sulino fornecem favas graudas, de aspecto atraente para o comércio. Vimos um talhão bem formado de "conillon" no bairro do Morro Grande, perto de Cachoeiro, de 4 para 5 anos, com uma carga estupenda: embora cada cova tivesse apenas de 1 a 2 pés, o esgalhamento era considerável e as rosetas amontoadas sugeriam rendimentos fantásticos de 400 a 500 arrobas por mil pés. Diga-se, de passagem, que a terra no local é excelente, das melhores que temos visto no Brasil, e que se trata de cafèzal muito bem tratado.

## O MELHOR PREPARO DO SUL

O café do sul é melhor preparado que o do centro e o do norte. A propriedade maior possibilita investimentos mais elevados com terreiros, máquinas, secadores,etc. Existiria ainda a influência da velha fazenda fluminense, com todo o seu aparato de secagem e benefício. Além disso, pondera-se o fator mercado. As safras do sul são vendidas quase tôdas para o Rio, onde o comércio reputa melhor o produto de acôrdo com a aparência e a bebida, o contrário do que acontece com o comércio de Vitória. Êsse mercado mais exigente proporciona, por outro lado, preços melhores para os lavradores do sul que para os do centro e norte: a média das cotações em Cachoeiro, durante a última safra, foi de Cr$ 800,00 a Cr$ 1.000,00 por saca, ou seja de Cr$ 200,00 a 250,00 acima do nível obtido na zona central e setentrional.

A broca foi o grande espantalho do cafèzal do sul, como de resto

de todo o Estado. O agrônomo regional e o gerente do Banco do Brasil, sr. Andrade, falam em redução das colheitas de 40 a 50%, em virtude das pragas. O "conillon", talvez por fechar mais na lavoura e gerar ambiente mais úmido, é considerado mais suscetível que o bourbon e o caturra.

## A FAZENDA

Não obtivemos dados sôbre a distribuição da propriedade, mas um simples vôo aéreo dá a certeza de que o sítio é menos frequente que no centro, no norte e no litoral. Casas grandes, amplos terreiros, plantações continuas de um mesmo dono. Em Mimoso do Sul, um fazendeiro colhe 30 mil arrobas por ano. Outro, em Muqui, absorveu tantas terras que se diz ali: "Muqui tem um dono só". A formação agrícola da região se processou à margem do "colono", e parece ter resultado da expansão ou do exódo de empresários fluminenses e mineiros. Existem, contudo, núcleos de colonização à base da pequena propriedade, como os dos suiços no município de Iuná, bela região de sítios muito bem arrumados. Próximo de Cachoeiro, a propriedade é melhor dividida que mais para o sul, mas a marcha para o pasto poderá determinar a concentração.

O fato é que no sul o "fazendeiro" domina a atividade cafeeira. Mas não existe ali o contrato de "colono", como na fazenda paulista e paranàense, nem o trabalhador por dia ou tarefa no cafèzal. A regra ainda é a meação, isto é, cada trabalhdor pega à meia tantos mil pés quantos pode tocar com familiares ou agregados. A colheita é repartida, metade a metade, e o meeiro pode plantar no cafèzal, dentro de certos limites (mais frouxos que no centro e parece que até no "norte recente", zona pioneira, de terras novas). Ao contrário do que sucede no centro, onde o meeiro é quase um sócio em pé de igualdade com o sitiante, há distância no sul entre o fazendeiro e o parceiro. Êste é mais subordinado, depende obrigatòriamente do beneficiamento pelo fazendeiro e geralmente vende o café à fazenda e em tal época e em em tais condições de inferioridade que em regra "não pega o preço da praça". Existe assim uma expropriação parcial da renda do meeiro pelo empresário, seu financiador e patrão que monopoliza os negócios externos da fazenda, tomando esta por uma unidade e não por um conjunto de parcerias.

## O ABSENTEISMO

Outra observação digna de registro: o absenteismo é frequente no sul. A fazenda proporciona recursos para que ela fique aos cuidados do administrador, enquanto o patrão mora na cidade próxima, em Cachoeiro, em Vitória, ou no Rio, cuidando de outros negócios ou apenas morando. Dessa forma, a informação que divulgamos sôbre a presença do empresário junto à gleba, todo o ano, vale para a zona litorânea, para o centro, para à parte leste do "norte recente" (no oeste, existe a tendência para a "grande fazenda" de café e gado); mas não se aplica ao sul cafeeiro, nem à zona do cacau, como veremos oportunamente.

## SALÁRIO E FORMAÇÃO DE CAFÉ

Os salários vigorantes no sul, para os trabalhos avulsos sem especialização, variam de Cr$ 25,00 a Cr$30,00, exceto mais próximo de Cachoeiro, onde se paga de Cr$ 35,00 a Cr$ 40,00 por dia.

A formação de cafèzais novos obedece aproximadamente ao seguinte trato: o formador recebe o terreno com mata derrubada e queimada, coveia, planta e forma até 4 anos, explorando o cultivo de cereais nas ruas para si, e ficando com as pequenas colheitas de café do terceiro e quarto ano. Alguns fazendeiros dão o café plantado para o formador, como é o caso da Fazenda São Joaquim, em Cachoeiro. O pagamento de 50 centavos a 1 cruzeiro por pé formado existe, mas não é comum, pelo menos em Cachoeiro. A derrubada e queimada fica em geral entre Cr$ 2.500,00 e Cr$ 3.000,00 por alqueire mineiro ("quadro" de 48.400 metros quadrados). E' muito frequente que o formador se torne meeiro do cafèzal que formou, vencidos os 4 anos da empreitada.

## ALÉM DO CAFÉ

Além do cafèzal e das culturas subsidiárias de cereais, a agricultura do sul do Espírito Santo registra aquela tendência para a pecuária leiteira, a que nos referimos. O gado é amestiçado, à base de holandês ou "schwitz", havendo ainda rebanhos puros e mestiços de zebu. Pastagens de gordura, jaraguá e colonião. A cana tem numa usina de Itapemirim (em ascensão) os seus principais centros de consumo e é cultura apreciável. Fala-se em rendimento de 100 toneladas por alqueire mineiro, o que seria mau e revela atraso técnico. Existe possibilidade de cultura de arroz nas varzeas dos vales, e as plantações feitas as acusariam até 200 sacas por alqueire mineiro. O resto é agricultura de quintal.

**(Da "Fôlha da Manhã", 20-12-53)**

# FORMOU-SE EM DOIS VELHOS MUNICÍPIOS DO CENTRO DO ESTADO UM ESTILO DE VIDA RURAL QUE SE EXPANDIU PELAS ZONAS NOVAS

## IV

A zona de mais intensa colonização estrangeira, nos fins do século passado e princípios deste, dentro do Espírito Santo, foi a compreendida pelos municípios montanhosos de Santa Leopoldina e Santa Teresa, registrando-se até hoje, no primeiro, traços marcantes da influência alemã, e no segundo, da italiana. Já nos referimos a essas regiões na primeira série de reportagens sôbre o Espírito Santo e elas nos inspiraram conclusões favoráveis sôbre a organização social da cafeicultura daquele Estado, que agora podemos ratificar. Na verdade, a regra de Santa Leopoldina e Santa Teresa não serve para todas as zonas cafeeiras do Estado, cada uma com suas marcas distintivas, e o sul apresenta mesmo como vimos em reportagem anterior, mais semelhança, se não com a fazenda paulista, ao menos com a velha fazenda fluminense, onde as distâncias sociais dentro da comunidade rural são maiores e a grande propriedade avulta sôbre o sítio. Entretanto, a influência do "centro" é grande nas áreas novas de Colatina, Nova Venécia e São Domingos e penetra mesmo nas regiões de Barra de São Francisco e Mantena, em pleno "norte recente" do leste. Embora na atual área pioneira do Espírito Santo, como na anterior, de Colatina, não haja nem tivesse havido um plano predeterminado de colonização, para repetir o que se concebeu e executou naqueles dois velhos municípios centrais de povoamento europeu, a expansão dos descendentes dos "colonos", a par de algum cuidado do govêrno em limitar as concessões de terra a determinados níveis de tamanho, contribuiu para que o estilo de vida rural das novas zonas desbravadas reproduzisse, até certo ponto, o que vigora naqueles coloniais fundados no século passado. A arquitetura, as relações de trabalho, as práticas agrícolas, a incorporação do lavrador à propriedade, a tendência ao pequeno domínio, os liames de família — são traços que se expandiram para o norte de Santa Leopoldina e Santa Teresa para caracterizar a maior parte do cafèzal capixaba atualmente em exploração.

### QUEDA E RECUPERAÇÃO

Como já dissemos em reportagem anterior, Santa Leopoldina (antiga Cachoeira de Santa Leopoldina) foi até o primeiro quarto deste século o principal empório cafeeiro do interior do Espírito Santo. Recebendo café das zonas produtoras, através de cargueiros, o porto fluvial de Santa Leopoldina embarcava o produto de canoa para Vitória, pelo rio Santa Maria, navegável apenas a partir do "cachoeiro" (corredeira) que existe no ponto em que o curso dàgua atinge a pequena cidade. Essa situação, aliada à falta de ferrovias e rodovias para o mar, deu a Santa Leopoldina o monopólio do comércio cafeeiro do interior, e lhe valeu um grande surto de progresso. Com a construção de uma rodovia para Vitória e o avanço da Vitória-Minas, o transporte fluvial perdeu importân-

cia e desapareceu, e o antigo entreposto entrou em rápida decadencia. Ao mesmo tempo, as terras trabalhadas em pequenos sítios de café cansavam-se, fato semelhante ocorrendo em Santa Teresa — e daí a pobreza que se seguiu ao esplendor, nos últimos 25 anos. Acontece ainda que as matas de Santa Leopoldina e parte das de Santa Teresa são "frias", isto é, menos férteis para o café, e assim se explica o abandono da zona por muitas famílias, ainda hoje assinalado em casas de sítio em ruinas. Entretanto, a organização do sítio resistiu à crise, e hoje repontam sinais de recuperação, não apenas através da cultura de cereais e hortaliças (sobretudo nos pequenos vales), como mesmo do café, havendo preferência pelo caturra. Até viveiristas de mudas de café se formam nos dois municípios, o que atesta um progresso nos processos de plantio.

## RELPANTA-SE O CAFÉ NA "TERRA DE CANAÃ"

Entre Santa Leopoldina e Santa Teresa, o viajante rodoviário passa pelo celebre "vale de Canaã", descrito no primeiro romance do escritor Graça Aranha. Nesse vale, realmente pitoresco, o café envelheceu depressa, o que significa que os morros que o margeiam ("mata fria") não eram dos mais indicados para a cultura. Já em 1905, segundo um lavrador e comerciante das proximidades de Santa Teresa (descendente de italiano e nascido no lugar), a cafeicultura estava desaparecendo. Todavia, tanto nesse ponto como em outros dos dois municípios citados, planta-se mais café, como dissemos, mas quase sempre em terra de mato recém-derrubado. Não existe ali o aproveitamento de terras velhas, já usadas com a rubiácea ou outras culturas, como acontece no sul. A derrubada e a queimada são efetuadas pelo proprietário, que entrega a terra pronta para o plantio para o formador. Até o quarto ano, o formador não apenas planta cereais nas ruas, como colhe as primeiras frutificações do cafèzal. Do quinto ano em diante, torna-se meeiro do trato e da colheita do cafèzal que formou. Existe assim um contrato implícito de meação desde o início da formação. Não há nenhuma indenização em dinheiro pela formação, mas o proprietário financia o formador sem recursos. "Não cobramos juros" — disse-nos um dos sitiantes que está formando café (aliás o maior proprietário do lugar, com 80 alqueires, além de casa de comércio no povoado do bairro". Essa atitude indica que o financiamento não é a regra e que o formador dispõe de reservas próprias. Os salários rurais da zona oscilam entre Cr$ 25,00 e Cr$ 30,00 por dia, a seco.

## A POLICULTURA DO SÍTIO

Além do café, o milho se destaca como cultura. Possìvelmente contribua hoje com maior parte na receita do sitiante do "Vale do Canaã" e pontos próximos do que a própria rubiácea, "mas no sítio sempre há uma moita de café" — disse-nos um comerciante. Além disso, existe a cultura de subsistência de arroz e feijão (nas baixadas). O milho rende 120 sacos por alqueire mineiro, resultado que não é animador, embora a terra seja considerada boa. Talvez o problema da semente, resolvido, melhorasse os rendimentos; outras questões (espaçamento, adubação, plantio em nível, etc.) poderiam ser resolvidas em benefício

de maior produtividade por unidade de área e conservação do solo. Com base no milho, desenvolve-se a suinocultura em Santa Teresa e Santa Leopoldina. O pasto, nas terras mais cansadas e inclinadas, está atraindo o gado leiteiro. Estranha-se que ali não se cultive o trigo, pois há cultura de milho do inverno, o que indica boas precipitações entre abril e agosto. Também a viticultura e a fruticultura de clima temperado talvez pudessem ser experimentadas, sobretudo nas áreas mais próximas de Santa Leopoldina, que parecem "mais frias". Como dissemos, a cultura de hortaliças está passando a interessar alguns sitiantes, havendo prenúncios de uma nova era: a da "quitanda".

## COMO SE EVITA A FRAGMENTAÇÃO DA PROPRIEDADE

A pequena propriedade é a dominante em Santa Teresa e Santa Leopoldina. Entretanto, o abandono de muitos sítios, a queda da produtividade do café e um grande hiato entre a decadência econômica e a recuperação que ora se observa, parece que favoreceram a concentração da propriedade. Algumas pequenas fazendas se formaram à custa de compras de sítios em declínio. E o "sítio de recreio", mais amplo e menos econômico, tem alguns exemplares nos pontos mais pitorescos da região montanhosa. A alta do café e a possibilidade de outras culturas, e mais a existência de mata virgem em escala relativamente elevada em toda a zona, fazem supor, todavia, que a propriedade de médias e pequenas dimensões persistirá. Existiria assim o risco da "pulverização", através da herança, com evento de "minufundios", antieconômicos. Um morador da região explicou-nos que isso não acontecerá fàcilmente, porque na medida em que a família do sitiante cresce, os filhos vão-se espalhando, ante a impossibilidade de o sítio assegurar o futuro de todos; e os pais procuram terras nas zonas novas para seus descendentes e assim procuram garantir a permanência da família como proprietária. Outros filhos encaminham-se para as cidades, em busca de ofícios e profissões liberais. E geralmente fica na casa paterna um único herdeiro, que acabará como o sucessor, pelo tronco, para continuar a tradição agrícola da família no mesmo lugar. A partilha excessiva seria, pois, evitada.

## PROFECIA REALIZADA

Nestas ligeiras observações sôbre um dos portos mais antigos da velha zona central, cabe frisar que na medida em que a situação econômica geral melhora, o bem-estar aumenta proporcionalmente entre a população rural (as casas se pintam, melhoram-se os veículos, compram-se animais). E isso porque a organização da propriedade e as relações de trabalho dominantes (meação sem muita preponderância do dono) possibilita uma distribuição mais rápida e equitativa dos aumentos da receita. Daí, o bem-estar relativo que se observa agora em Santa Teresa e Santa Leopoldina com o revigoramento da renda agrícola (preços altos para o café, interêsse econômico proporcionado por outras culturas, etc.). "Aqui ninguém é rico, mas todos vivem bem e num mesmo nível" — — anotou para a reportagem um pequeno comerciante rural. Uma fraternidade mais intensa e espontânea, favorecida pela ausência de

distâncias sociais e financeiras, parece reinar nas pequenas comunidades que o viajante percorre fàcilmente, mesmo batendo a rodovia principal, ao longo da qual, a curtos intervalos, se estabelecem casas de sítio, e que atravessa de légua em légua uma pequena aldeia, com um casarão do comerciante (assobradado) e outras casas menores (uma dezena ou pouco mais): — lugar de encontro e de festa, sede do fornecedor e do banqueiro e do chefe político-geralmente um homem do próprio meio, um pouco mais rico e instruído. Nesses lugares também há a igreja, onde os colonos se desobrigam dos deveres religiosos. Aliás, a influência religiosa dos colonos se expande por todo o centro e até o norte do Espírito Santo, através de uma rêde de capelas rurais de católicos, luteranos, batistas e outros credos. Uma vida rural semi-urbana se desenrola, enfim, não só em Santa Leopoldina e Santa Teresa como nas áreas mais velhas de Colatina, mesmo além do Rio Doce. À noite, findo o trabalho, as estradas se povoam de bicicletas em passeio, que procuram as festas de igreja, as reuniões de família, as casas das namoradas. E o Vale do Canaã, terra relativamente pobre e duramente acidentada, onde não se criou uma grande riqueza material mas se conseguiu recuperar um bem estar perdido depois de vencida a crise economica simboliza bem a área cultural rural do centro do Espírito Santo e assim de certa forma, como já dissemos, deu corpo à visão profética de um personagem de romance.

(25-12-53)

## EMBORA MUITO DISTANTE DO VOLUME DE PRODUÇÃO DA BAHIA O CACAU DO ESPÍRITO SANTO PERMITE RENDA MAIS ELEVADA

### V

**Melhor preço e maior produtividade — A posição do produto dentro da economia agrícola estadual — Vale do Rio Doce, a grande area cacaueira — Lavoura que reclama sombra, água e barro — Como se instala e se trata da plantação dentro da mata — Fermentação e secagem — Uma fazenda experimental, existente apenas no rotulo**

O Espírito Santo é o segundo Estado produtor de cacau do Brasil, embora produza 30 vezes menos que o principal, que é a Bahia. A colheita capixaba, porém, isenta de pragas e moléstias graves e com aspecto médio considerado melhor, alcança preço unitário mais remunerador: de acordo com o Ministério da Agricultura, cada lavrador no Espírito Santo teria recebido em 1952 a importância de Cr$ 9.894,00 por tonelada produzida contra apenas Cr$ 7.819,00 pagos ao cacauicultor baiano. E o cacaueiro espiritosantense é mais produtivo: 951 gramas por pé contra 736 gramas verificadas na Bahia (média de rendimento do periodo de 1948/52, segundo o citado Ministério). Daí se conclui que cacaual do Vale do Rio Doce é mais econômico que o de Ilhéus.

Fontes particulares estimam a existência no Espírito Santo, de cêrca de 10 milhões de pés, dos quais 5 milhões em produção, Há quem acredite, porém, até em 12 milhões de pés. Os dados oficiais (Ministério da Agricultura) falam em 4.316.000 pés frutificando em 1952 e numa area total de cultivo de 10.792 hectares. Já em 1953, segundo a mesma fonte, a superfície de cultivo subira para 11.120.000 hectares, e nesse caso teriamos acréscimo de quase 80% sôbre o nivel de 1948. Entretanto, admitindo-se 5 milhões de pés frutificando e 5 milhões novos, a área caucaueira do Espírito Santo, na base de 500 pés por hectare, seria na realidade de 20 mil hectares. Parece que os dados do Ministério, quanto aos caucaueiros novos, são inatuais, e daí a grande diferença de area assinalada.

Dentro do Espírito Santo, o cacau, apesar de interessar a algumas grandes fortunas rurais, não se enfileira entre as culturas que maior receita proporcionam à agricultura. No que interessa ao valor da produção, é o oitavo produto, pela ordem de importância, dando uma safra anual (1952) de 31 milhões de cruzeiros segundo o Ministério da Agricultura, ou 2% apenas sobre o valor da colheita das 18 principais culturas, (em 1951, o valor passou de 42 milhões, e naturalmente em 1953 — alta decorrente da instrução 70 — deve ter havido recorde de renda, apesar de colheita não muito volumosa). Assim, acima do cacau, são produtos de maior importância para o interior do Espírito Santo, o café, o milho, a mandioca, o feijão, a cana de açucar e o arroz. Mas não resta dúvida que, como artigo de exportação, nenhum outro produto agrícola, além do café, deve superá-lo.

## ONDE MORA O CACAU

Há duas zonas de cacau no Espírito Santo: a do Vale do Rio Doce e a da beira do São Mateus. Esta constitui pequena mancha, pouco pesando na produção geral. A primeira constitui a área caucaueira pròpriamente dita e suporta cêrca de 95% das plantações totais do Estado. As plantações, para quem desce o rio, começam acima de Colatina, mais ou menos na embocadura do Santa Joana, e apertadas no estreito vale que a abre vão-se alargando rio abaixo e atingem a plenitude na area de Linhares, quando então a planície se expande em ambas as margens, afastando para longe o horizonte de serras. O "baixo Rio Doce" (de Linhares para a foz) é o grande reduto do cacau espiritosantense.

Ainda existe terra para plantio do cacau no Vale do Rio Doce. Mas a maior parte já se acha ocupada. Uma fonte particular, boa conhecedora do Vale, acredita que não se poderão plantar ali mais que umas 3 milhões de árvores novas, salvo se se utilizarem terras inadequadas (com muita areia, ou muito altas, pouco inundáveis e menos quentes e úmidas). Pode-se adiantar que pelo menos dois terços da terra de cacau no Espírito se acham ocupados. Essa pelo menos é a conclusão que se pode tirar no Vale do Rio Doce, o grande "habitat" conhecido da cultura no Estado.

## LIGEIRA HISTÓRIA

A cultura de cacau no Espírito Santo data de cêrca de 35 anos. Já um governador, que visitara a zona baiana de Ilhéus, considerara o cacau o processo indicado para o desbravamento das matas baixas do Vale, dada a semelhança que a vegetação apresentava com a daquela area cacaueira da Bahia. E foram elementos baianos os pioneiros do plantio, destacando-se o sr. Filogonio Peixoto, irmão do escritor Afranio Peixoto, e o próprio escritor, que ali teve fazenda. "Maria Bonita" e "Bugrinha" são os nomes de duas grandes fazendas da família Peixoto no Baixo Rio Doce, e daí a notícia irônica dada recentemente pelo cronista Rubens Braga, de que o cacau no Espírito Santo começou com literatura.

Informaram-nos no Báixo Rio Doce que de 1938 para cá houve grande incremento na cultura do cacau. Isso explica a circunstância de dominarem no Vale as lavouras novas, antes ainda da fase do "bate-folha" (época em que o chão fica permanentemente coberto de folhas secas desprendidas das árvores, o que se dá a partir dos 12 aos 15 anos de idade da plantação). Não nos justificaram o motivo desse repentino surto, que deve estar ligado, porém, ao aumentar das exportações brasileiras à alta dos preços que se verificaram nos últimos anos da década de 30. Subindo as cotações durante a guerra, o custo inicial consolidou-se. Deve-se acrescentar ainda a marcha de expansão do centro para o norte, forçada pelo café: nas áreas impróprias para essa cultura, uma lavoura com as possibilidades do cacau, já experimentada com êxito nas terras baixas do Vale do Rio Doce, tenderia naturalmente a ser incrementada, como consequência do processo de desbravamento.

## MATA, BARRO E ÁGUA: O AMBIENTE DO CACAU

O observador desprevenido, que desce o rio Doce, ou sobrevoa o vale, contempla a paisagem como se fosse de mata fechada; só de quando em quando, anota uma clareira, com barrancos desnudos comidos pela erosão, e onde se localizam a casa de sede das fazenda de cacau e as construções relativas (moradias de empregados, barcaças, estufas, escritório). É que o cacaual se acha incrustado na mata nativa, que vai sendo raleada com o tempo, mas nunca perde, à distância, o seu aspecto dominante, abafando a planta de cultivo. O fogo é assim pràticamente um ausente das plantações de cacau e o machado é usado paulatinamente e nunca faz a derrubada completa, exceto nos lugares para habitações e instalações de benefício, manejo e armazenagem. Pode-se dizer assim que o cacau do Espírito Santo mora na floresta, e daí a feição agreste do meio, que contribui inclusive para maior poupança dos recursos de flora, fauna, água e solo.

A mata, quanto mais pujante melhor para o cacau. A terra preferida é um massapé barrento, com o menos de areia possível. Onde a argila escasseia, a planta não vai bem, não se expande e dura pouco. É o que acontece muito junto da beira do rio, onde a camada de areia é superficial. Outro fator que decide a escolha da terra é a água: quanto mais inundável o chão, melhor para o cacau. "Deveria ser decretada

uma enchente em todo o mês de janeiro" — disse-nos um plantador do Baixo Rio Doce. Dessa forma, quanto mais baixa e plana a área plantada, mais acessível se torna ao extravasamento das águas do rio, que assim pode fazer a sua irrigação anual, levando ainda detritos para fertilização da lavoura. Geralmente as plantações do Baixo Rio Doce ficam inundadas 3 a 4 dias por ano, e esse fato é apontado como uma das vantagens da zona. Na medida em que a área inundável se alarga, mais reputada é a região para o cacau.

## "BROCA", PLANTIO, "TRILHAGEM" E RALEAMENTO DA SOMBRA

A cultura do cacau, como vimos, se faz à sombra. "Broqueia-se" a mata virgem, isto é, faz-se um grosseiro desbaste interno da floresta, com uma limpeza que possibilite o balizamento, o coveamento e o plantio. Numa distância de 20 por 20 palmos (alguns plantam mais junto e a média por alqueire mineira dá 2.500 pés no Vale do Rio Doce) faz-se um "quadrinho" de 4 covas rasas, colocadas a dois palmos uma da outra, e em cada cova se lançam duas sementes (não há plantio com mudas). Melhores meses de plantios: março, junho e outubro, de preferência na "lua nova". Durante os três primeiros anos, duas operações se fazem anualmente: a "trilhagem", (2 vezes por ano), que é uma espécie de coroação, isto é, limpeza em torno da planta nova, e o "roletamento", que já se inicia no plantio e que, exceto na "broca" preliminar, procede a relação da mata, com a derrubada de árvores. O "roletamento" consiste em cortes em volta dos troncos, que podem ser ampliados ou aprofundados de ano para ano e que provocam a queda da árvore num período mais ou menos desejado, a fim de que se faça em termos o desbaste ou "descasca". Essa operação produz efeitos até os 8 anos, quando as últimas árvores caem sôbre a plantação — muitas vezes inutilizando caucaueiros, total ou parcialmente — ficando apenas aquelas julgadas necessárias para um bom sombreamento: nem muito espesso, nem muito ralo e que possibilite pleno desenvolvimento do cacaueiro.

## A LIMPA OU "DEVASSA"

Do quarto ano em diante, a operação de limpeza é mais ampla e a simples "trilhagem" é substituida pela "limpa" ou "devassa", que consiste numa espécie de roçada. O instrumento de trabalho é uma foice denominado "estrovenga", com corte dos três lados e que forma um ângulo obtuso com o cabo, sendo manejada em dois sentidos sucessivos: da direita para esquerda e da esquerda para a direita, na posição de quem fosse arremessar para os lados. A "devassa" é efetuada duas vezes por ano e vai até o período do "bate folha", isto é, quando a plantação, entre 12 e 15 anos, desprende tantas folhas que abafou por completo o mato rasteiro, humificando e cobrindo o solo de espessa camada vegetal de cor amarelada. Na medida em que a lavoura envelhece, o "bate folha" torna-se mais espesso, contribuindo para a maior produtividade da árvore, até que ela entre no ciclo de decadência (após dezenas de anos).

## A FASE DO "BATE FOLHA"

Quando a lavoura chega ao "bate folha", os tratos culturais ficam limitados. Não existe trilhagem, nem devassa, havendo apenas uma a duas desbrotas por ano, iniciadas com as primeiras colheitas, e logo após as apanhas, é feita, ou a facão (quando a baixa altura) ou com uma pequena foice de cabo longo, no caso de brotações em ramos altos. Além disso, há a poda que se faz a largos intervalos (de 3 em 3 ou 4 em 4 anos) depois que a árvore atinge de 5 a 6 anos. É uma operação especializada, que não se faz com o mesmo pessoal que planta, trilha, devassa, colhe e desbrota o cacaual.

## A SAFRA

O pé de cacau é considerado formado quanto atinge de 4 a 5 anos, havendo uma seleção natural ou dirigida, de maneira que fiquem apenas 2 a 3 pés em cada jogo de covas. A frutificação começa entre o quinto e o sexto ano, mas a colheita de interesse comercial principia entre o sexto e o oitavo ano: a safra plena, porém, inicia-se aos 12 ou 13 anos. Existem duas colheitas anuais: — a do "temporão" preliminar, que vai de abril a agosto, e a de safra pròpriamente dita, que medeia entre setembro e dezembro. Ao todo, fazendo-se nove cortes anuais. Para os frutos que nascem no tronco e nos ramos baixos, a apanha se faz a facão e os do alto são apanhados com uma foice de cabo longo. A safra do temporão, em virtude de alterações no regime de chuvas nos últimos anos, tem sido maior no Vale do Rio Doce do que a safra pròpriamente dita.

Os apanhadores reunem em caixas de 17 quilos os frutos maduros, que derrubam no chão, e transportam-se para certos pontos do cacaual, onde os amontoam. O monte é chamado de "ruma", e aí os frutos são cortados ao meio e a facão, pelos próprios apanhadores, que, em algumas plantações também tiram as amêndoas internas, jogando a casca fora (cada lugar de "ruma" fica assim marcado para o ano seguinte, dado o monte de cascas que se forma ali). A regra, porem, sobretudo nas proprio: mulheres e crianças, que se denominam "tiradeiras". Retirado o cacau em baga, é ele transportado em burros cargueiros (uma caixa de 45 quilos de cada lado) para a sede da fazenda, onde se acham as instalações de fermentação e secagem.

## A PREPARAÇÃO DO CACAU PARA O COMÉRCIO

A fermentação é efetuada em cochos de madeira, situados em recinto coberto, onde o cacau mole é depositado assim que chega da lavoura e revirado durante 3 dias. Ao fim do terceiro dia, com alto grau de calor, o cacau é considerado fermentado, com desprendimento da goma que envolve a amêndoa e conduzido para a secagem na "barcaça" ou na estufa. A barcaça simboliza o processo tradicional da seca ao sol, e compõe-se de um amplo estrado de madeira, sôbre o qual se constrói um telhado móvel de zinco, bastante inclinado que corre sôbre trilhos, montados no próprio estrado, de maneira que este possa ser exposto

grandes plantações, é que a "tiragem", nas "rumas" seja feita por pessoal ao sol ou protegido da chuva e do sereno, conforme as circunstancias, mediante a movimentação manual da cobertura. Na estufa, aquecida por um forno alimentado a lenha, situado sob o local em que se depositam as amêndoas já fermentadas, faz-se a secagem artificial. Na Fazenda Paraiso, no baixo Rio Doce, a estufa seca 120 arrobas por dia, enquanto a barcaça prepara 200 arrobas em 3 dias (cacau seco, pronto para o comércio). Dessa forma, a estufa, apesar de exigir maior investimento, proporciona secagem mais rápida e economica, embora menos perfeita que a natural. Como não se paga mais pelo cacau secado na barcaça, existe a tendência de ampliar-se o uso da estufa nas grandes propriedades. Não existe aproveitamento dirigido dos resíduos do fruto e da amêndoa (casca, mucilagem, etc.). Entretanto, na Fazenda Paraiso aproveita-se um líquido que escorre do cocho de fermentação e proporciona, segundo nos informaram, excelente vinagre. Cada caixa de 45 quilos de cacau mole rende uma arroba de cacau seco, mais 10%, em média.

## EXPERIMENTAÇÃO, GRAVE LACUNA

O sombreamento do cacaual é natural, como vimos. Existem experiências de sombreamento artificial, como com a "noz de cola" na Fazenda Lusitania; mas essa árvore de sombra, empregada por dar rendimento econômico direto, passou a desinteressar devido à nenhuma procura pelos laboratórios farmacêuticos, que se observou após os primeiros anos de colheita, quando os preços chegaram a ser bons e a compensar a apanha. Vimos também um sombreamento com árvore denominada "eretrinaedulis", leguminosa. Muitos observadores aconselham o sombreamento artificial, sob o fundamento de que ele permitiria uma cultura menos grosseira, e impediria os tombamentos de árvores que produzem perdas no cacaual, mas é possível que uma tendencia dessa natureza levasse às derrubadas "aparadas" e às queimas das zonas de café, prejudicando o equilíbrio ecológico reinante na área cacaueira do Espírito Santo. Antes deveriam ser tentadas experiencias, racionalmente controladas; infelizmente, uma estação experimental (a Goitacazes), existente há anos em Linhares, está pràticamente abandonada, não tendo plano de serviços nem muito menos recursos para desenvolvê-los; trata-se de mais um dos documentos da ineficácia do Ministério da Agricultura, tão comuns por esse Brasil afora.

O cacau mais plantado no Vale do Rio Doce pertence ao grupo Pará, que se subdivide em cabeça verde, casca de ovo, ferrugem e Pará-Maranhão, todos eles plantados em mistura no mesmo cacaual e considerados igualmente produtivos. Há ainda o crioulo, de cor roxa, mas escasso, e o comum, das primitivas plantações, que não mais se semeia, por ser pouco produtivo e pouco reputado nos mercados. Também não há ensaios em Goitacazes sôbre o comportamento dessas variedades, tanto na fase agricola, como na de fermentação, secagem e industrialização, assim como não os há sôbre espaçamento, tratos culturais, epocas de plantio e colheita, etc. Não tivemos notícia de nenhuma adubação suplementar de cacaual, alem da forçada do "bate folha" das enchentes no

Vale do Rio Doce, mesmo das pequenas amostras a pleno sol, por sinal que de péssimo aspecto. Não se mencionam moléstias nos caucauais do Espírito Santo: não se fala, por exemplo, na "podridão parda", que alarma o sul da Bahia, e alguns sinais dela parecem não apresentar repercurssão econômica. Quanto a pragas, citam-se duas, próprias de um meio ainda subjugado à fauna nativa: as preás, que roem os troncos, junto ao chão, e as raízes, mas não constituem mal de monta; e os pica-paus, estes sim muito temidos como caprichosos comedores de frutos, que nunca repetem a bicada num fruto só e têm pressa em saltar para outro, abrindo caminho para o apodrecimento. Na Fazenda Paraiso, o pica-pau é o inimigo número um e o gerente paga a Cr$2,50 cada cabeça de pássaro que lhe trouxerem; e assim já conseguiu eliminar cêrca de mil nos três anos de uso desse método.

Em reportagem posterior, examinaremos aspectos econômicos e sociais do cacau do Vale do Rio Doce.

(Da "Folha da Manhã", 31-12-53)

# O café visto nos Estados Unidos

N.º 862 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** 9 de Janeiro de 1954

**SITUAÇÃO GERAL:** Durante a semana, a situação geral foi principalmente de expectativa, aguardando-se a mensagem presidencial ao Congresso, uma vez que há algum tempo já os círculos comerciais e industriais dos Estados Unidos esperavam pelas declarações do Presidente Eisenhower sôbre a política econômica do govêrno, a qual, como é natural, teria importantes repercussões na situação econômica geral do país. Por outro lado, os mercados revelaram uma certa instabilidade em suas atividades, durante a maior parte da semana, mas ontem foi observada uma certa melhora, em consequência da mensagem do Presidente, a qual esclareceu a orientação seguida pela Administração no setor da economia nacional. Em têrmos gerais, a mensagem presidencial esboça uma política de moderado, embora firme, cumprimento de programas econômicos básicos das administrações democráticas passadas. Assim sendo, não são esperadas mudanças significativas, pelo menos durante o ano que ora se inicia. Na opinião geral, haverá alguns reajustamentos, os quais não alterarão o curso de sólida expansão que vem caracterizando a economia da nação norte-americana.

Entrementes, continua-se a observar um grande otimismo nos círculos comerciais, especialmente no comércio a varejo, apesar de ser esperada uma diminuição no volume das vendas do ano corrente. Isso se deve ao fato de estarem os comerciantes certos de que, em consequência da competição geral, os produtos de alta qualidade poderão manter os seus preços no nível atual, ou, pelo menos, num nível quase igual aos de agora.

**MERCADO DE CAFÉ:** O mercado do café continuou a se expandir sensìvelmente, durante a semana, no rítmo da sua atividade, e os preços se reafirmaram consideràvelmente, conseguindo-se novas altas. As razões dessa atividade em maior escala e as consequentes altas dos preços se explicam pelo efeito acumulativo da situação do mercado do produto, com mais procura do que abastecimentos. No momento em que preparamos esta Carta, o interêsse dos torradores continua evidente, observando-se uma ininterrupta tendência de alta nos preços.

Na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, o número de operações no Contrato "S" ascendeu a 1.301 lotes, quando os lotes registrados na semana passada foram de 921. As cotações continuaram flutuantes amplamente, e, ao se fechar a Bôlsa ontem, registravam-se altas de 346 a 360 pontos para as diversas posições. A posição aberta diminuiu durante a semana para 2.938 lotes, dos 3.014 registrados na quinta-feira passada.

**ÚLTIMAS COTAÇÕES:** Em consequência da firme procura dos torradores e da visível diminuição, ou falta completa, de ofertas por parte dos países produtores, os preços dos cafés físicos se fortaleceram consideràvelmente durante a semana. Os cafés do Brasil, tomando-se como base o tipo Santos 4, FOB, foram cotados entre 67.50c/ e 68.00; os cafés da Colômbia, base ex-doca de Nova York, foram cotados entre 69.50c/ e 70.00c/.

**N.º 1** **O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA** **8 de Janeiro de 1954**

**EL SALVADOR**

**Colheita:** A colheita de 1951-52, a única que foi definitivamente liquidada, produziu um total elevado. Segundo as licenças de exportação emitidas pela Delegação da Secretaria da Fazenda, na "Compañia Salvadoreña de Café, S. A.", êsse total ascendeu à soma de 163.073.743.88 Colones, F.O.B., pôrto salvadorenho. O valor médio da colheita foi de $54.07 o quintal. A safra, entretanto, foi considerada reduzida pelos peritos, em comparação com as três safras anteriores.

Quanto à colheita de 1952-53, que não ainda inteiramente exportada, embora seja considerada boa, não alcançará o volume da colheita de 1948-49, que estabeleceu um recorde. Segundo se informa, "as cotações obtidas com essa colheita não foram excedidas até então, pois, embora tenha essa safra sido vendida em lotes pequenos, o preço do quintal nos Estados Unidos foi superior a $60.00, (f.o.b.), e o preço na Europa foi ainda mais elevado".

(La Prensa Grafica — Dezembro de 1953)

**O café na política intercontinental:** Em artigo publicado pela revista norte-americana "The and Coffee Trade Journal", sob o título "O café como produto de política internacional", o autor Arturo Morales Flores analiza a importância do café, não só como produto que serve de base à economia de sete países latino-americanos, mas também como fator significativo no desenvolvimento das relações políticas e de amizade entre os países do Hemisfério Ocidental, especialmente entre os países latino-americanos e os Estados Unidos. O Sr. Morales, depois de se referir às representações feitas em Washington pelos representantes diplomáticos de 14 países da América Latina, em defesa dos interêsses do café, primeiramente em 1945, por motivo da Conferência Inter-Americana sôbre os Problemas da Guerra e da Paz", e mais tarde, em 1950, por motivo das investigações realizadas pelo Comitê de Agricultura do Senado dos Estados Unidos, encabeçado pelo Senador Gillette, acrescenta o seguinte:

"Evidentemente, o café não só é um produto capaz de afetar as amistosas relações comerciais dos 14 países produtores, mas ainda arrasta os 6 restantes países latino-americanos que não produzem café, de modo que o bloco latino-americano possa exigir melhores condições em seus tratados comerciais. Observe-se que o parágrafo transcrito da nota assinada pelos 14 embaixadores dos países produtores, por motivo das investigações do Comitê Gillette, invoca o "Hemisfério Ocidental", e não apenas os 14 países produtores. Se bem que haja outros produtos de exportação muito importantes, como o petróleo, o cobre, o estanho, o trigo e a carne, o certo é que êsses produtos afetam ùnicamente uma parte mínima do bloco latino-americano. De fato, o petróleo afeta principalmente a Venezuela e o México; o cobre, ùnicamente o Chile; o estanho ùnicamente a Bolívia; e a carne ùnicamente a Argentina e o Uruguai. No mundo moderno, com uma filosofia mais realista, as relações diplomáticas se baseiam em fatores econômicos. Todos os argumentos anteriores servem para fundamentar a importância que assume tudo o que concerne o café na América Latina, tanto sob o ponto de vista comercial como sob o ponto de vista das relações internacionais. A notícia da realização, na cidade de Curitiba, no Brasil, do Primeiro Congresso Mundial do Café chama a atenção para um acontecimento de repercussões continentais nas duas frentes — a comercial e a diplomática —, principalmente porque se trata do Brasil, o primeiro país produtor de café do mundo. Nesse Congresso,

ver-se-á a importância que um pequeno grão tem para um grande país; ver-se-á que o café é mais do que uma bebida deliciosa, produzindo a energia com que o Brasil consegue o bem estar do seu povo. Nesse Congresso, estarão representados não só os 14 países latino-americanos produtores de café, mas também os outros países da América Latina e os principais países consumidores, pois o certamem, tratando do café, será o melhor meio para estreitar as relações diplomáticas e comerciais da América Latina com o resto do mundo..."

(Tea and Coffee — Outubro de 1953)

**ESTADOS UNIDOS**

**Café congelado:** A conhecida firma Rudd-Melikian, Inc. está planejando a construção, nos arredores de Hartboro, Pa., de uma usina que poderá produzir café congelado em forma concentrada. O custo da construção será de $300.000,00.

Os escritórios e as usinas centrais dessa Companhia estão localizados na cidade de Filadelfia . A emprêsa manufatura máquinas automáticas para os serviços de café, coca-cola e outras bebidas.

Segundo se anuncia, a construção da nova usina para produção de café congelado será iniciada em Janeiro de 1954.

(Supermarket News — Janeiro de 1954)

**N.º 863 CARTA SEMANAL DO MERCADO 15 de Janeiro de 1954**

**SITUAÇÃO GERAL:** Esta semana, as atividades econômicas nos Estados Unidos foram mais evidentes nos mercados de valores e de produtos naturais básicos. Na segunda e na terça-feira, o mercado de valores estava fraco, mas na quarta-feira começou a avançar e manteve o seu avanço até hoje. As ações das indústrias principais registraram uma nova subida para os últimos quatro mêses, recobrando os pontos perdidos em Setembro de 1953, tanto em relação aos preços como em relação ao volume das vendas. Quanto aos produtos naturais básicos, o mercado revelou certa firmeza durante a semana, deixando o curso irregular que vinha seguindo há tempos. O índice geral dos preços para os produtos básicos avançou 0.2 pontos durante a semana, registrando-se um maior avanço total em certos produtos, o que contrabalançou a baixa total de outros. No mercado de valores, o avanço foi atribuido principalmente ao fato de o govêrno federal aprovar medidas para a redução de impostos sôbre dividendos derivados da posse de ações. Essa medida, sem dúvida, promete despertar mais interêsse por parte do público na compra de ações. Por outro lado, as vendas totais dos armazéns, em escala nacional, para a primeira semana do mês corrente, registraram um aumento de 7% sôbre a semana correspondente do ano passado, com aumentos também até 12% em alguns distritos, sendo o mais substancial o aumento havido na cidade de Boston. Essas notícias contradizem as expectativas gerais, de que seriam menores as vendas.

Assim, continua aumentando o otimismo nos meios comerciais, sobretudo no comércio de varejo, embora alguns peritos insistam em afirmar que ainda haverá alguma baixa no volume de vendas durante o ano corrente e que serão necessários significativos reajustamentos no curso da economia nacional; pode-se entretanto, dizer que, a julgar pela situação atual, as afirmações dos referidos peritos talvez não venham a ser mais do que um alarme injustificado.

**MERCADO DO CAFÉ:** O mercado do café continuou esta semana a mostrar a mesma situação favorável que vem mostrando já há algum tempo.A atividade de compras e vendas prossegue intensa e continuam firmes as cotações dos preços nos diferentes níveis do mercado. No Contrato "S" da Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, houve na segunda-feira um aumento de 2c/ por libra que é o limite diário permitido, e êsse aumento se manteve até a quarta-feira, quando se registrou o preço máximo de 74.70c/ a libra, na posição de Maio de 1954. Ao se fecharem as operações de hoje, entretanto, foi observado um retrocesso nas cotações, em consequência da limitada procura dos torradores, que aguardam a manifestação de uma tendência mais definida no curso do mercado. Segundo alguns observadores, o aumento dos preços tálvez tenha chegado ao seu limite, mas, segundo outros, as baixas observadas no fim desta semana não significam senão uma pausa temporária dos torradores que observam a tendência definida do mercado. Em comparação com a semana passada, as diversas posições mostram subidas nítidas esta semana, entre 210 e 252 pontos, salientando-se as posições de Maio, Junho e Setembro. As operações realizadas no Contrato "S" ascenderam ao total de 2.224 lotes. As da semana passada foram de 1.301. Entrementes, a posição aberta se reduziu de 75 lotes, somando apenas 2.863, em comparação com os 2.938 lotes da sexta-feira passada.

O mercado dos cafés físicos revelaram um curso semelhante ao do contratos, com um bom volume de atividade durante os três primeiros dias da semana, e diminuindo sensívelmente no fim da semana, pelos mesmos motivos antes mencionados. Assim mesmo, os preços dêsse mercado tornaram a subir, chegando a níveis de recorde, como se verá pelas seguintes cotações: Os cafés do Brasil, base do Santos tipo 4, FOB, estiveram firmes em 71.50c/, quando na semana passada estiveram entre 67.50 e 68.00c/; os cafés da Colômbia, base ex-doca de Nova York, mantiveram-se entre 74.25c/ e 75.00c/ a libra; na semana passada entre 69.50 e 70.00c/.

**EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:**

| | Semanas terminadas em: | Dados Semanais — Destinos Principais EE.UU. | Europa | Outros | Total |
|---|---|---|---|---|---|
| **BRASIL*** | 9-1-1954 | 223 | 93 | 10 | 326 |
| | 2-1-1954 | 128 | 102 | 20 | 250 |
| | 10-1-1953 | 190 | 70 | 31 | 291 |
| **COLÔMBIA**** | 9-1-1954 | 103.899 | 8.199 | 3.405 | 115.503 |
| | 2-1-1954 | 193.529 | 21.940 | 3.277 | 218.746 |
| | 10-1-1953 | 75.774 | 5.873 | 1.920 | 83.567 |
| | **Dados mensais** | | | | |
| **BRASIL*** | Dezembro, 1953(%) | 1.055 | 575 | 95 | 1.725 |
| | Novembro, 1953 | 1.164 | 493 | 157 | 1.814 |
| | Dezembro, 1952 | 817 | 495 | 141 | 1.453 |
| **COLÔMBIA**** | Dezembro, 1953 | 631.725 | 60.343 | 9.749 | 701.817 |
| | Novembro, 1953 | 501.309 | 65.212 | 9.787 | 576.308 |
| | Dezembro, 1952 | 502.385 | 43.467 | 16.129 | 561.981 |

## ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

| | Portos | Semanas terminadas em: 9-1-1954 | 2-1-1954 | 10-1-1953 |
|---|---|---|---|---|
| BRASIL* | Santos | 1.663 | 1.622 | 1.899 |
| | Rio | 477 | 489 | 316 |
| | Vitória | 76 | 120 | 37 |
| | Paranaguá | 1.027 a | 1.033 b | 1.985 c |
| | Pernambuco | 18 | 19 | 15 |
| | Bahia | 11 | 10 | 21 |
| | Angra dos Reis | 19 | 16 | 39 |
| | **TOTAL** | **3.291** | **3.309** | **4.312** |
| COLÔMBIA** | Barranquilla | 71.145 | 84.104 | 112.371 |
| | Cartagena | 37.941 | 38.367 | 77.692 |
| | Buenaventura | 108.034 | 90.280 | 146.618 |
| | Cúcuta | 78.561 | 81.262 | 144.204 |
| | **TOTAL** | **295.681** | **294.013** | **480.885** |

## ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

| Semana de: | Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil | Colômbia | Outros | Total |
|---|---|---|---|---|
| 9-1-1954 | 239.720 | 138.831 | 13.831 | —— |
| 2-1-1954 | 231.695 | 131.371 | 131.371 | 454.615 |
| 10-1-1953 | 75.180 | 72.513 | 72.513 | 238.795 |

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federação Nacional dos Cafeicultores de Colômbia
%) Dados preliminares, sujeitos a retificação
a) 682.000 livres e 345.000 retidos
b) 551.000 livres e 482.000 retidos
c) 736.000 livres e 1.249.000 retidos

**N. 2 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 15 de Janeiro de 1954**

### GUATEMALA

**Estatística do Café:** A "Dirección General de Estatística" acaba de publicar os dados completos sôbre a estatística do café da Guatemala em 1950. Investigou-se a produção de tôdas as fazendas de café com mais de 200 quintais de cerejas por ano. A investigação revela que, naquele ano, havia 1.114 unidades agrícolas daquela categoria em Guatemala, com uma produção de 5.400.000 sacas de cereja de café, correspondendo a 86,9% da produção nacional. Os Departamentos (divisões geográficas do país) mais importantes, pelo número de fazendas que produziam mais de 200 quintais de cerejas, foram, em sua respectiva ordem de impor-

tância: San Marcos, Santa Rosa, Suchitepéquez, Quezaltenango, Guatemala, Alta Verapaz e Retalhuleu. Êsses Departamentos juntos possuem 77% das 1.774 fazendas incluidas na estatística. Esta foi autorizada em 1948 e iniciada em Abril de 1950, sendo a estatística do café parte da estatística geral agro-pecuária, e sòmente agora foi terminado e publicado o trabalho, num volume de 200 págins. A investigação estatística revela que, em 1950, a área total das terras semeadas foi de 181.527 "manzanas" (unidade local de superfície), e os Departamentos mais importantes, pela extensão das suas áreas semeadas, foram: San Marcos, Suchitepéquez, Quezaltenango, Alta Verapaz, Santa Rosa, Chimaltenango, Escuintla e Retalhuleu. Êsses oito Departamentos têm 90,1% das terras semeadas com café em tôda a nação. Quanto ao rendimento da produção, a investigação mostra que varia muito, devido às diferenças de clima. O Departamento de Chinquimula foi o que deu maior rendimento, com 78,5 quintais por "manzana", e o Departamento de Jalapa foi o que deu menor rendimento, com 15,5 quintais; os mais importantes, em rendimento, foram: Huehuetenango, com 46,3 quintais, Izabal, com 46,1, e Guatemala, com 45,3. A produção, em média, para tôda a República, foi de 34,2 quintais por "manzana", em cerejas, tendo-se observado que, quanto menor a fazenda, maior foi a sua porcentagem de produção. Assim, as fazendas de 2 a 5 "manzanas" tiveram um rendimento de 72,6 quintais, ao passo que as fazendas de 200 ou mais "caballerias" (outra unidade local de superfície) renderam só 20,9 quintais."

(El Imparcial, Guatemala, Dezembro de 1953 — Transcrição do Boletim FEDECAME, de Janeiro de 1954).

(C.A.)

## ESTADOS UNIDOS

**População flutuante:** Como êsse interessante assunto pode ser de grande interêsse para a indústria do café, vamos transcrever os dados e os comentários contidos na última edição da revista "Progressive Grocer" sôbre os benefícios que do movimento da população decorrem para o comércio de abastecimentos alimentícios:

"Somos uma nação inquieta. Muita gente vai de um local para outro, em busca de melhores colocações, de negócios mais rendosos, de um clima mais agradável, etc. De acôrdo com as estatísticas oficiais, cêrca de 3% da população dos Estados Unidos se mudam anualmente de um Estado para outro. De 1940 a 1950, o aumento da população norte-americana foi de 19.000.000, mas o que também ajuda a indústria é o fato de que os jovens estão se casando com menos idades agora, aumentando-se assim o número de lares. Os homens se casam agora, em média, aos 22 anos, quando, em 1940, êles se casavam aos 24. As mulheres que se casavam, em média, aos 21 anos, agora se casam aos 20. Também aumentou o número de velhos. Em 1900, apenas 4,1% da população eram de pessoas com mais de 65 anos de idade; em 1950 a porcentagem foi de 8,2%, isto é, exatamente o dôbro."

(Progressive Grocer — Janeiro de 1954)

**Importações de café:** O Departamento do Comércio dos Estados Unidos publicou os dados seguintes sôbre as importações do café, classificadas pelos países de origem, em sacas de 60 quilos:

| Países de origem: | 1953 Setembro | 1953 Agôsto |
|---|---|---|
| Brasil | 1.159.072 | 499.238 |
| Colômbia | 654.067 | 521.576 |
| El Salvador | 5.885 | 16.944 |
| Guatemala | 6.753 | 17.277 |
| México | 37.663 | 54.382 |
| Venezuela | 44.897 | 43.992 |
| Costa Rica | 8.935 | 13.241 |
| República Dominicana | 6.978 | 2.053 |
| Honduras | 12.711 | 18.042 |
| Haiti | 1.705 | 3.318 |
| Nicarágua | 2.889 | 19.004 |
| Equador | 49.128 | 19.210 |
| Antilhas Britânicas | 122 | 1.845 |
| África Portuguêsa | 42.434 | 23.493 |
| África Oriental Britânica | 10.967 | 16.174 |
| Congo Belga | 14.766 | 6.112 |
| Etiópia | 52.808 | 33.813 |
| Arábia | 1.500 | 543 |
| Indonésia | 5.051 | 223 |
| Panamá | 4 | 485 |
| Bolívia | 828 | 416 |
| África Oriental Italiana | — | 333 |
| Sudão Anglo-Egípcio | — | 425 |
| África Francêsa e Madagascar | 8 | — |
| Perú | 6.435 | 5.549 |
| | 2.125.606 | 1.317.688 |

(National Coffee Association — Boletim de Dezembro de 1953)

**N.º 864 CARTA SEMANAL DO MERCADO 22 de Janeiro de 1954**

**SITUAÇÃO GERAL:** Não houve nenhuma modificação significativa nas atividades econômicas gerais, durante a semana que ora termina. Segundo se observa nos mercados principais do país, sobretudo no mercado de valores e no de produtos naturais básicos, a situação econômica revela uma mercada firmeza. O mercado de valores apresentou no fim da semana uma sensível subida, em consequência da mensagem do presidente Eisenhower sôbre o orçamento federal, o qual salienta os gastos para a defeza nacional. Assim, no mercado de valores, foi maior a atividade nas indústrias e nos serviços relacionados com o programa militar. Quanto ao mercado de produtos naturais básicos, o índice dos preços flutuou dentro de limites fracionários, revelando também avanços relacionados com as indústrias de produtos para as Fôrças Armadas, principalmente a borracha e o cobre.

Embora haja opiniões diversas sôbre as perspectivas gerais para o resto do ano, torna-se cada vez maior o número dos peritos que julgam boas essas perspectivas. Baseiam-se principalmente no fato de que não serão feitas reduções consideráveis no programa de defeza e de que continua firme a procura geral para todos os gêneros de produtos. Além disso, os manufatureiros estão lançando

na mercado produtos de novos tipos e de melhor qualidade, o que, sem dúvida alguma, estimulará ainda mais a procura dos consumidores.

**MERCADO DO CAFÉ:** O mercado do café esta semana esteve sumamente ativo sob todos os pontos de vista. A imprensa, o rádio e até a televisão ocuparam-se grandemente do movimento dos preços do café, fazendo apreciações diversas a respeito da subida que se vem registrando nos preços nas últimas semamanas. Seria impossível, em nosso espaço limitado, dar uma relação completa dos diversos comentários feitos pelos jornais e pelos programas de rádio e de TV. Para dar uma idéia, entretanto, dêsses comentários, podemos dizer que o interêsse pelos assuntos do café assumiu proporções nacionais, e que diferem largamente as opiniões emitidas pelos jornais, uns explicando a situação em têrmos de procura e de abastecimentos, outros em forma de aberto ataque à indústria do café, inclusive com acusações de que o aumento de preços é o resultado de especulações. A êsse respeito, o Bureau Pan-Americano do Café está desenvolvendo uma atividade especial, procurando, por todos os meios disponíveis, explicar a situação geral responsável pelo aumento dos preços, assim defendendo os interêsses da indústria e fazendo a sua propaganda.

Entrementes, no Contrato "S" da Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, o movimento de volume se reduziu sensivelmente e o movimento dos preços foi bastante irregular, observando-se oscilações de alta e de baixa. Em média, o preços líquidos para as diversas posições foram mais baixas que os da semana passada, havendo baixas entre 60 e 135 pontos, salientando-se as baixas nas posições distantes. O total de lotes vendiros foi de 1.198, isto é, 1.026 menos do que semana passada. Isso, de acôrdo com as indicações fornecidas por vários membros do comércio newyorkino, pode ser atribuido principalmente ao fato de que alguns torradores se retiraram do mercado, esperando, ao que se diz, que a situação se esclareça.

**ÚLTIMAS COTAÇÕES:** O mercado para os cafés físicos continua revelando firmeza nos preços, embora seja limitada a atividade relacionada com o mesmo. Os cafés do Brasil, na base do café Santos tipo 4, FOB, tem sido oferecidos a 70 1/2c/ a libra. Os cafés da Colômbia, na base ex-doca de Nova York, entre 74 e 74 1/2c/.

**EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:**

| | Semanas terminadas em: | EE.UU. | Dados semanais<br>Destinos Principais<br>Europa | Outros | Total |
|---|---|---|---|---|---|
| **BRASIL*** | 16-1-1954 ......... | 151 | 89 | 10 | 250 |
| | 9-1-1954 ......... | 223 | 93 | 10 | 326 |
| | 17-1-1953 ......... | 163 | 104 | 5 | 272 |
| **COLÔMBIA**** | 16-1-1954 ......... | 98.015 | 10.719 | 6.490 | 115.224 |
| | 9-1-1954 ......... | 103.899 | 8.199 | 3.405 | 115.503 |
| | 17-1-1953 ......... | 76.985 | 6.214 | 2.830 | 86.029 |

N. 3 **O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA** 22 de Janeiro de 1954

**PÔRTO RICO**

**Aumento do preço do café:** O Sr. Buenaventura Quiñones Chacón, diretor do Seguro do Café, declarou que não entende por que razão as donas de casa se escandalizam com o aumento de cinco centavos no preço do café, quando estão pagando por outros produtos preços caríssimos sem reclamar. Acrescentou o Sr. Quiñones Chacón que o aumento do preço do café traz benefícios aos lavradores e a milhares de famílias que trabalham na indústria do café cujo poder aquisitivo se tornou maior. O aumento do preço do café, disse o Sr. Chacón, devia ter sido feito há muito tempo. Os custos da produção em Pôrto Rico são altíssimos e o que ganham os lavradores com a cultura cafeeira é muito pouco. O novo aumento do café beneficia 22.000 lavradores e mais umas 100.000 pessoas que, de uma maneira ou de outra, dependem da indústria do café em Pôrto Rico.

"O custo do café, por unidade, é mais alto em Pôrto Rico do que em qualquer outro país do mundo, com exceção de Hawaii. Entretanto, todos os países do mundo estão se beneficiando com os preços do mercado mundial, com exceção de Pôrto Rico, o qual está sujeito aos preços máximos estabelecidos pela Administração de Estabilização Econômica. Em Hawaii, o trabalhador de um cafezal ganha $1.00 por hora, mas porque produz 20 quintais de café por "cuerda" (unidade local de superfície).

(La Prensa, Nova York, 11 de Janeiro de 1954)

**COLÔMBIA:**

**Estoques suficientes:** O Presidente da Federação de Exportadores de Café, D. Jorge Mejia Palacio, declarou que os estoques de café na Colômbia são suficientes para atender à contribuição normal da Colômbia aos mercados mundiais.

Durante o mês de Janeiro corrente, até a data, o registro de exportação aumentou de $9.475.000 em relação ao mesmo período do ano passado. Nos meios cafeeiros consta que a chamada "colheita grande" de Caldas — o Departamento que mais produz café no país — já se exgotou, mas que os exportadores contam com novas reservas "racionais" para continuar atendendo aos pedidos.

(La Prensa, Nova York, 17 de Janeiro de 1954)

**PERÚ**

**Programa de produção:** A produção de café do Perú está aumentando, estimulada pelos altos preços de exportação e pelo auxílio que tanto o Govêrno como as emprêsas particulares vêm prestando, por meio de assistência técnica, empréstimos e programas destinados a melhorar os métodos de colheita e de venda do café. Espera-se um aumento, de grande alcance, em consequência da expansão do plantio de arbustos, fornecidos pelo Ministério da Agricultura e financiados pelo Banco de Fomento Agrícola. Embora o rítmo da expansão da exportação seja inferior ao do consumo local, a maior parte do aumento da produção é de má qualidade de café que serve para a exportação.

Espera-se que comecem a produzir neste ano ainda muitos dos pés de café plantados durante o ano de 1951. Estão sendo importados novos equipamentos para descascar e secar o café, muitos dos quais já em processo de instalação. Agentes do govêrno estão fazendo demonstrações aos cultivadores de métodos melhores para a colheita e o tratamento do café. Com todos êsses fatores, espera-se um considerável aumento no rendimento das plantações.

(Nacional Coffee Association, Boletim de Janeiro de 1954)

**ESTADOS UNIDOS**

**Lavadeiras mecânicas para cafeteiras:** A "Metropolitan Wire Goods Corporation", cujo endereço é 70 Washington Street, Brooklyn 1, New York, USA, acaba de lançar ao mercado uma lavadeira automática provida de um cêsto metálico, em que a tampa da cafeteira e a própria cafeteira são lavadas separadamente e de maneira completa pelo jôrro de água da máquina. As novas lavadeiras podem ser transportadas, lavadas e depositadas no cêsto, porque a operação se faz em muito pouco tempo.

(American Restaurant Magazine, Janeiro de 1954)

**Nova marca de café:** "Chock-Full-O'Nuts", nome de uma firma que possui uma cadeia de restaurantes muito conhecidos nos Estados Unidos, acaba de lançar ao mercado a sua marca particular de café enlatado. Trata-se do mesmo café que vem sendo usado nos mencionados restaurntes, à razão de umas 100.000 chícaras por dia. O novo café é oferecido a venda em três formas: em pó grosso, para o sistema de percolação, em pó semi-grosso, para o sistema de filtros, e em pó fino, para as cafeteiras do sistema de sucção.

(Grocer Graphic, Dezembro de 1954)

**N. 865 CARTA SEMANAL DO MERCADO 29 de Janeiro de 1954**

**SITUAÇÃO GERAL:** A imprensa desta semana nos Estados Unidos ocupou-se intensamente do Relatório Econômico dirigido pelo Presidente Eisenhower ao Congresso. Em sua essência, o Relatório é notàvelmente optimista quanto ao futuro da situação econômica do país, tendo o Presidente afirmado que, com as informações disponíveis, a nação está passando por um período de ligeira baixa, a qual se pode atribuir aos reajustamentos de inventários, mas tudo indica uma perspectiva de prosperidade maior do que nunca no futuro econômico nacional. O Presidente declarou que a economia norte-americana se encontra decididamente no caminho da prosperidade, observando que è bàsicamente alto o número de indivíduos empregados, os preços revelam firmeza, e os salários e os benefícios da indústria satisfatórios. Disse, além disso, o Presidente que o govêrno dispõe de armas formidáveis para dar combate a qualquer momento a uma baixa econômica mais extensa, caso a ligeira baixa atual mostre tendências a se agravar. O Presidente citou medidas específicas, tais como sistemas de contrôle do crédito, meios adequados para controlar a dívida pública, autoridade para mudar os têrmos que regulam as hipotecas federais, flexibilidade na administração difuciária, subsídios de preços para os lavradores, modificações na estrutura das leis para que sejam inaugurados programas adequados de obras públicas. O Presidente solicitou o Congresso no sentido de que o mesmo, durante o ano corrente, tome medidas necessárias à proteção e ao fomento da estabilidade econômica, dentro dos limites dos aspectos acima mencionados.

As palavras do Presidente sugerem, de certo modo, cautela por parte dos produtores e dos meios comerciais, para que não se agrave a ligeira baixa que se nota atualmente na economia nacional; mas, ao mesmo tempo, as palavras do Presidente asseguram que a nação norte-americana se acha preparada para qualquer emergência.

**MERCADO DO CAFÉ:** Durante esta semana, o movimento do mercado de café se reduziu grandemente, seguindo, de acôrdo com as informações existentes, a confusão geral que se observa no movimento dos preços. As flutuações no mercado de contratos, por exemplo, variaram dentro de uma margem muito ampla, e o número das operações realizadas diminuiu consideràvelmente. O Contrato "S" da Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York revelou a irregularidade das flutuações dos preços, mas no fim da semana as cotações registraram pequenos ganhos para as diversas posições. O volume das transações se reduziu a 922 lotes, em comparação com os 1.198 lotes da semana passada. Entrementes, no mercado dos cafés físicos, segundo as informações obtidas, a atividade foi sumamente limitada, marcando-se uma baixa nos níveis dos preços. Os cafés do Brasil, na base FOB, tipo Santos 4, foram cotados entre 68.50c/ e 69c/ a libra, e os colombianos, base ex-doca de Nova York, entre 73 e 74c/.

Durante a semana, continuaram os protestos contra a subida dos preços do café, tanto por parte dos consumidores como por parte de algumas entidades relacionadas com o negócio do café. Ao mesmo tempo, em consequência dêsses continuados protestos, o Govêrno anunciou que seriam iniciadas logo investigações sôbre o assunto, por meio de várias agências oficiais. Não há detalhes sôbre a forma que tais investigações serão realizadas, nem o alcance das mesmas. O Bureau Pan-Americano do Café se acha presentemente devotado a uma intensa tarefa de defesa do café, fazendo todo o possível para contrabalançar os danos que êsses protestos possam causar ao consumo do café no mercado dos Estados Unidos.

**EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:**

| | Semanas terminadas em: | Dados Semanais — Destinos Principais: EE.UU. | Europa | Outros | Total |
|---|---|---|---|---|---|
| **BRASIL*** | 23-1-1954 ......... | 186 | 177 | 16 | 339 |
| | 16-1-1954 ......... | 151 | 89 | 10 | 250 |
| | 24-1-1953 ......... | 158 | 102 | 15 | 275 |
| **COLÔMBIA**** | 23-1-1954 ......... | 88.681 | 37.375 | 466 | 126.522 |
| | 16-1-1954 ......... | 98.105 | 10.719 | 6.490 | 115.224 |
| | 24-1-1953 ......... | 138.351 | 12.120 | 4.482 | 154.953 |

**ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:**

| | Portos | Semanas terminadas em: 23-1-1954 | 16-1-1954 | 24-1-1953 |
|---|---|---|---|---|
| **BRASIL*** | Santos ............... | 1.677 | 1.671 | 1.747 |
| | Rio ................... | 397 | 476 | 296 |
| | Vitória ............... | 93 | 107 | 51 |
| | Paranaguá ............ | 991 a | 964 b | 1.944 c |
| | Pernambuco ........... | 16 | 20 | 12 |
| | Bahia ................ | 13 | 12 | 22 |
| | Angra dos Reis ........ | 24 | 21 | 30 |
| | **TOTAL** ............... | **3.211** | **3.271** | **4.102** |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| COLÔMBIA** | Barranquilla ........... | 55.099 | 83.229 | 107.369 |
| | Cartagena ............. | 34.317 | 42.778 | 78.823 |
| | Buenaventura .......... | 184.920 | 159.139 | 138.725 |
| | Cúcuta ............... | 71.654 | 8.645 | 145.033 |
| | **TOTAL** .............. | **345.990** | **293.791** | **469.950** |

**ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK***

| Semana de: | Países de origem (sacas de pesos diferentes) | | | |
|---|---|---|---|---|
| | **Brasil** | **Colômbia** | **Outros** | **Total** |
| 23-1-1954 | | | | |
| 16-1-1954 ........................ | 235.450 | 146.237 | 102.567 | 484.254 |
| 24-1-1953 ........................ | 63.235 | 98.885 | 100.703 | 262.823 |

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia
a) 697.000 livres e 294.000 retidos
b) 619.000 livres e 345.000 retidos
c) 721.000 livres e 1.223.000 retidos

**N.º 4 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 29 de Janeiro de 1954**

**ESTADOS UNIDOS**

**Preços do Café:** Os preços do café, na semana passada, estavam subindo. Os torradores mais importantes anunciaram, no fim da semana, que aumentariam o preço do café em 5 cents a libra e que êsse aumento entraria em vigor imediatamente. Tomando-se como base os aumentos havidos no comércio por atacado, calcula-se que os preços da venda a varejo talvez cheguem a $1.20 ou $1.25 a libra... Um grande Armazém de Cleveland, em seu anúncio do fim da semana, exorta a sua clientela a "tomar chá e fazer economia".

(Supermarket News, 18 de Janeiro de 1954)

**Boicote do Café:** Observam-se no mercado os primeiros indícios de um possível boicote do café. Em Providence, Rhode Island, a Associação de Restaurantes de Rhode Island, segundo informa a United Press, decidiu, por motivo do aumento dos preços, que não seria servido o café nos estabelecimentos dos membros da Associação. Êstes resolveram também retirar todo o seu material de anúncio do café e substituí-lo por cartazes em que anunciam outras bebidas, como o leite, o chocolate e o chá. Por outro lado, em Nova York, o presidente da cadeia de restaurantes Chock-Full-O'Nuts declarou numa entrevista com os jornalistas que não resta dúvida de que o govêrno do Brasil é em parte responsável pelo aumento dos preços do café nos Estados Unidos e nos demais mercados do mundo. Entretanto, os importadores e outros grupos dos meios comerciais interessados no café negaram com indignação essas acusações, logo que tiveram conhecimento das mesmas.

(La Prensa, 21 de Janeiro de 1954)

**Sugestão de um deputado:** O Representante Republicano Lawrence H. Smith propôs "uma greve dos consumidores de café" para forçar a baixa dos preços do produto. O referido Representante sugeriu que ninguém tomasse café às quartas-feiras, acrescentando que dessa maneira haveria café bom e por preços razoáveis. O Sr. Smith fêz essa declaração no Congresso, tendo a mesma sido registrada nas atas oficiais. "Acho que é possível fazer algo", disse mais o Sr. Smith. "Não queremos voltar aos contrôles governamentais, mas, se o público se abstivesse de tomar café num dia da semana, a oferta e a procura fariam com que houvesse uma redução nos preços".

(El Diario de Nueva York, 21 de 1954)

**Reação em Nova Orleans:** No pôrto de New Orleans, foi negativa a repercussão da proposta feita pelo Representante Lawrence H. Smith, no sentido de não se tomar café às quartas-feiras. "Isso é simplesmente fantástico", comentou um importador de New Orleans. "Não se pode deter o curso dos acontecimentos naturais, para evitar geadas no Brasil! Isso é a razão de tudo. O mais é uma questão de oferta e de procura". Outro importador declarou que a hora do café é um dos costumes mais populares daquela cidade, e de fato assim é. O habitante de Nova Orleans consome, em média, umas quatro libras mais de café anualmente, do que os habitantes do resto do país; em geral, toma de quatro a seis xícaras de café negro, forte, durante o dia. Os empregados dos escritórios da zona comercial saem pela manhã e pela tarde, para tomar café, e um dêles declarou que haveria uma revolução se tal costume fôsse proibido. Só um dono de restaurante se mostrou favorável à sugestão do Representante Smith: "Está muito alto o preço do café", observou o proprietário do "Café du Monde"; "eu daria o meu apôio ao plano, mas a gente não deixaria de tomar café, sem se importar com o preço".

(El Diario de Nueva York, 22 de Janeiro de 1954)

**A importância que tem o café para o Secretário de Estado dos Estados Unidos:** O Sr. John Foster Dulles, Secretário de Estado dos Estados Unidos, assegura que uma boa xícara de café é indispensável nos dias que correm, para resistir aos cabeçalhos dos jornais pela manhã... O Sr. Dulles fêz essa observação na sua entrevista com a imprensa, no dia 19 do corrente, quando lhe perguntaram o que pensava da queixa feita no Congresso pela Representante Democrática Sra. John B. Sullivan, contra o aumento dos preços do café. A Sra. Sullivan declarou na Câmara que o Govêrno devia fazer algo para deter a subida dos preços do café e que, nesse sentido, ela havia se dirigido já ao Sr. John Foster Dulles.

(La Prensa, 20 de Janeiro de 1954)

**Aumenta o consumo dos cafés solúveis:** Nas cidades gêmeas de Minneapolis e St. Paul, o número de famílias que usam o café solúvel aumentou de mais de 33% no ano passado, segundo afirma o diário "Minneapolis Star and Tribune", de acôrdo com um estudo feito sôbre os hábitos da população local. Desde o ano de 1948, baixou de 27% a 24% o número de lares em que sòmente o café é consumido, ao passo que aumentou de 71% para 75% o número dos lares em que são consumidos tanto o café como o chá.

(Food Field Reporter, 25 de Janeiro de 1954)

# Mais um convertido ao sombreamento: o Dr. Paulo Whitaker

"Quando uma lavoura de café, a ser sombreada, é plantada numa terra virgem, há seiva de sobra para o ingàzeiro e o pé de café.

O húmus gasto por estas duas espécies negativas, no correr dos anos, é mais tarde substituido pelo que se origina das folhas caídas dos ingàzeiros. De sorte que, tal qual como acontece com a lavoura da Colômbia e de outros países, o cafeeiro e o ingàzeiro vivem consorciados numa vida longa e produtiva.

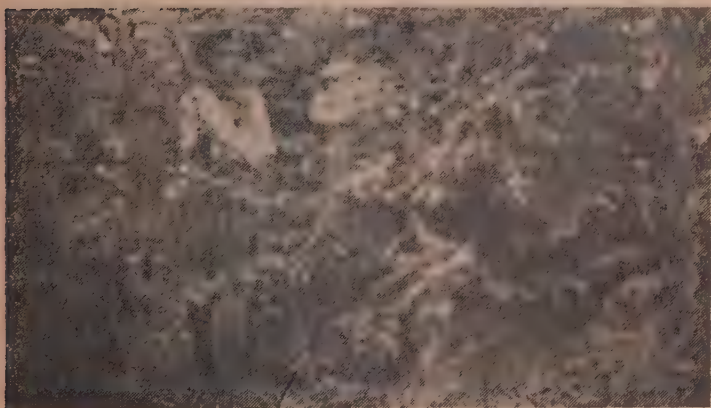
Não havendo, entre nós, grandes áreas de mata virgem, temos tentado sombrear os cafèzais velhos. Quando o sombreamento se faz em terreno plano ou em terreno onde ainda existe algum húmus, o cafèzal nada ou pouco sofre. Geralmente os cafèzais velhos ou plantados em terra cansada sentem nos primeiros anos a concorrência dos ingàzeiros, quer na sua vitalidade ou exclusivamente na produção. Êste estado de penúria pode durar do segundo ao sétimo anos. Então, o fazendeiro tem a impressão de que a sua lavoura está se extinguindo pela concorrência da árvore de sombra. E não trepida em destruir o sombreamento, cortando os ingàzeiros.

Pelo menos, aqui, em nossa zona, é o que se tem observado. Entretanto, esta crise pode ser afastada. Se no fim de quatro a cinco anos, quando o cafèzal começar a sofrer tal concorrência, se cobrir o solo com capim gordura, cessa êste estado de decadência. E, com o tempo, a concorrência desaparece. O ingàzeiro passa a ser um aliado, ao envés de corcorrente".

Essas as palavras iniciais do dr. Paulo Whitaker, que se encontrava acompanhado do dr. Pedro Corrêa Neto, um dos paladinos dos sombreamento entre nós. Em poucas frases conseguiu êle sintetizar, com absoluta precisão, a essência do problema e as bases de sua experiência, que vem atraindo à fazenda SANTA CLARA DA SERRA, em Mococa, numerosos interessados e estudiosos.

Continuando sua exposição, disse-nos o dr. Whitaker que, 6 anos depois de plantados os ingàzeiros, a **broca** diminuiu sensìvelmente, sendo que o "bicho mineiro" e o "olho pardo" sòmente têm sido constatados nas falhas do ingàzeiro. Em sua fazenda, o ingàzeiro é plantado em ruas alternadas nos dois sentidos, cobrindo 4 pés de café, e à distância de 8 metros.

Informou-nos, a seguir, que o cafèzal sombreado, na florada de outubro, na parte que estava forrada com capim gordura, reteve tôda a flor, apresentando ótima carga, superior aos que não estavam forrados com êsse capim, e que ainda não dispunham da massa de folhas de ingàzeiros. Anteriormente, a lavoura da fazenda era tôda invadida pelo capim "marmelada", que constituía uma praga, além de permitir a erosão. No entanto, depois da cobertura com capim gordura a folhas de ingàzeiro, apareceu a "trapoeraba" que além de não prejudicar o cafeeiro, por ter raízes que vivem à flor da terra, retém as águas, evitando a erosão, e diminui o custeio, por só necessitar uma "limpa" por ano.

O dr. Paulo Whitaker, que estava já desanimado com os resultados do sombreamento, é hoje um entusiasta dêsse processo. Levaram-no a ganhar a batalha que parecia perdida, duas idéias: a da cobertura com o capim gordura (preferível a qualquer outro, por apodrecer mais fácilmente) e a de insistir, de persistir, de ter paciência. De fato, se tivesse cortado as árvores sombreadoras no 4.º, 5.º ou 6.º

**Os srs. Paulo de Barros Whitaker e Pedro Corrêa Neto, numa pose especial, exibem um ramo de cafeeiro da variedade Bourbon-Amarelo, caido ao pêso dos frutos.**

ano, quando os resultados pareciam negativos, sua vitória não estaria garantida. Conseguiu, agora, depois de uma luta de 7 anos, assegurar a lavoura sombreada e, depois de 20 anos, vencer a erosão, conseguindo uma produção regular, sem adubação, sem pragas, sem carpas, sem geadas ou ventos frios. Além disso, permite ao trabalhador um ambiente mais confortável, sem soalheiras intensas e sem poeira, tão comum nos mêses de colheita.

**Uma vista da cultura cafeeira da fazenda Santa Clara da Serra, agora tôda sombreada.**

Seus cafeeiros, de que alguns chegavam a contar até 70 anos, foram inteiramente recuperados pelo sombreamento. Êste, segundo, chegou a deduzir o esclarecido fazendeiro, não interfere na produção.

À sombra, há cafèzais que produzem muito e outros menos, o mesm acontecendo com os ensola-

**Aspecto do cafèzal sombreado da fazenda Santa Clara, vendo-se, no primeiro plano, a cobertura ao solo com capim gorduroso.**

rados, e isto foi também verificado no Campo Experimental da Secretaria da Agricultura, em Mocóca.

O sombreamento só foi experimentado em lavouras velhas e cansadas, daí o não se poder estabelecer diferença na produção, pois as novas culturas já encontram riqueza no solo.

Na cultura ensolarada é preciso trocar as plantas de 50 a 60 anos e quando terra branca de 20 em 20 anos. No regime sombreado, as lavouras são de duração pràticamente ilimitada.

Eis, em resumo, o que ouvimos e o que nos foi dado ver na Fazenda **Santa Clara da Serra.** Com esta, são já várias as fazendas paulistas e de outros Estados onde o sombreamento registrou um autêntico sucesso. Verdade é que, em outras, outras, verdadeiros fracassos têm sido consignados. A nosso ver, impõe-se a maior e mais ampla experimentação, em várias zonas, em terras e ambientes diversos. Não se pode condenar aprioristicamente o sombreamento. Talvez êle não seja uma panacéia; mas, experimentado com rigor, cuidado e persistência, acreditamos que muitos resultados poderá trazer à nossa cafeicultura, dando-lhe, possìvelmente, as condições de estabilidade e de qualidade que se faziam mister.

O trabalho que realizou o dr. Whitaker em Mococa é dêsses que merecem ser divulgados, porque se trata de obra patriótica, verdadeiro trabalho de utilidade publica.

(De "Lavoura e Criação de Dezembro 1953)

## O PRECEITO DO DIA

### AR LIVRE E RESPIRAÇÃO

O ar livre tem influência benéfica sôbre a respiração porque provoca o relaxamento dos músculos respiratórios. Dentro de casa, por causa do ar quente parado e úmido, as vias respiratórias conservam-se retraídas. Daí, a sensação de mal-estar e a deficientê renovação do ar nos pulmões.

**Procure renovar o ar dos pulmões, permanecendo tanto quanto possível ao ar livre.** — SNES.

# Estatística

# SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX | São Paulo, 15 de Fevereiro de 1954 | N.º 337

## DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
### SAFRA 1953-1954

### CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

| Estradas de Ferro | julho/dez. | 1.ª dezena janeiro | 2.ª dezena janeiro | 3.ª dezena janeiro | Totais |
|---|---|---|---|---|---|
| Santos a Jundiaí ..... | 98 536 | 1 022 | 11 796 | 8 191 | 119 545 |
| Sorocabana .......... | 885 137 | 5 743 | 11 184 | 6 682 | 908 746 |
| Paulista ............ | 2 140 840 | 5 599 | 7 551 | 6 656 | 2 160 646 |
| Mogiana ............ | 703 593 | 4 177 | 14 441 | 7 858 | 730 069 |
| Araraquara ......... | 747 266 | 1 180 | 5 368 | 1 412 | 755 226 |
| Noroeste do Brasil .. | 1 177 557 | 926 | 8 161 | 7 512 | 1 194 156 |
| Central do Brasil ... | 500 | — | — | 208 | 708 |
| Estrada de Rodagem . | 3 600 | — | — | — | 3 600 |
| **Total** ............ | **5 757 029** | **18 647** | **58 501** | **38 519** | **5 872 696** |
| SAFRA 52/53 ...... | 6 680 197 | 5 836 | 17 680 | 10 251 | 6 713 964 |

Nota: — Os despachos das EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

### CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

| Despachado | Rio de Janeiro | | Angra dos Reis | | Totais |
|---|---|---|---|---|---|
| | Ferroviário | Rodoviário | Ferroviário | Rodoviário | |
| julho/dezembro ....... | | | | | |
| 1.º dez. Janeiro ...... | 23 372 | 62 020 | — | — | 85 392 |
| 2.º " " ...... | 461 | 647 | — | — | 1 108 |
| 3.º " " ...... | 5 274 | 355 | — | — | 5 629 |
| | — | — | — | — | — |
| **Total** ............ | **29 107** | **63 022** | — | — | **92 129** |

### CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DEPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

| Estados Produtores | julho/dez. | 1.ª dezena janeiro | 2.ª dezena janeiro | 3.ª dezena janeiro | Totais |
|---|---|---|---|---|---|
| Paraná ............ | ** 514 197 | 6 864 | 17 648 | * 732 | 539 441 |
| Minas Gerais ........ | * 373 638 | * 676 | * 1 852 | * 4 082 | 380.248 |
| Goiás ............... | 72 480 | * 130 | * — | * 115 | 72 725 |
| Mato Grosso ....... | 1 780 | — | — | — | 1 780 |
| **Total** ............ | **962 095** | **7 670** | **19 500** | **4 929** | **994 194** |
| SAFRA 52/53 .... | 595 458 | 200 | 4 377 | 1 151 | 601 186 |

* — Incompletos.
** — E. F. P. S. C. dados retificados de acôrdo com as informações prestadas pela E. F. S.

## MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1953/1954 — (ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1954)

| Paulista | Despachado | Liberado | Cancelado | A liberar |
|---|---|---|---|---|
| Anteriores .......... | 2 699 028 | 2 698 815 | 213 | — |
| 1.ª dez. setembro ... | 440 227 | 439 999 | 228 | — |
| 2.ª " " ... | 397 428 | 396 903 | 120 | 405 |
| 3.ª " " ... | 463 292 | 356 900 | — | 106 392 |
| 1.ª " outubro ... | 340 187 | — | — | 340 187 |
| 2.ª " " ... | 306 732 | — | — | 306 732 |
| 3.ª " " ... | 364 664 | — | — | 364 664 |
| 1.ª " novembro ... | 175 273 | — | — | 175 273 |
| 2.ª " " ... | 168 962 | — | — | 168 962 |
| 3.ª " " ... | 138 091 | — | — | 138 091 |
| 1.ª " dezembro ... | 99 248 | — | — | 99 248 |
| 2.ª " " ... | 85 106 | — | — | 85 106 |
| 3.ª " " ... | 68 829 | — | — | 68 829 |
| 1.ª " janeiro ... | 18 647 | — | — | 18 647 |
| 2.ª " " ... | 58 454 | — | — | 58 454 |
| 3.ª " " ... | 38 519 | — | — | 38 519 |
| **Total** .......... | **5 862 687** | **3 892 617** | **561** | **1 969 509** |
| Despolpado .......... | 6 409 | 6 362 | — | 47 |
| Rodoviário .......... | 3 600 | 665 | 1 277 | 1 658 |
| **Total Geral** ....... | **5 872 696** | **3 899 644** | **1 838** | **1 971 214** |
| **Outros Estados (até 31 Jan. 54)** | | | | |
| Paranaense .......... | 539 441 | 257 560 | — | 281 881 |
| Mineiro .......... | 380 248 | 169 158 | 140 | 210 950 |
| Goiano .......... | 72 725 | 27 163 | — | 45 562 |
| Matogrossense ...... | 1 780 | — | — | 1 780 |
| **Total** .......... | **994 194** | **453 881** | **140** | **540 173** |

Safra 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial 1.080 sacas
" 51/52 — Apreendido .......................... 1.000 "
" 52/53 — Apreendido .......................... 12.930 "
TRANSITO ESPECIAL 409 sacas

## EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 1954

| CONTINENTES | PAÍSES | SACAS | TOTAIS |
|---|---|---|---|
| EUROPA: | Alemanha | 23.784 | |
| | Áustria | 3.672 | |
| | Bélgica | 7.870 | |
| | Dinamarca | 9.774 | |
| | Espanha | 2.825 | |
| | Finlândia | 65.549 | |
| | França | 32.774 | |
| | Grã-Bretanha | 2.000 | |
| | Grécia | 6.128 | |
| | Holanda | 49.300 | |
| | Islândia | 5.050 | |
| | Itália | 9.011 | |
| | Iugoslávia | 573 | |
| | Polônia | 3 333 | |
| | Suécia | 250 | |
| | Trieste | 550 | 222.443 |
| AMÉRICA DO NORTE: | Canadá | 650 | |
| | Estados Unidos | 78.857 | 79.507 |
| AMÉRICA DO SUL: | Argentina | 8.660 | |
| | Chile | 1.910 | |
| | Paraguai | 160 | |
| | Uruguai | 4.550 | 15.280 |
| ÁFRICA: | Egito | 3.666 | |
| | Sud. Africano | 50 | |
| | Tunísia | 250 | |
| | U. S. Africana | 4.386 | 8.352 |
| ÁSIA: | Aden | 125 | |
| | Chipre | 1.000 | |
| | Japão | 320 | 1.445 |
| | **Total p/ o exterior:** | | **327.027** |
| CABOTAGEM: | Sul | 150 | 150 |
| | TOTAL GERAL: | | **327.177** |

Consumo de bordo — 129 sacas.

# EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

NOVEMBRO DE 1953

Sacas de 60 quilos

| PORTOS DE EMBARQUES | Exterior | Consumo de bordo | Cabotagem | Total |
|---|---|---|---|---|
| **NOVEMBRO DE 1953** | | | | |
| Santos | 789 549 | 253 | 1 | 789 803 |
| Paranaguá | 469 154 | — | 700 | 469 854 |
| Rio de Janeiro | 428 572 | 62 | 370 | 429 004 |
| Vitória | 90 334 | 44 | 20 353 | 110 731 |
| Angra dos Reis | 6 822 | — | — | 6 822 |
| Recife | — | 15 | 450 | 465 |
| Salvador | 7 383 | — | 655 | 8 038 |
| **Total** | 1 791 814 | 374 | 22 529 | 1 814 717 |
| Janeiro | 1 203 946 | — | 24 323 | 1 228 269 |
| Fevereiro | 1 206 254 | — | 20 980 | 1 227 234 |
| Março | 1 358 791 | 305 | 18 897 | 1 377 993 |
| Abril | 991 020 | 341 | 26 360 | 1 017 721 |
| Maio | 792 405 | 416 | 40 822 | 833 643 |
| Junho | 997 565 | 539 | 24 158 | 1 022 262 |
| Julho | 875 759 | 583 | 36 094 | 912 436 |
| Agôsto | 1 367 927 | 444 | 56 642 | 1 425 013 |
| Setembro | 1 661 757 | 456 | 34 640 | 1 696 853 |
| Outubro | 1 655 851 | 540 | 50 214 | 1 706 605 |
| **Total de Jan.º a Novembro.** | **13 903 089** | **3 998** | **355 659** | **14 262 746** |

## O PRECEITO DO DIA

### AR LIVRE E SAÚDE

A vida ao ar livre aumenta a resistên-tência do organismo às doenças infeccio-sas.

**Mantenha seu organismo em condições de resistir às infecções, passando a maior parte do tempo ao ar livre e conservando bem ventilados o local de trabalho e a habitação. — SNES.**

## RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 1954

| DATA | Europa | América Norte | América Sul | Africa | Asia | Cabotagem | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 .......... | 3.798 | — | 1.140 | — | — | — | 4.938 |
| 5 .......... | — | 19.860 | — | — | — | — | 19.860 |
| 6 .......... | 6.876 | — | — | — | — | — | 6.876 |
| 7 .......... | 11.225 | 8.250 | — | — | — | — | 19.475 |
| 8 .......... | 4.583 | — | — | — | — | — | 4.583 |
| 11 .......... | 20.405 | 8.000 | 347 | — | — | — | 28.752 |
| 12 .......... | 23.872 | — | 3.246 | — | — | — | 27.118 |
| 13 .......... | — | 6.335 | — | — | — | — | 6.335 |
| 14 .......... | 5.513 | — | — | — | — | — | 5.513 |
| 15 .......... | — | 1.166 | 950 | — | — | — | 2.116 |
| 16 .......... | 3.485 | 16.000 | — | — | — | 150 | 19.635 |
| 18 .......... | 9.139 | 4.211 | — | 2.916 | 125 | — | 16.391 |
| 19 .......... | 250 | — | 1.030 | — | — | — | 1.280 |
| 21 .......... | 46.077 | 4.750 | 3.975 | — | 600 | — | 55.402 |
| 22 .......... | — | 3.250 | — | — | — | — | 3.250 |
| 23 .......... | 5.191 | — | — | — | — | — | 5.191 |
| 25 .......... | 16.146 | — | 1.910 | — | — | — | 18.056 |
| 26 .......... | 3.700 | — | — | — | — | — | 3.700 |
| 27 .......... | 29.473 | — | — | — | — | — | 29.473 |
| 28 .......... | 10.313 | 800 | — | — | — | — | 11.113 |
| 29 .......... | — | 1.000 | 2.682 | — | — | — | 3.682 |
| 30 .......... | 22.397 | 5.885 | — | 5.436 | 720 | — | 34.438 |
| TOTAL ... | 222.443 | 79.507 | 15.280 | 8.352 | 1.445 | 150 | 327.177 |

# MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

JANEIRO DE 1954

| DIA | ENTRADAS | | | | | | | | Despachos | Embarques | Vendas | Revertido ao estoque da Praça | Retirado do Estoque | Existência | Existência em poder do I.B.C. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Paulista | Mineiro | Goiano | Paranaense | Total | Liberado p/E[illegible] | Liberado p/EFS | Liberado p/Rodovia | | | | | | | |
| 2 | 17 789 | 670 | — | 1 545 | 20 004 | 134 | 7 000 | — | 14 749 | 8 909 | 8 539 | — | — | 1 645 032 | 438 |
| 4 | 17 606 | 700 | 500 | 1 200 | 20 006 | 130 | 7 006 | — | 10 476 | 10 965 | 60 584 | — | — | 1 654 073 | 438 |
| 5 | 17 669 | 675 | — | 1 700 | 20 044 | 104 | 10 020 | — | 18 621 | 25 112 | 52 240 | — | — | 1 649 005 | 438 |
| 6 | 18 198 | 658 | — | 1 145 | 20 001 | 101 | 10 000 | — | — | — | 28 167 | — | — | 1 669 006 | 438 |
| 7 | 18 228 | 650 | — | 1 150 | 20 028 | 1[illegible]5 | 10 013 | — | 24 092 | 27 096 | 78 557 | — | — | 1 661 938 | 438 |
| 8 | 17 656 | 650 | 500 | 1 195 | 20 001 | 101 | 10 000 | — | 38 895 | 24 437 | 112 468 | — | — | 1 657 502 | 438 |
| 9 | 17 585 | 800 | — | 1 625 | 20 010 | 119 | 9 001 | — | 13 791 | 19 614 | 62 544 | — | — | 1 657 898 | 438 |
| 11 | 21 693 | 610 | 500 | 1 200 | 24 003 | 150 | 9 003 | — | 19 974 | 30 120 | 66 886 | — | 1 796 | 1 649 985 | 438 |
| 12 | 21 969 | 2 353 | — | 1 190 | 25 612 | 146 | 11 006 | — | 27 122 | 23 853 | 31 998 | — | — | 1 651 644 | 438 |
| 13 | 21 056 | 2 300 | 500 | 1 645 | 25 501 | 140 | 11 001 | — | 18 712 | 26 391 | 40 256 | — | — | 1 650 754 | 438 |
| 14 | 21 062 | 2 448 | 500 | — | 24 010 | [illegible]0 | 15 010 | — | 7 925 | 12 650 | 39 659 | — | — | 1 662 114 | 438 |
| 15 | 23 394 | 2 333 | — | — | 25 727 | 1[illegible]4 | 15 023 | — | 52 395 | 14 656 | 11 899 | — | — | 1 673 185 | 438 |
| 16 | 21 566 | 1 900 | 500 | 600 | 24 566 | 1[illegible]2 | 11 004 | — | 21 229 | 16 901 | 5 121 | — | — | 1 680 850 | 438 |
| 18 | 20 059 | 2 000 | — | 2 953 | 25 012 | 141 | 11 011 | — | 35 518 | 20 798 | 8 562 | — | — | 1 685 064 | 438 |
| 19 | 21 147 | 1 999 | 400 | 1 455 | 25 001 | 1[illegible]0 | 12 001 | — | 13 755 | 37 964 | 6 813 | — | — | 1 672 101 | 438 |
| 20 | 21 832 | 2 000 | — | 1 200 | 25 032 | 1[illegible]9 | 12 003 | — | 4 637 | 49 166 | 10 631 | — | — | 1 647 697 | 438 |
| 21 | 21 932 | 2 003 | 500 | 570 | 25 005 | 1[illegible]3 | 8 022 | — | 6 693 | 20 903 | 26 372 | — | — | 1 652 069 | 438 |
| 22 | 22 115 | 2 610 | — | 873 | 25 598 | 1[illegible]9 | 8 199 | 580 | 14 528 | 8 783 | 21 757 | 250 | — | 1 669 134 | 438 |
| 23 | 22 506 | 2 000 | — | 635 | 25 141 | 1[illegible]4 | 10 027 | — | 16 063 | 6 357 | 11 071 | — | — | 1 687 918 | 438 |
| 27 | 22 508 | 1 500 | — | 998 | 25 006 | 1[illegible]0 | 10 006 | — | 15 861 | 3 179 | 18 760 | 365 | — | 1 710 110 | 438 |
| 28 | 20 925 | 2 031 | 1 000 | 1 045 | 25 001 | 1[illegible]1 | 12 000 | — | 40 487 | 14 909 | 20 442 | — | — | 1 720 202 | 438 |
| 29 | 21 987 | 2 020 | 1 000 | — | 25 007 | 1[illegible]7 | 10 000 | — | 41 758 | 18 378 | 23 511 | — | — | 1 726 831 | 438 |
| 30 | 22 004 | 2 000 | 1 000 | — | 25 004 | 1[illegible]4 | 10 000 | — | 1 386 | 45 003 | 23 721 | — | 10 | 1 706 822 | 438 |
| TOTAL | 472 486 | 36 910 | 6 900 | 23 924 | 540 220 | 30[illegible]4 | 238 356 | 580 | 458 667 | 466 144 | 770 558 | 615 | 1 806 | — | — |

# MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

**JANEIRO DE 1954**

| DIA | S. Paulo | M. Gerais | R. Janeiro | E. Santo | Bahia | Goias | Paraná | Total | Exterior | Cabotagem | Total | Retirado do mercado | Consumo local | Existência |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 | — | 28 103 | — | 2 070 | — | — | — | 30 173 | 4 938 | — | 4 938 | 86 | — | 455 724 |
| 5 | — | 21 104 | 2 442 | 919 | — | — | — | 24 465 | 19 860 | — | 19 860 | — | — | 460 329 |
| 6 | 2 014 | 20 386 | — | — | — | — | — | 22 400 | 6 876 | — | 6 876 | — | — | 475 853 |
| 7 | — | 12 693 | 965 | 6 576 | — | — | — | 20 234 | 19 475 | — | 19 475 | — | — | 476 612 |
| 8 | — | 16 493 | — | 9 370 | — | — | — | 25 863 | 4 583 | — | 4 583 | — | — | 497 892 |
| 11 | 1 420 | 7 826 | 3 570 | — | — | 350 | — | 13 166 | 28 752 | — | 28 752 | — | — | 482 306 |
| 12 | — | 9 671 | — | 3 630 | — | — | — | 13 301 | 27 118 | — | 27 118 | — | — | 468 489 |
| 13 | — | 5 207 | 450 | 4 468 | — | — | — | 10 125 | 6 335 | — | 6 335 | — | — | 472 279 |
| 14 | 1 625 | 6 442 | — | 925 | — | — | — | 8 992 | 5 513 | — | 5 513 | — | — | 476 758 |
| 15 | — | 6 178 | 780 | 1 267 | 300 | — | — | 8 525 | 2 116 | — | 2 116 | 400 | 20 000 | 461 767 |
| 16 | — | — | — | — | — | — | — | — | 19 485 | 150 | 19 635 | — | — | 442 132 |
| 18 | — | 5 059 | 25 | 3 571 | — | — | — | 8 655 | 16 391 | — | 16 391 | — | — | 434 396 |
| 19 | 763 | 5 583 | — | — | — | — | — | 6 346 | 1 280 | — | 1 280 | — | — | 439 462 |
| 21 | 247 | 5 699 | — | 6 242 | — | — | — | 12 188 | 55 402 | — | 55 402 | — | — | 396 248 |
| 22 | 2 830 | 7 183 | 1 170 | — | — | — | — | 11 183 | 3 250 | — | 3 250 | — | — | 404 181 |
| 23 | — | — | — | — | — | — | — | — | 5 191 | — | 5 191 | — | — | 398 990 |
| 25 | — | 9 095 | — | 6 550 | — | — | — | 15 645 | 18 056 | — | 18 056 | — | — | 395 579 |
| 26 | 5 077 | 7 334 | — | 2 168 | — | — | — | 14 579 | 3 700 | — | 3 700 | — | — | 407 458 |
| 27 | 3 088 | 6 441 | 123 | 659 | — | — | — | 10 311 | 29 473 | — | 29 473 | — | — | 388 296 |
| 28 | 635 | 8 333 | 1 820 | 9 435 | — | — | — | 20 223 | 11 113 | — | 11 113 | — | — | 397 406 |
| 29 | — | 4 702 | — | 1 915 | 710 | 735 | 2 2[illegible] | 10 342 | 3 682 | — | 3 682 | — | — | 404 066 |
| 30 | — | — | — | — | — | — | — | — | 34 438 | — | 34 438 | — | 20 000 | 349 628 |
| **Total** | **17 699** | **193 532** | **11 345** | **59 765** | **1 010** | **1 085** | **1 0[illegible]** | **286 716** | **327 027** | **150** | **327 177** | **486** | **40 000** | **—** |

# CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

| 1953 | Santos | R. Janeiro | Vitória | Bahia | Paranaguá | A. Reis | Recife | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Janeiro | 1 763 649 | 227 782 | 25 211 | 4 690 | 648 730 | 4 889 | 12 050 | 2 687 001 |
| Fevereiro | 1 761 752 | 277 372 | 31 003 | 13 870 | 564 861 | 11 897 | 13 454 | 2 674 209 |
| Março | 1 713 441 | 165 797 | 10 019 | 4 880 | 564 834 | 211 | 14 516 | 2 563 698 |
| Abril | 1 847 122 | 99 635 | 29 094 | 6 280 | 99 635 | — | 8 728 | 2 090 494 |
| Maio | 1 962 411 | 56 041 | 12 454 | 6 045 | 790 122 | — | 5 488 | 2 832 561 |
| Junho | 1 929 868 | 174 463 | 53 056 | 7 027 | 707 067 | — | 4 149 | 2 875 630 |
| Julho | 1 966 641 | 176 815 | 60 035 | 7 425 | 653 269 | — | 7 788 | 2 871 973 |
| Agôsto | 1 845 635 | 272 713 | 91 597 | 9 430 | 637 306 | — | 8 444 | 2 965 125 |
| Setembro | 1 945 220 | 351 121 | 75 046 | 9 823 | 621 381 | 10 357 | 13 053 | 3 026 001 |
| Outubro | 2 169 911 | 429 969 | 77 342 | 6 480 | 656 218 | 6 470 | 17 938 | 3 364 428 |
| Novembro | 1 981 690 | 417 653 | 56 653 | 5 565 | 569 436 | 748 | 17 301 | 3 049 046 |
| Novembro 1952 | 1 795 510 | 325 230 | 62 044 | 18 016 | 585 520 | 38 773 | 7 088 | 2 832 181 |
| " 1951 | 1 658 952 | 555 291 | 95 499 | 12 438 | 592 921 | 32 247 | 12 161 | 2 959 509 |
| " 1950 | 1 550 134 | 645 973 | 50 202 | 13 283 | 499 866 | 20 725 | 21 928 | 2 802 111 |
| " 1949 | 2 157 716 | 857 237 | 14 679 | 29 816 | 345 468 | 42 626 | 22 552 | 3 570 094 |

## ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 1954

| VIAS | PROCEDÊNCIA | | | | | | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | S. Paulo | M. Gerais | R. Janeiro | Esp. Santo | Paraná | Baía | Goiás | |
| E. F. C. do Brasil | 5.615 | 10.134 | — | — | — | — | — | 15.749 |
| E. F. Leopoldina | — | 22.655 | 1.853 | 14.207 | — | — | — | 38.715 |
| Regulador | — | — | — | 16.552 | — | — | — | 16.552 |
| Rodoviário | 12.084 | 160.743 | 9.492 | 29.006 | 2.280 | 1.010 | 1 085 | 215.700 |
| **TOTAIS:** | **17.699** | **193.532** | **11.345** | **59.765** | **2.280** | **1.010** | **1.085** | **286.716** |

## COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

**JANEIRO DE 1954**

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

| DIA | SANTOS | |
|---|---|---|
| | **Tipo 2** extra mole | **Tipo 4** extra mole |
| 4 | 67 50 | 66 50 |
| 5 | 69 00 | 67 75 |
| 6 | 69 25 | 68 00 |
| 7 | 69 75 | 68 50 |
| 8 | 72 50 | 71 50 |
| 11 | 73 00 | 72 00 |
| 12 | 73 50 | 72 50 |
| 13 | 74 75 | 73 50 |
| 14 | 74 50 | 73 25 |
| 15 | 71 75 | 70 50 |
| 18 | 69 25 | 68 00 |
| 19 | 69 00 | 67 75 |
| 20 | 71 75 | 70 30 |
| 21 | 72 25 | 71 00 |
| 22 | 72 25 | 71 00 |
| 25 | 72 25 | 71 00 |
| 26 | 71 75 | 70 50 |
| 27 | 72 25 | 71 00 |
| 28 | 72 25 | 71 00 |
| 29 | 73 00 | 71 75 |
| **Média** | **71 47** | **70 36** |

# COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

**JANEIRO DE 1954**

(Em Cr$ por 10 quilos)

| DIA | SANTOS | | | RIO | VITÓRIA |
|---|---|---|---|---|---|
| | Estilo Santos tipo 4 | Estilo Santos Riado tipo 4 | Sem descrição tipo 4 | Tipo 7 | Tipo 7 |
| 4 | 341 50 | 321 50 | 300 00 | 237 00 | 182 50 |
| 5 | 348 50 | 326 50 | 303 50 | 241 00 | 185 40 |
| 7 | 360 00 | 338 50 | 313 50 | 244 00 | 190 40 |
| 8 | 380 00 | 350 00 | 320 00 | 260 00 | 195 30 |
| 11 | 385 00 | 355 00 | 328 50 | 270 00 | 201 30 |
| 12 | 385 00 | 355 00 | 326 00 | 270 00 | 206 60 |
| 13 | 385 00 | 355 00 | 325 50 | 270 00 | 210 20 |
| 14 | 385 00 | 355 00 | 325 50 | 270 00 | 210 90 |
| 15 | 383 50 | 353 50 | 323 50 | 265 00 | 211 00 |
| 18 | 371 50 | 338 50 | 311 50 | 265 00 | 205 00 |
| 19 | 358 50 | 326 50 | 300 00 | 263 00 | 200 00 |
| 20 | 361 00 | 329 00 | 303 50 | — | 198 30 |
| 21 | 368 50 | 336 50 | 310 00 | 263 00 | 201 80 |
| 22 | 368 50 | 336 50 | 310 00 | 261 00 | 203 50 |
| 23 | — | — | — | — | — |
| 25 | — | — | — | 260 00 | 205 60 |
| 26 | — | — | — | 258 00 | 206 30 |
| 27 | 369 50 | 338 50 | 311 50 | 258 00 | 207 50 |
| 28 | 368 00 | 337 00 | 310 00 | 258 00 | 205 60 |
| 29 | 364 50 | 330 00 | 305 50 | 260 00 | 208 80 |
| **Média** | **369 62** | **340 15** | **313 41** | **259 61** | **201 89** |

# COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Janeiro de 1954

CAFÉS ESTRANGEIROS

| PROCEDÊNCIA | DIAS | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | 6 | 13 | 20 | 27 | MÉDIA |
| COLÔMBIA: | | | | | |
| Medelin Exelso ...... | (2) 68 1/2 | (2) 75 00 | (2) 72 00 | (2) 73 1/4 | 72 3/16 |
| Armenia ............ | (2) 68 1/2 | (2) 75 00 | (2) 72 00 | (2) 73 1/4 | 72 3/16 |
| Manizales .......... | (2) 68 1/2 | (2) 75 00 | (2) 72 00 | (2) 73 1/4 | 72 3/16 |
| Cucuta ............ | (2) 68 1/4 | (2) 74 3/4 | (2) 71 1/2 | (2) 73 00 | 73 7/8 |
| Bogotá ............ | (2) 68 1/4 | (2) 74 3/4 | (2) 71 1/2 | (2) 73 00 | 73 7/8 |
| Tolima ............ | (2) 68 1/4 | (2) 74 3/4 | (2) 71 1/2 | (2) 73 00 | 73 7/8 |
| Ocana ............ | (2) 68 1/4 | (2) 74 3/4 | (2) 71 1/2 | (2) 73 00 | 73 7/8 |
| COSTA RICA: | | | | | |
| Duro .............. | N/cot. | N/cot. | N/cot. | N/cot. | — |
| Atlântico Fino ....... | " | " | " | " | — |
| EQUADOR | | | | | |
| Lavado ............ | (6) 64 00 | (6) 70 00 | (6) 71 00 | (6) 71 00 | 69 00 |
| Extra não lavado ... | (6) 57 1/2 | (6) 59 00 | (2) 62 00 | (6) 63 00 | 60 3/8 |
| GUATEMALA: | | | | | |
| Antigua ........... | N/cot. | N/cot. | N/cot. | N/cot. | — |
| Extra primeira ...... | " | " | " | " | — |
| Lavado bom ........ | " | " | " | " | — |
| Bourbon .......... | " | " | " | " | — |
| HAITÍ: | | | | | |
| Lavado bom môle .. | (6) 65 1/2 | (2) 71 00 | (2) 70 00 | (2) 71 00 | 69 3/8 |
| Catado á mão ....... | (6) 63 00 | (6) 68 00 | (2) 68 00 | (2) 68 00 | 66 3/4 |
| HONDURAS: | | | | | |
| Lavado bom ......... | N/cot. | N/cot. | N/cot. | N/cot. | — |
| Tipo 5 — Comum duro | " | " | " | " | — |
| MÉXICO: | | | | | |
| Coatepec .......... | (1) 66 00 | (*) 72 3/4 | N/cot. | (2) 72 1/4 | 70 21/64 |
| Tapachula primeira .. | N/cot. | N/cot. | " | (2) 71 00 | 71 00 |
| Maragogipe ........ | " | " | " | N/cot. | — |

# COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Janeiro de 1954

CAFÉS ESTRANGEIROS

| PROCEDÊNCIA | DIAS | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | 6 | 13 | 20 | 27 | MÉDIA |
| NICARAGUA: | | | | | |
| Matagalpa ......... | " | " | " | " | — |
| Lavado primeira .... | " | " | " | " | — |
| EL SALVADOR: | | | | | |
| Lavado ............ | " | " | " | " | — |
| Não lavado ......... | " | " | " | " | — |
| S. DOMINGOS: | | | | | |
| Lavado bom móle ... | (1) 64 3/4 | (2) 69 1/2 | " | (2) 60 00 | 67 3/4 |
| Fino ............... | (2) 66 1/4 | (2) 70 1/2 | " | (2) 70 00 | 68 29/32 |
| VENEZUELA: | | | | | |
| Maracaibo ......... | (1) 67 00 | (2) 73 1/4 | " | (2) 72 00 | 70 3/4 |
| Trujillo ........... | | | | | |
| CONGO BELGA: | | | | | |
| Lavado robusta ...... | N/cot. | (2) 71 00 | (2) 69 1/4 | (2) 71 00 | 70 13/32 |
| Natural robusta ..... | (1) 53 00 | (2) 57 1/2 | (2) 55 3/4 | (2) 58 00 | 56 00 |
| MÓCA: | | | | | |
| Móca (Arábia) ...... | (1) 67 1/2 | (2) 72 1/2 | (2) 71 1/4 | (2) 73 00 | 71 1/16 |
| N.E.I. | | | | | |
| Genuino Java lavado . | (6) 70 00 | (2) 72 1/2 | (2) 71 00 | (2) 75 00 | 72 1/8 |
| Lavado robusta ...... | | | | | |
| Natural Java robusta | | | | | |
| UGANDA: | | | | | |
| Lavado ............ | (6) 53 00 | (2) 57 1/2 | (2) 55 00 | (2) 55 00 | 55 1/8 |

INDICAÇÕES:

(1) C. & F. U.S.A. ( Nova York)
(2) Desembarcado á vista liquido
(3) Disponível
(4) F.O.B. (Nova York)
(5) F.O.B. País de procedência
(6) Nominal
(*) Embarque em Fevereiro

# Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "S"

JANEIRO DE 1954

| DIA | MARÇO | | MAIO | | JULHO | | SETEMBRO | | DEZEMBRO | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | A | F | A | F | A | F | A | F | A | F |
| 4 | 66 44 | 67 30 | 66 60 | 67 55 | 66 70 | 67 60 | 66 25 | 66 90 | 65 80 | 66 70 |
| 5 | 67 95 | 67 35 | 68 00 | 67 74 | 67 80 | 67 75 | 67 06 | 67 02 | 66 89 | 66 80 |
| 6 | 67 60 | 68 55 | 68 28 | 68 90 | 68 02 | 68 80 | 67 22 | 68 30 | 67 02 | 67 90 |
| 7 | 68 30 | 68 75 | 68 77 | 69 05 | 68 60 | 69 05 | 68 20 | 68 48 | 67 94 | 68 20 |
| 8 | 69 56 | 70 20 | 69 80 | 70 50 | 69 80 | 70 50 | 69 30 | 70 18 | 69 29 | 69 80 |
| 11 | 72 20 | 71 77 | 72 50 | 72 00 | 72 50 | 72 00 | 72 10 | 71 38 | 71 80 | 71 15 |
| 12 | 71 83 | 72 95 | 72 45 | 73 50 | 72 50 | 73 40 | 71 97 | 72 51 | 71 50 | 72 25 |
| 13 | 73 40 | 72 75 | 73 56 | 73 00 | 73 56 | 73 00 | 72 90 | 72 35 | 72 60 | 72 20 |
| 14 | 73 10 | 71 10 | 73 50 | 71 50 | 73 50 | 71 50 | 73 00 | 71 00 | 72 30 | 70 30 |
| 15 | 69 10 | 69 10 | 69 50 | 69 50 | 69 50 | 69 50 | 69 00 | 69 00 | 68 40 | 68 30 |
| 18 | 67 25 | 67 10 | 67 60 | 67 50 | 67 60 | 67 50 | 67 00 | 67 00 | 66 30 | 66 30 |
| 19 | 66 00 | 67 50 | 66 00 | 67 60 | 65 60 | 67 60 | 65 00 | 67 00 | 64 30 | 66 30 |
| 20 | 69 50 | 69 60 | 69 60 | 69 60 | 69 60 | 69 60 | 69 00 | 69 00 | 68 30 | 68 30 |
| 21 | 71 50 | 70 50 | 71 60 | 70 60 | 71 50 | 70 50 | 70 50 | 69 65 | 70 30 | 69 10 |
| 22 | 69 50 | 70 00 | 69 50 | 70 00 | 69 50 | 69 90 | 68 30 | 69 05 | 67 55 | 68 50 |
| 25 | 69 36 | 69 68 | 69 45 | 69 70 | 69 70 | 69 62 | 68 95 | 68 80 | 68 50 | 68 26 |
| 26 | 69 68 | 71 68 | 69 75 | 71 70 | 69 62 | 71 62 | 68 93 | 70 80 | 68 40 | 70 25 |
| 27 | 72 45 | 70 45 | 72 55 | 70 60 | 72 62 | 70 62 | 71 60 | 69 80 | 71 35 | 69 35 |
| 28 | 69 55 | 70 45 | 69 50 | 70 70 | 69 20 | 70 65 | 68 15 | 69 85 | 67 75 | 69 35 |
| 29 | 70 80 | 71 10 | 71 10 | 71 00 | 71 30 | 70 90 | 70 25 | 70 00 | 69 90 | 69 50 |
| **Média** | **69 75** | **69 89** | **69 98** | **70 11** | **69 94** | **70 08** | **69 23** | **69 40** | **68 80** | **68 94** |

# CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

## I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

### JANEIRO DE 1954

| DIA | LONDRES libra | NOVA YORK dólar | SUIÇA franco | PORTUGAL escudo | ARGENTINA peso | URUGUAI peso | SUECIA corôa |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,25 25 | 3,64 02 |
| 5 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,25 18 | 3,64 02 |
| 6 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 12 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,23 18 | 3,64 02 |
| 7 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,41 92 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,23 18 | 3,64 02 |
| 8 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 12 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,21 12 | 3,64 02 |
| 9 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 12 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,18 06 | 3,64 02 |
| 11 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 12 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,18 06 | 3,64 02 |
| 12 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 12 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,15 03 | 3,64 02 |
| 13 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,15 03 | 3,64 02 |
| 14 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 5,15 03 | 3,64 02 |
| 15 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 5,15 03 | 3,64 02 |
| 16 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 5,14 03 | 3,64 02 |
| 18 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,14 03 | 3,64 02 |
| 19 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,12 03 | 3,64 02 |
| 21 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,12 03 | 3,64 02 |
| 22 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,12 03 | 3,64 02 |
| 23 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,09 55 | 3,64 02 |
| 25 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,09 55 | 3,64 02 |
| 26 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,10 54 | 3,64 02 |
| 27 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,11 04 | 3,64 02 |
| 28 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 12 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,11 04 | 3,64 02 |
| 29 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 12 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,09 06 | 3,64 02 |
| 30 ............. | 52,69 60 | 18,72 00 | 4,42 30 | 0,65 07 | 1,35 20 | 6,06 12 | 3,64 02 |
| **Média** ....... | **52,69 60** | **18,72 00** | **4,42 23** | **0,65 07** | **1,35 20** | **6,10 66** | **3,64 02** |

# CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

## II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

JANEIRO DE 1954

| DIA | LONDRES libra | NOVA YORK dólar | SUIÇA franco | PORTUGAL escudo | ARGENTINA peso | URUGUAI peso | SUECIA corôa |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 6,00 98 | 3,55 13 |
| 5 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,99 02 | 3,55 13 |
| 6 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 79 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,99 02 | 3,55 13 |
| 7 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 60 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,99 02 | 3,55 13 |
| 8 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 79 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,97 07 | 3,55 13 |
| 9 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 79 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,94 17 | 3,55 13 |
| 11 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 79 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,94 17 | 3,55 13 |
| 12 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 79 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,91 30 | 3,55 13 |
| 13 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,91 30 | 3,55 13 |
| 14 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,91 30 | 3,55 13 |
| 14 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,91 30 | 3,55 13 |
| 16 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,90 35 | 3,55 13 |
| 18 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,90 35 | 3,55 13 |
| 19 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,88 46 | 3,55 13 |
| 21 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,88 46 | 3,55 13 |
| 22 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,88 46 | 3,55 13 |
| 23 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,86 11 | 3,55 13 |
| 25 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,86 11 | 3,55 13 |
| 26 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,87 05 | 3,55 13 |
| 27 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,67 52 | 3,55 13 |
| 28 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 79 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,67 52 | 3,55 13 |
| 29 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 79 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,85 65 | 3,55 13 |
| 30 | 51,40 80 | 18,36 00 | 4,27 97 | 0,63 28 | 1,31 61 | 5,82 86 | 3,55 13 |
| **Média** | **51,40 80** | **18,36 00** | **4,27 59** | **0,63 28** | **1,31 61** | **5,89 46** | **3,55 13** |

# CÂMBIO EM SÃO PAULO

**Médias diárias de CÂMBIO LIVRE, afixadas pela Bolsa de Valôres de São Paulo, durante o mês de DEZEMBRO DE 1953**

| DIAS | Inglaterra | Canadá | Estados Unidos | Uruguai | Alemanha | Suíça | Suécia | Dinamarca | Argentina | Portugal | Espanha | Bélgica | França | Itália |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 .............. | 139,1833 | — | 53,4198 | — | — | 12,6700 | 7,7000 | 5,8684 | — | 1,9322 | 1,3467 | 0,9758 | 0,1350 | 0,0770 |
| 3 .............. | 141,9533 | — | 53,8601 | 18,8500 | — | 11,8161 | 8,0137 | — | — | 1,9288 | 1,3500 | 0,9047 | 0,1350 | — |
| 2 .............. | 149,6726 | — | 53,8618 | 18,9000 | — | 12,6380 | 7,5000 | 6,2000 | 2,6500 | 1,9163 | 1,3395 | 0,9800 | 0,1340 | 0,0800 |
| 4 .............. | 147,9772 | 57,0000 | 55,3205 | 18,9000 | — | 12,8515 | 7,1307 | 5,0098 | 2,7000 | 1,9273 | 1,4000 | — | 0,1389 | 0,0820 |
| 5 .............. | 148,2380 | 57,0000 | 55,1640 | — | 12,0000 | 12,3000 | — | 6,3000 | 2,2000 | 1,9142 | 1,4000 | — | — | 0,0820 |
| 7 .............. | 149,0200 | — | 55,0189 | — | — | 12,8539 | 8,2000 | — | — | 1,9424 | — | — | 0,1391 | — |
| 9 .............. | 145,1713 | — | 54,5972 | — | — | 12,7954 | — | - | — | 1,9470 | 1,3919 | 1,1250 | 0,1352 | — |
| 10 .............. | 147,3806 | 57,0000 | 54,4955 | — | — | 12,7000 | 8,6255 | — | 2,7500 | 1,9263 | 1,4000 | 1,0100 | — | 0,0850 |
| 11 .............. | 147,7452 | — | 54,6326 | — | — | 13,1000 | 7,9900 | — | — | 1,9260 | 1,4000 | 0,9923 | 0,1210 | - |
| 12 .............. | 148,0679 | — | 54,7039 | — | — | 12,8602 | 9,0000 | — | 2,7500 | 1,9341 | 1,4000 | 1,0500 | 0,1350 | 0,0860 |
| 14 .............. | 148,0235 | — | 54,9239 | 18,8700 | — | 12,8184 | 7,9500 | 6,0000 | — | 1,9334 | 1,4000 | 1,0389 | 0,1210 | — |
| 15 .............. | 149,7219 | — | 55,2971 | — | — | 12,9172 | — | — | 2,8000 | 1,9551 | 1,4000 | 0,8310 | 0,1400 | 0,0830 |
| 16 .............. | 152,8231 | — | 56,0085 | — | — | 13,1419 | — | 6,2500 | 2,8008 | 1,9763 | 1,4213 | 0,8330 | 0,1210 | 0,0850 |
| 17 .............. | 154,9602 | 58,5000 | 56,6548 | 18,7000 | — | 13,4000 | 8,1000 | 6,1000 | 2,8500 | 1,9809 | 1,4500 | 0,8297 | — | 0,0900 |
| 18 .............. | 158,3934 | — | 57,1882 | — | — | — | 9,0000 | 6,3498 | — | 1,9481 | 1,4500 | 0,9500 | 0,1100 | |
| 19 .............. | 156,8041 | — | 58,5013 | — | — | 13,6334 | — | — | 2,9000 | 2,0099 | 1,4952 | - | — | 0,0900 |
| 21 .............. | 160,9560 | — | 58,2660 | — | — | 13,7500 | 9,0000 | 6,0000 | — | 1,9949 | — | - | 0,1210 | — |
| 22 .............. | 158,2941 | — | 59,1679 | 18,5000 | — | 13,6233 | 8,0000 | — | 2,8500 | 1,9570 | 1,4937 | 1,0098 | 0,1235 | — |
| 23 .............. | 157,5893 | — | 58,1605 | 19,8666 | — | 13,6303 | 9,5200 | 6,0000 | 2,8500 | 2,0932 | 1,5500 | 1,1200 | 0,1251 | - |
| 24 .............. | 157,0781 | 59,5000 | 57,8789 | — | — | 13,6500 | 9,5000 | 6,2500 | — | 2,0568 | 1,3000 | — | — | 0,0870 |
| 28 .............. | 158,1121 | — | 56,9835 | — | — | 13,5400 | 7,9000 | — | — | 2,0148 | — | — | — | — |
| 29 .............. | 154,7090 | — | 56,4855 | 18,9800 | — | 13,1115 | — | — | 2,7000 | 2,0894 | 1,4383 | 1,0700 | 0,1250 | — |
| 30 .............. | 155,9768 | — | 55,6777 | — | — | 13,0333 | 8,6000 | 6,2000 | — | 2,0221 | 1,3750 | 1,0000 | 0,1461 | 0,0900 |
| **Média** ........ | **151,6456** | **57,8000** | **55,9247** | **18,9458** | **12,0000** | **13,0379** | **8,3370** | **6,0440** | **2,7334** | **1,9707** | **1,4100** | **0,9825** | **0,1297** | **0,0847** |

# ÍNDICE

COLABORAÇÃO:



RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:



ESTATÍSTICA

# CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

**VALOR DAS DIVERSAS MOEDAS EM DOLAR — JANEIRO DE 1954**

| DIA | Londres £ | Montreal $ | R. Janeiro Cr$ | B. Aires pêso | Montevidéo peso | Paris franco | Berna franco | Stockolmo côroa | Madrid peseta | Lisbôa escudo | Bélgica franco | Amsterdan guilder | Brasil $ oficial |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 ....... | 2,81 3/16 | 1,02 11/16 | 0,01 83 | 0,07 25 | 0,33 12 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 65 | 0,03 50 | 0,0200 3/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 5 ....... | 2,81 3/16 | 1,02 23/32 | 0,01 81 | 0,07 25 | 0,33 12 | 0,0028 5/8 | 0,23 31 | 0,19 35 | 0,02 65 | 0,03 50 | 0,0200 3/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 6 ....... | 2,81 1/4 | 1,02 21/32 | 0,01 81 | 0,07 25 | 0,33 12 | 0,0028 5/8 | 0,23 30 1/2 | 0,19 35 | 0,02 65 | 0,03 50 | 0,0200 3/4 | 0,26 43 | 0,05 50 |
| 7 ....... | 2,81 1/8 | 1,02 9/16 | 0,01 85 | 0,07 25 | 0,33 12 | 0,0028 5/8 | 0,23 31 1/2 | 0,19 35 | 0,02 65 | 0,03 50 | 0,0200 3/4 | 0,26 43 | 0,05 50 |
| 8 ....... | 2,81 1/16 | 1,02 19/32 | 0,01 88 | 0,07 25 | 0,33 12 | 0,0028 5/8 | 0,23 31 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 9/16 | 0,26 43 | 0,05 50 |
| 11 ....... | 2,81 3/16 | 1,02 19/32 | 0,02 04 | 0,07 25 | 0,33 00 | 0,0028 5/8 | 0,23 31 1/2 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 1/2 | 0,26 43 | 0,05 50 |
| 12 ....... | 2,81 1/8 | 1,02 31/32 | 0,01 98 | 0,07 25 | 0,32 62 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 43 | 0,05 50 |
| 13 ....... | 2,81 3/16 | 1,02 13/16 | 0,01 98 | 0,07 25 | 0,32 62 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 14 ....... | 2,81 3/16 | 1,02 13/16 | 0,01 92 | 0,07 25 | 0,32 75 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 15 ....... | 2,81 3/16 | 1,02 15/16 | 0,01 92 | 0,07 25 | 0,32 75 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 16 ....... | 2,81 1/4 | 1,02 31/32 | 0,01 90 | 0,07 25 | 0,32 75 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 18 ....... | 2,81 1/4 | 1,02 7/8 | 0,01 83 | 0,07 25 | 0,32 62 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 19 ....... | 2,81 1/4 | 1,02 7/8 | 0,01 83 | 0,07 25 | 0,32 62 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 35 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 20 ....... | 2,81 3/16 | 1,02 27/32 | 0,01 88 | 0,07 25 | 0,32 75 | 0,0028 5/8 | 0,23 31 1/2 | 0,19 35 | 0,02 36 | 0,03 50 | 0,0200 3/8 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 21 ....... | 2,81 1/4 | 1,02 7/8 | 0,01 91 | 0,07 25 | 0,32 75 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 36 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 22 ....... | 2,81 1/4 | 1,02 15/16 | 0,01 88 | 0,07 25 | 0,32 50 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 36 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 25 ....... | 2,81 1/4 | 1,02 15/16 | 0,01 88 | 0,07 25 | 0,32 50 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 36 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 43 | 0,05 50 |
| 26 ....... | 2,81 1/8 | 1,02 31/32 | 0,01 88 | 0,07 25 | 0,32 37 | 0,0028 5/8 | 0,23 32 | 0,19 35 | 0,02 36 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 43 | 0,05 50 |
| 27 ....... | 2,81 3/16 | 1,03 3/16 | 0,01 90 | 0,07 25 | 0,32 37 | 0,0028 5/8 | 0,23 31 1/2 | 0,19 35 | 0,02 36 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 28 ....... | 2,81 1/4 | 1,03 1/16 | 0,01 88 | 0,07 25 | 0,32 37 | 0,0028 5/8 | 0,23 31 1/2 | 0,19 35 | 0,02 36 | 0,03 50 | 0,0200 1/4 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| 29 ....... | 2,81 1/4 | 1,03 1/32 | 0,01 88 | 0,07 25 | 0,32 37 | 0,0028 5/8 | 0,23 31 1/2 | 0,19 35 | 0,02 36 | 0,03 50 | 0,0200 1/2 | 0,26 42 | 0,05 50 |
| **Média ..** | **2,81 3/16** | **1,02 23/64** | **0.01. 89** | **0,07 25** | **0,32 72** | **0,0028 5/8** | **0,23 31 11/16** | **0,19 35** | **0,02 41** | **0,03 50** | **0,0200 25/64** | **0,26 42** | **0,05 50** |

## — AVISOS —

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

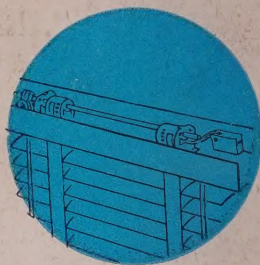
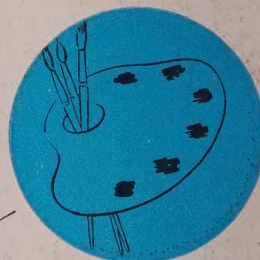
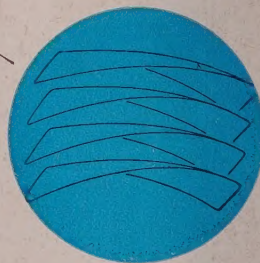
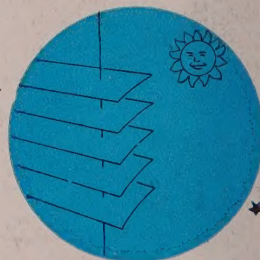
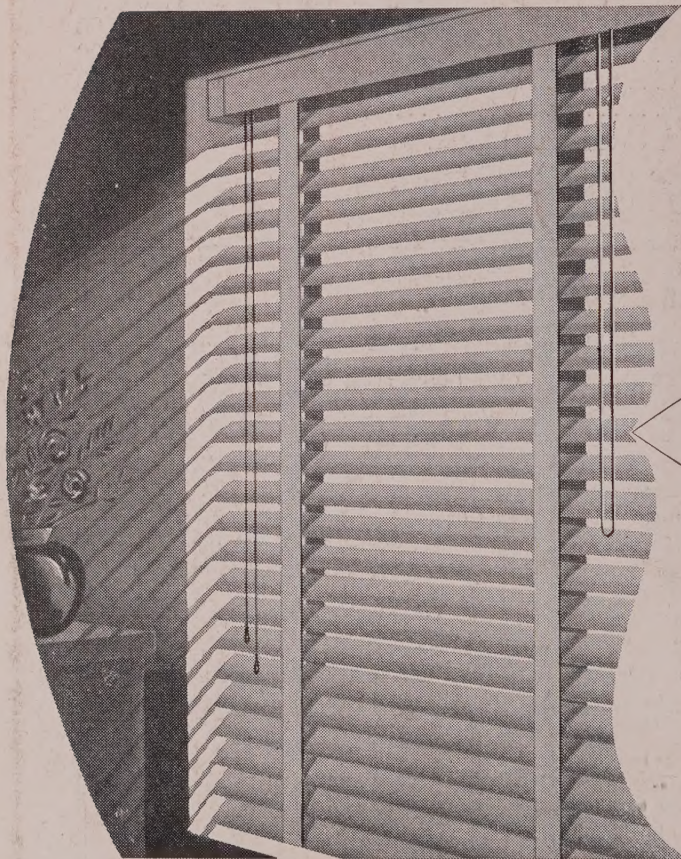
São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

Ao adquirir persianas, observe em primeiro lugar a sua qualidade! SUNLIGHT emprega em seu fabrico materiais rigorosamente selecionados.

As persianas SUNLIGHT possuem um novo processo, pois a feitura de seu estôjo INTEIRAMENTE DE METAL, qualificam-na como a melhor.

As côres maravilhosas das persianas SUNLIGHT embelezam o ambiente.

As persianas SUNLIGHT primam pela alta qualidade de suas lâminas de alumínio flexível e esmaltadas a fogo.

Controlando a luz solar e graduando o ar, as persianas SUNLIGHT tornam o ambiente mais agradavel.

**ESCRITÓRIO:**
Rua Xavier de Toledo, 266 - 9º, s/95 e 96 - Tel. 32-9579
**FÁBRICA:** Rua Backer, 646 - Tel. 31-9031 - SÃO PAULO